

Coleção
Fábulas Indianas – Pañcatantra
Vol. 2

पञ्चतन्त्रम्
PAÑCATANTRA

Cinco Tratados

Coleção de narrativas populares da Índia antiga ≈ século I d.C.

Livros II e III

Organização e Tradução do sânscrito para o português

Maria da Graça Tesheiner
Marianne Erps Fleming
Maria Valéria Aderson de Mello Vargas



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Coleção
Fábulas Indianas – Pañcatantra
Vol. 2

पञ्चतन्त्रम्
PAÑCATANTRA
Livros II e III



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Paulo Martins

Vice-Diretora: Ana Paula Torres Megiani

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Rua do Lago, 717 – Cid. Universitária
05508-080 – São Paulo – SP – Brasil
Tel. (11) 3091-0458
e-mail: editorafflch@usp.br

DOI 10.11606/9786587621968

Coleção
Fábulas Indianas – Pañcatantra
Vol. 2

पञ्चतन्त्रम्

PAÑCATANTRA

Cinco Tratados

Coleção de narrativas populares da Índia antiga \cong século I d.C.

Livro II e III

Organização e Tradução do sânscrito para o português

Maria da Graça Tesheiner
Marianne Erps Fleming
Maria Valéria Aderson de Mello Vargas



São Paulo, 2022

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação da FFLCH/USP
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

P188 Pañcatantra [recurso eletrônico] : cinco tratados : livros II e III / Organização e tradução do sânscrito para o português por Maria da Graça Tesheiner, Marianne Erps Fleming, Maria Valéria Aderson de Mello Vargas. — São Paulo : FFLCH/USP, 2022.
1.126 Kb ; PDF. — (Fábulas indianas – Pañcatantra, v. 2)

Coleção de narrativas populares da Índia antiga ≅ século I d.C.

ISBN 978-65-87621-96-8
DOI 10.11606/9786587621968

1. Literatura védica. 2. Literatura indiana clássica. 3. Fábula (Coletânea).
I. Série. II. Tesheiner, Maria da Graça. III. Fleming, Marianne Erps. IV. Vargas, Maria Valéria Aderson de Mello.

CDD 891.22



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Commons* indicada

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Coordenação Editorial
M^a. Helena G. Rodrigues – MTb n. 28.840

Capa
Angela Susan Fleming

Projeto Gráfico e Diagramação
Selma Consoli – MTb n. 28.839

Revisão
Thomaz Kawauche

यो मित्राणि करोत्यत्र न कौटिल्येन वर्तते।
न स दुःखं पराभूतेः प्राप्नोति हि कथंचन ॥

Quem constrói amizades aqui no mundo
e não procede com hipocrisia
nunca sentirá a dor da humilhação.

यदि न स्यान्नरपतिः सम्यङ्गता ततः प्रजा।
अकर्णधारा जलधौ विप्लवेतेह नौरिव ॥

Se o soberano não for um líder adequado,
o povo flutuará à deriva no mundo,
como uma nau sem timoneiro no oceano.



SUMÁRIO



Prefácio	11
Equivalência de sinais	15

Pañcatantra

Livro II

AAquisição de Amigos	19
Fábula I - A história de Hiranyaka e Tāmracūḍa	41
Fábula II - A venda de gergelim descascado	47
Fábula III - O montanhês e o javali	53
Fábula IV - A história de Sāgaradatta	65
Fábula V - A história de Somilaka	77
Fábula VI - O touro chamado Tikṣṇaviṣāna	85

Livro III

A história dos corvos e das corujas	107
Fábula I - O grande elefante Caturdanta	125
Fábula II - A lebre e Kapiñjala	133
Fábula III - O brâmane Mitraçarman	143
Fábula IV - A serpente Atidarpa	149
Fábula V - O brâmane e a serpente	157
Fábula VI - Os cisnes de ouro	161

Fábula VII - O casal de pombos e o caçador de pássaros	167
Fábula VIII - O brâmane chamado Droṇa	175
Fábula IX - A história de Devaçakti	181
Fábula X - A história de Simbhuka	189
Fábula XI - A história de Kharanakhara	193
Fábula XII - A serpente chamada Mandaviṣa	203
Fábula XIII - A história do brâmane Yajñadatta	209
Bibliografia	217

PREFÁCIO

 presente volume integra uma série de três conjuntos de textos traduzidos da coleção de fábulas indianas *Pañcatantra* (*Cinco Tratados*), compiladas em sânscrito, por volta do século I de nossa era. Figura como mais um dos resultados do projeto de tradução das fábulas dessa coleção indiana, originalmente desenvolvido, como trabalho de iniciação científica, pela aluna Maria da Graça Tesheiner, com a colaboração de Marianne Erps Fleming, bacharel em sânscrito pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O projeto, orientado pela Professora Maria Valéria Aderson de Mello Vargas, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP, previa originalmente a tradução do primeiro livro da referida coleção. Transformou-se, entretanto, após o período de concessão da bolsa do CNPq, numa proposta maior de tradução dos cinco livros. Tal proposta, levada a efeito pelas duas alunas e pela orientadora – que passou a traduzir uma parte das fábulas e a fazer a revisão de todo o texto – já resultou na publicação, pela Editora Humanitas, em 2003 (2ª ed. 2004), do primeiro volume da série, que apresenta as fábulas traduzidas do primeiro livro da coleção original.

Reúnem-se, neste segundo volume, os textos dos Livros II e III do *Pañcatantra*, intitulados, respectivamente, **A Aquisição de Amigos** e **A História dos Corvos e das Corujas**.

Cada um desses livros compõe-se de um “fio narrativo”, uma espécie de narrativa-quadro, que se desenvolve por meio da inser-

ção de muitas fábulas, originadas umas das outras, para exemplificar ou mesmo justificar algum procedimento adotado pelos personagens. Essas histórias são entremeadas de versos (os *çloka*, em sânscrito), que contêm os preceitos dos códigos de moral e de ética da Índia antiga, principalmente os do Código de Leis de Manu (*Manavadharmaçāstra*, ou *Manuṣmṛti*) e os do Tratado de Kāmandaki (*Kāmandakīyanītisāra*). Justifica-se, assim, uma definição comum, entre os estudiosos da literatura sânscrita, de que o *Pañcatantra* constitui-se um verdadeiro tratado sobre a conduta (*nitiçāstra*). Além disso, são retomadas, nas narrativas e também nos versos da coleção, variadas passagens do *Mahābhārata* e do *Rāmāyana*, os dois famosos poemas épicos da Índia antiga.

Desse modo, além de diversão e de conhecimento, pode-se encontrar nessa coleção de fábulas um precioso material para o estudo de questões como o dialogismo, a intertextualidade, a polifonia, a subjetividade, as práticas discursivas, os mecanismos de produção de sentido. Interessante é buscar, por exemplo, a caracterização de sujeito enunciador que, nesses textos, se revela por meio do diálogo promovido com outros sujeitos, que, embora de épocas distintas e de culturas distantes, compartilham, com aquele, traços universais do comportamento humano.

Ademais, analisar os efeitos de sentido provocados pelo diálogo entre os textos dessa coleção e os textos das histórias de tantos outros povos é buscar as condições sociohistóricas em que os textos se manifestam, é reportar-se à memória, é, enfim, compreender por que são ditos e reconhecer as peculiaridades dos mais variados modos de dizer. Assim, é comum, durante a leitura das histórias do *Pañcatantra*, por exemplo, a da fábula “O brâmane e a serpente”, encontrar vestígios, de temas como o da avidez, perpetuado na fábula esópica “A galinha dos ovos de ouro”, ou reconhecer, na união que se promove entre os amigos para a defesa contra o mais forte (Livro II), os temas da amizade e da força resultante da

união dos quatro animais do famoso conto dos irmãos Grimm, “Os músicos de Bremen”.

As fábulas do *Pañcatantra* são narradas pelo brâmane Viṣṇuçarman, para atender ao apelo de um rei, preocupado com a educação dos filhos, príncipes que não se devotavam ao aprendizado dos procedimentos adequados à classe guerreira. A “voz” desse narrador mistura-se a todo instante com as mais diversas “vozes” dos personagens que questionam, narram histórias, lançam preceitos e citam pensamentos e ações de famosos personagens do universo indiano de narrativas. A intenção mais imediata e explícita dessas histórias situa-se, portanto, na busca por despertar nos príncipes o interesse pelo que um *kṣatriya* deve saber: os princípios de conduta na guerra, nos momentos de paz, no tratamento dos subalternos, nas relações com as mulheres e assim por diante. Há, porém, implicitamente, a intenção de colocar em discussão o comportamento humano, de conduzir o leitor/ouvinte dessas histórias e preceitos à análise das próprias atitudes, uma vez que se mostram conseqüências boas ou más advindas da adoção de procedimentos que envolvem a solidariedade, a união, a ambição, a inveja, a traição, a cupidez, o ódio etc.

O Livro II – **A Aquisição de Amigos** – traz como narrativa-quadro a história de um corvo, que estabelece fortes laços de amizade com um rato, com quem passa o tempo a conversar sobre os preceitos morais e éticos e a narrar uma série de histórias. Ambos, embora representantes de espécies inimigas por natureza, põem em prática o que discutem, principalmente sobre a amizade e a solidariedade, e passam a compor, com uma tartaruga e uma gazela, um quarteto de grandes e inseparáveis amigos.

O Livro III – **A História dos Corvos e das Corujas** – que também integra o presente volume, compõe-se de histórias e de preceitos de moral e de ética, relacionados, predominantemente, às seis ações que um príncipe, futuro guerreiro, deve conhecer para

aplicar em ocasiões de enfrentamento ou de política exterior: o acordo, a discórdia, a marcha, a defesa de uma posição, o refúgio e a duplicidade. Diante de um impasse gerado pela provocação incessante dos corujas, o rei dos corvos convoca seus ministros e os consulta acerca de que procedimento seria mais conveniente a adotar para a solução do problema. Cada um dos ministros, por sua vez, expõe as vantagens e as desvantagens daquelas seis ações que deveriam ser do conhecimento da classe guerreira. O corvo vai, então, adotar um dos procedimentos sugeridos pelo ministro de sua maior confiança.

Como já se procedeu no primeiro volume desta série, aqui também se apresenta uma tradução o mais próxima possível do texto original, acompanhada de uma expressiva quantidade de notas, dispostas no rodapé das próprias páginas, com vistas a esclarecer o leitor e a tornar seu trabalho de leitura mais fácil, já que poderá encontrar ali, por exemplo, o significado dos nomes próprios dos personagens das fábulas, nomeados, muitas vezes, de acordo com sua personalidade, seu modo de agir ou sua função no enredo, e, ainda, explicações de episódios de outras obras, citados principalmente nos versos que contêm os ensinamentos.

Também como no volume anterior, a fonte principal do texto sânscrito foi a edição de Kāle (Delhi, 1^a ed. 1912) e, sempre que se fez necessário, consultou-se a edição de Bühler (Bombay, 1868, 1869) e a de Çrīçyāmācaraṇapāṇḍeya (Vārāṇasī, 1975), que também apresentam o texto sânscrito original. Para o cotejo entre traduções, foram utilizadas as obras de Bolufer (Madrid, 1908), a de Lancereau (Paris, 1871), a de Chandiramani (New Delhi, 1991), a de Ryder (Bombay, 1992) e a de Robles e Gil (Lisboa, 1975).

Maria Valéria A. M. Vargas

**EQUIVALÊNCIA DE SINAIS (ENTRE OS ALFABETOS *DEVANĀGARĪ*
E LATINO, DE ACORDO COM O
CONGRESSO DE ORIENTALISTAS DE GENEBRA, DE 1894)**

Vogais:

अ	a	a breve, como em “bola”.
आ	ā	a longo, como em “vaso”.
इ	i	i breve, como em “única”.
ई	ī	i longo, como em “colina”.
उ	u	u breve, como em “buraco”.
ऊ	ū	u longo, como em “madura”.
ऋ	r̄	r vocálico breve, como em “carne”, como é pronunciado no interior de S. Paulo.
ॠ	r̄̄	r vocálico longo, como o anterior, mas mais prolongado.
ऌ	l̄	l vocálico breve, como em “sul”, como é pronunciado no Rio Grande do Sul.
ॡ	l̄̄	l vocálico longo, como o anterior, mas mais prolongado.
ए	e	e (fechado), como em “pena”.
ऐ	ai	ai, como em “pai”.
ओ	o	o (fechado), como em “Roma”.
औ	au	au, como em “causa”.

Consoantes:

क	k	k, como em “casa”.
ख	kh	k aspirado, como em “ <i>inkhorn</i> ”, em inglês.
ग	g	g, como em “gato”.
घ	gh	g aspirado, como em “ <i>loghut</i> ”, em inglês.
ङ	ñ	n gutural, como em “manga”.
च	c	c, como em “ <i>dolce</i> ”, em italiano, ou como na expressão gaúcha “ <i>tché</i> ”.
छ	ch	ch aspirado, como em “ <i>churchhill</i> ”, em inglês.
ज	j	j, como em “ <i>jump</i> ”, em inglês, ou no nome próprio “Djalma”.

ख	jh	j aspirado, como em “ <i>hedgehog</i> ” (he jh og), em inglês.
ञ	ñ	n palatal, como em “ <i>anjo</i> ”.
ट	ṭ	t cacuminal (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>true</i> ”, em inglês.
ठ	ṭh	t cacuminal aspirado (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>anthill</i> ”, em inglês.
ड	ḍ	d cacuminal (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>drum</i> ”, em inglês.
ढ	ḍh	d cacuminal aspirado (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>redhaired</i> ”, em inglês.
ण	ṇ	n cacuminal (com a ponta da língua tocando o céu da boca), como em “ <i>none</i> ”, em inglês.
त	t	t , como em “ <i>tudo</i> ”.
थ	th	t aspirado, como em “ <i>nuthook</i> ”, em inglês.
द	d	d , como em “ <i>dado</i> ”.
ध	dh	d aspirado, como “ <i>adhere</i> ”, em inglês.
न	n	n , como em “ <i>nada</i> ”.
प	p	p , como em “ <i>pata</i> ”.
फ	ph	p aspirado, como em “ <i>uphill</i> ”, em inglês.
ब	b	b , como em “ <i>bola</i> ”.
भ	bh	b aspirado, como em “ <i>abhor</i> ”, em inglês.
म	m	m , como em “ <i>amor</i> ”.
य	y	i semi-vogal, como em “ <i>história</i> ”.
र	r	r , como em “ <i>para</i> ”.
ल	l	l , como em “ <i>mola</i> ”.
व	v	v , como em “ <i>ovo</i> ”.
श्	ç	ch , como em “ <i>chave</i> ”.
ष	ṣ	ch cacuminal, como em “ <i>shun</i> ”, em inglês.
स	s	s , como em “ <i>sapo</i> ”.
ह	h	h aspirado, como em “ <i>hear</i> ”, em inglês.

Outros sinais:

- ṁ, ṃ (Anusvāra) indicação de nasalização da vogal precedente, como em “*bom*”.
- : ḥ (Visarga) indicação de aspiração da vogal precedente.



LIVRO II





A AQUISIÇÃO DE AMIGOS



omeça aqui o segundo livro, intitulado **A Aquisição de Amigos**, cuja primeira estrofe é esta:

Mesmo desprovidos de riquezas, os sábios versados nos Veda¹ alcançam facilmente seus objetivos, como sucedeu com o corvo, o rato, a gazela e a tartaruga. (1)²

Assim, eis o que se conta:

Havia, entre as regiões do Decão, uma cidade chamada Mahilāropya³. Não muito distante dali, existia uma grande e frondosa figueira; seus frutos eram degustados por diversos pássaros, suas cavidades serviam de morada aos insetos e sua sombra confortava multidões de viajantes. Melhor dizendo:

A árvore em cuja sombra adormece a gazela e que possui as folhas cingidas por pássaros em revoada, e, ainda, cavidades onde habitam

¹ Veda, nome dado ao conjunto dos quatro livros da sabedoria. Todo brâmane era obrigado a conhecer de cor pelo menos o primeiro desses livros.

² Como no 1º volume, os números entre parênteses indicam a ordem em que são apresentados, no texto original, em *devanāgarī*, os versos interpolados à narrativa. A maioria dessas estrofes metrificadas são *çloka*, designação do conjunto de dois versos de dezesseis sílabas cada um. Como as regras de metrifcação do português são outras, preferimos ser fiéis ao conteúdo dos textos, sem utilizar metrifcação nem rimas.

³ Mahilāropya, “formosa como uma donzela”.

miríades de insetos, troncos que sustentam bandos de macacos e flores sugadas serenamente pelas abelhas, é uma árvore que merece ser louvada, pois dá prazer a uma multidão de diferentes criaturas; caso contrário, é um fardo para a terra. (2)

Naquela árvore morava um corvo chamado Laghupatanaka.⁴ Certo dia, quando ia para a cidade em busca de alimento, viu-se diante de um homem que tinha pele escura, pés espalmados e cabelo eriçado e que segurava uma rede. Tinha a aparência de um servo de Yama.⁵

Ao vê-lo, o corvo, com o coração aflito, pensou:

— Esse desalmado vem agora na direção da figueira onde moro. Quem pode saber se haverá, ou não, matança dos pássaros que aqui vivem?

Examinando a questão sob vários aspectos, retornou em seguida para a árvore e disse a todas as aves:

— Atenção! Um caçador desalmado aproxima-se, tendo nas mãos uma rede e sementes de cereais. Vocês não devem confiar nele de jeito nenhum. Ele vai armar a rede e depois espalhar os grãos. Considerem esses grãos como se fossem o veneno *kālakūṭa*⁶.

Enquanto ele assim falava, o caçador chegou ao pé da figueira, armou a rede e espalhou grãos parecidos com frutos de *sinduvāra*⁷. Depois, afastou-se um pouco e escondeu-se.

Mas os pássaros que estavam por ali, contidos pelo verdadeiro “ferrolho” das palavras de Laghupatanaka, encararam os grãos como se fossem brotos de *hālāhala*⁸ e ficaram imóveis.

⁴ Laghupatanaka, “que voa rapidamente”.

⁵ Yama, nome do deus dos mortos.

⁶ *kālakūṭa*, nome do veneno, produzido na batidura do oceano e bebido por Çiva, para salvar o mundo. Segundo a lenda, por ter tomado esse veneno, Çiva tem o pescoço azul.

⁷ *sinduvāra*, *Vitex Negundo*, planta medicinal.

⁸ *hālāhala*, nome de uma planta venenosa, a partir da qual se prepara um veneno mortal.

Entretanto o rei dos pombos chamado Citragrīva⁹, voando em círculos à procura de alimento, com uma comitiva de mil súditos, viu os grãos ao longe e, devido à gula, apesar de prevenido pelo corvo, voou para baixo a fim de comer os grãos e foi capturado, juntamente com seus acompanhantes. Há um modo mais sábio de dizer isto:

A morte inesperada acontece para os que se entregam à gula ou para os habitantes do meio das águas, sejam eles peixes ou homens imprudentes. (3)

E mais: isso ocorre por adversidade do destino. A culpa não é deles. Costuma-se dizer:

Por que o descendente de Pulastya¹⁰ não reconheceu como crime o rapto da esposa de outro? Por que Rāma¹¹ não percebeu que não existe uma gazela de ouro? Por que Yudhiṣṭhira¹², sem querer, caiu na desgraça pelo jogo de dados? Sempre desaparece a inteligência dos que ficam com a mente transtornada pela iminente adversidade. (4)

E também:

⁹ Citragrīva, “que tem o pescoço multicolorido”.

¹⁰ Pulastya, nome de um antigo sábio, avô de Rāvaṇa, adversário de Rāma, na epopéia *Rāmāyaṇa* (“Aventuras de Rāma”). O príncipe Rāma (filho de Daçaratha, rei de Ayodhyā) foi banido do reino devido a intrigas de sua madrasta Kaikeyī, decidida a assegurar o trono para Bharata, filho dela com Daçaratha. Rāma foi viver na floresta, acompanhado por Sītā, sua esposa, e pelo irmão Lakṣmaṇa. Rāvaṇa, rei de Lañkā, raptou Sītā. Para resgatá-la, Rāma contou com a ajuda de Hanumat, chefe dos macacos, e destruiu o inimigo. Sītā, porém, teve de submeter-se ao julgamento pelo fogo, a fim de provar sua castidade.

¹¹ Rāma ou Rāmacandra, herói do poema épico *Rāmāyaṇa*.

¹² Yudhiṣṭhira, um dos heróis do poema épico *Mahābhārata*, cujo núcleo narrativo consiste na história da grande guerra de dezoito dias travada entre os Pāṇḍava (os cinco filhos de Pāṇḍu) e os Kaurava (os cem filhos de Dhṛtarāṣṭra), com a participação de quase todos os reis da Índia, que apoiavam um exército ou outro.

A inteligência daqueles que são apanhados nas armadilhas de Kṛtānta,¹³ ou daqueles cujas mentes são feridas pelo destino, segue por veredas enganadoras, mesmo que homens eminentes a possuam. (5)

Em seguida, o caçador percebeu que havia capturado os pombos e, contentíssimo, lançou-se para matá-los erguendo um bastão.

Citragrīva, compreendendo que ele próprio e seu bando estavam presos e vendo o caçador aproximar-se, disse aos companheiros:

— Oh! Não devemos ter medo, pois dizem:

Aquele cuja inteligência não fica obscurecida diante de todas as calamidades, sem dúvida, suplanta-as completamente por força dessa mesma inteligência. (6)

Os grandes têm uma única atitude, na prosperidade ou na adversidade, assim como Savitrī¹⁴ é vermelho no nascente e é vermelho no poente. (7)

— Se voarmos juntos levando a rede ao mesmo tempo e se sairmos do raio de visão do caçador, conseguiremos libertar-nos. Do contrário, se o medo vos desorientar e não alçarmos o vôo juntos imediatamente, então encontraremos a morte. E se diz:

Fios, embora finos e compridos, mas numerosos e iguais, resistem a muitos esforços por sua quantidade. O mesmo acontece com as pessoas sábias.¹⁵ (8)

Assim fizeram. E o caçador, que ficara para trás em terra, corria no encalço dos que fugiam pelo céu com a rede. Depois, olhando para cima, recitou esta estrofe:

¹³ Kṛtānta, “que produz o fim”; epíteto de Yama, deus dos mortos.

¹⁴ Savitrī, “estimulador”; nome do sol personificado.

¹⁵ Este *çloka* está no *Mahābhārata*, V, 36, 59.

Levando consigo a rede, partem esses pássaros que se mantêm unidos, mas tão logo comecem a desentender-se, cairão. Não há dúvida. (9)

Abandonando a procura por alimento, o corvo Laghupatanaka, curioso por saber o que aconteceria depois, seguiu-os de perto.

Então o caçador percebeu que os fugitivos ficavam além do seu campo visual. Sem esperança, desistiu e recitou outras estrofes:

O que não deve acontecer não acontece e o que deve acontecer acontece até sem esforço; mesmo o que está na palma da mão desaparece quando não há necessidade de sua existência. (10)

Quando o destino é adverso, se acontece de alguma forma um ganho de riqueza, esta se vai e arrebatada algo mais, como o tesouro Çaṅkha¹⁶. (11)

— Tanto a obtenção de carne de pássaros quanto a rede, que era o instrumento de subsistência da família, estão perdidos para mim — concluiu o homem.

Citragrīva, notando que já não se via mais o caçador, disse aos súditos:

— Ufa! O perseguidor desalmado desistiu. Vamos todos, então, com segurança, até o lado nordeste de Mahilāropya. Lá, um rato de nome Hiranyaka¹⁷, que é meu amigo, cortará a armadilha que nos prende, pois se diz:

Quando surgem calamidades para os mortais, somente o amigo traz ajuda, mesmo que apenas com palavras. (12)

Assim, guiados por Citragrīva, os pombos chegaram à toca-fortaleza de Hiranyaka, na cidade de Mahilāropya. O rato vivia

¹⁶ Çaṅkha, nome de um dos nove tesouros de Kubera, deus da riqueza.

¹⁷ Hiranyaka, “que é de ouro” ou “que possui muito ouro”.

feliz e em perfeita segurança em sua caverna de mil entradas. Ou pode-se dizer melhor:

Serpente sem presas e elefante sem cio são dominados por todos, tal como o rei sem fortaleza.¹⁸ (13)

O resultado que, na guerra, os reis não conseguem com mil elefantes, nem com cem mil cavalos, conquista-se com uma fortaleza.¹⁹ (14)

Atrás de uma trincheira, um único arqueiro resiste a cem; por isso os experientes em ciências políticas exaltam a fortaleza.²⁰ (15)

Aproximando-se da caverna, o rei dos pombos chamou com voz forte:

— Ei, ei, amigo Hiranyaka, venha rápido! Estou em séria dificuldade!

O rato, que se encontrava no interior da fortaleza, ouviu-o e perguntou:

— Quem é? Para que veio? Por quê? Qual é a sua dificuldade? Conte-me.

O pombo respondeu:

— Ei, sou seu amigo chamado Citagrīva, rei dos pombos. Venha rápido! O motivo é muito importante.

Ao escutá-lo, o outro saiu com presteza e decisão, tendo o coração alegre e os pêlos arrepiados de prazer. Ou, dito de outro modo:

A morada de donos magnânimos é sempre visitada por amigos imbuídos de afeto e que alegam os olhos. (16)

¹⁸ Estrofe igual à de número 235 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 129).

¹⁹ Estrofe que se assemelha à de número 231 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 128).

²⁰ Estrofe igual à de número 232 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 128).

A felicidade gerada no coração de quem tem amigos que sempre freqüentam seu lar é tanta, que nem no céu deve existir igual. (17)

No entanto, ao ver as aves presas na armadilha, Hiranyaka perguntou desconsolado:

— O que aconteceu?

O rei dos pombos respondeu:

— Ora, se você está vendo, por que pergunta? Pois se diz:

Por que, com que, quando, como, para que e onde ocorre uma boa ou má ação? Todas as circunstâncias são regidas pela vontade do des-tino. (18)

— Pois é — continuou ele —, caí neste laço por avidez da língua. Agora, liberte-me logo desta armadilha.

Ouvindo isso, o rato disse:

Um pássaro detecta a presença de carne até mesmo à distância de cento e cinqüenta *yojana*²¹, mas não percebe o laço do destino que está a seu lado. (19)

— E assim — ele prosseguiu:

Observando os eclipses do sol e da lua, a prisão de elefantes, serpentes e pássaros, e a penúria dos sábios, meu pensamento é: “Ai! A lei do destino é poderosa!”. (20)

As aves que voam pelo vazio do céu encontram o infortúnio; os peixes do oceano de águas profundas são capturados pelos experientes. Qual é, no mundo, a conduta imprópria? E qual a boa ação? Qual a virtude na conquista de um posto? Mesmo de longe, Kāla²², de mãos estendidas, apodera-se de todas as criaturas. (21)

²¹ *yojana*, medida de distância, correspondente a 5 milhas.

²² Kāla, “tempo”, divindade que é a personificação do tempo.

Assim dizendo, já começava a cortar o laço de Citagrīva, quando este ponderou:

— Amigo, não faça isso. Primeiro, corte o laço dos meus súditos e só depois o meu.

— Ora — Hiranyaka protestou ofendido —, não é correto o que o senhor pede, pois os subordinados sempre vêm depois do rei.

Citragrīva rebateu:

— Não fale assim, amigo. Todas estas pobres criaturas dependem de mim. Além disso, abandonaram seu próprio lar para seguir-me. Como posso, então, não lhes prestar esse tanto de consideração? Diz-se:

Quando o protetor da terra sempre demonstra consideração aos súditos, estes nunca o abandonam, mesmo que o vejam sem riquezas. (22)

A confiança é a raiz da concórdia; por isso o elefante é o senhor da manada, enquanto o leão, embora tenha a soberania entre os animais selvagens, não é cercado por eles. (23)

— Além disso — continuou Citragrīva —, em algum momento, enquanto você corta o meu laço, pode quebrar um dente ou o caçador desalmado pode aparecer. Aí cairei certamente no inferno, pois se diz:

O soberano que consegue ser feliz, enquanto os súditos trabalhadores estão em desespero, vai para o lugar de tormento no outro mundo e definha aqui na terra. (24)

Ouvindo-o, Hiranyaka exultou:

— Oh! Eu conheço o dever do rei; estava apenas testando Vossa Majestade. Cortarei antes os laços de todos os súditos. Com esse modo de ser, o senhor terá sempre um séqüito de muitos pombos, pois se diz:

O monarca que sempre tem compaixão por seu povo e com ele compartilha seus bens merece ser guardião até dos três mundos²³. (25)

Dito isso, Hiranyaka cortou as cordas de todos e voltou-se para Citagrīva:

— Amigo, todos podem ir para casa agora, mas, se acontecer uma nova calamidade, retornem.

Despedindo-se deles, entrou em sua caverna, enquanto Citagrīva e sua comitiva voltavam para sua terra. Com certeza, pode-se assim dizer:

Quem tem amigos tem sucesso em negócios difíceis de serem executados; deve-se, por isso, fazer amigos entre os próprios semelhantes. (26)

Depois de ver que o bando de Citagrīva estava livre da rede, Laghupatanaka pensou admirado:

— Céus! Esse Hiranyaka é inteligente, forte e dono de uma bem-equipada fortaleza. Que modo tão especial de libertar os pássaros da armadilha! Eu não confio em ninguém e sou de natureza inconstante. Mesmo assim, quero fazer dele um amigo, como aconselham:

Os sábios, mesmo vivendo na abundância, devem fazer amigos; o oceano, mesmo estando cheio, aguarda o nascer da lua. (27)

Tendo assim ponderado, o corvo desceu da árvore, foi para a entrada da toca de Hiranyaka e chamou-o com voz semelhante à de Citagrīva:

— Ei! Venha, venha, Hiranyaka, venha cá!

²³ Na cosmologia da Índia antiga, segundo as lendas, o cosmos é resultante da divisão de um ovo primordial, de modo que a metade inferior é a terra, a metade superior é o céu e a região intermediária é a atmosfera. Essas três partes são designadas como mundos.

— Será que algum pombo continua amarrado à rede e, por isso, está me chamando? — pensou o rato, ouvindo o chamado. — Olá, quem é o senhor?

— Sou o corvo chamado Laghupatanaka —, respondeu o outro.

Ao ouvi-lo, Hiranyaka disse, escondendo-se mais:

— Fora! Vá-se embora daqui o quanto antes!

— Eu me aproximei do senhor por uma razão importante — o corvo exclamou. — Por que o senhor não quer me ver?

— Não tenho motivo para encontrá-lo —, retorquiu o rato.

O corvo insistiu:

— Eu vi de perto quando o senhor libertou Citragrīva da rede e passei a ter-lhe grande simpatia. Se alguma vez eu mesmo for aprisionado, espero que me liberte. Conceda-me sua amizade.

— Bah! — Hiranyaka zombou, — você é o comedor e eu sou a comida! Que amizade posso ter por você? Vá-se embora, essa amizade é incompatível por natureza, pois:

Entre dois cuja riqueza é idêntica e entre dois cuja nobreza é a mesma, a amizade e o casamento são possíveis; porém não entre o mal alimentado e o bem alimentado.²⁴ (28)

— E também:

É insensato o tolo que se faz amigo de um desigual; seja inferior, seja superior, esse homem torna-se ridículo. (29)

— Vá embora! — completou ele.

O corvo disse:

²⁴ Estrofe igual à de número 284 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 151).

— Por favor, Hiranyaka, eu estou sentado à porta da sua fortaleza. Se o senhor me conceder sua amizade, então viverei. Caso contrário, ficarei sentado e sem alimento à espera da morte.

— Ora — ponderou o rato —, como posso iniciar amizade com você, que é inimigo? E é dito:

Com o inimigo não se deve fazer acordo, nem que seja bem garantido; a água, por mais quente que esteja, apaga o fogo. (30)

Insistiu Laghupatanaka:

— Mas, se ainda não nos vimos, de onde veio essa hostilidade? Por que o senhor está dizendo esse disparate?

— A hostilidade — sentenciou o rato — existe por duas maneiras: inata e adquirida. Ora, você é nosso inimigo natural, pois:

A inimizade adquirida desaparece rapidamente com as virtudes produzidas pelas ações; a inimizade natural não tem fim, sem o sacrifício da vida. (31)

— Por favor — o corvo pediu —, quero ouvir algo sobre as características dos dois tipos de hostilidade. Explique-me.

Hiranyaka explicou:

— Bem, a inimizade adquirida desaparece quando há um bom motivo: vai-se embora por efeito de um benefício que lhe seja equivalente. A inata, porém, não se vai de modo nenhum. Por exemplo: entre mangustos e serpentes, entre animais comedores de ervas e animais armados de garras, entre água e fogo, entre deuses e demônios, entre cães e gatos, entre ricos e pobres, entre mulheres de um mesmo marido, entre leões e elefantes, entre caçadores e gazelas, entre ímpios e piedosos, entre néscios e sábios, entre virtuosas e libertinas, entre nobres e plebeus. Quando um não mata o outro, tornam suas vidas angustiantes.

— Bah! — retrucou o corvo — isso não tem fundamento.
Ouça o que eu digo:

Por algum motivo cria-se a amizade; por algum motivo também se cria a inimizade; por essa razão, neste mundo, o sábio deve buscar a amizade e não a inimizade. (32)

— Exatamente por isso — o corvo insistiu —, faça comigo uma aliança que expresse os deveres da amizade.

Mas Hiraṇyaka respondeu:

— Ora, conheça a quintessência da política:

Quem deseja reconciliar-se com o amigo que se tornou inimigo acolhe a morte, como a mula que acolhe o feto.²⁵ (33)

— Ou então — ele continuou —, se alguém diz: “Eu sou virtuoso, ninguém me retribuirá com hostilidade!”, isso também não é provável, porque assim se argumenta:

Um leão tirou a preciosa vida de Pāṇini, autor da Gramática; um elefante esmagou, sem premeditação, o sábio Jaimini, criador do sistema filosófico Mīmāṃsā; junto à praia, um monstro marinho matou Piṅgala, que possuía o conhecimento da Métrica. De que valem as virtudes das bestas que são irascíveis e que têm a mente envolta em ignorância?²⁶ (34)

²⁵ Essa estrofe dá a entender que uma mula morre quando engravida. A crença generalizada é a da infertilidade da mula, pois ela é o produto do cruzamento entre um cavalo (64 cromossomos) e uma jumenta (62 cromossomos) e possui quase sempre 63 cromossomos. Os óvulos desse animal, então, ficam sem condições de formar pares reprodutores, de modo que sua reprodução é raríssima.

²⁶ Pāṇini, nome do autor da gramática sânscrita considerada a primeira; Jaimini, nome do criador da Mīmāṃsā, um dos principais sistemas filosóficos indianos; Piṅgala, nome do suposto autor de um tratado sobre prosódia.

O corvo insistiu:

— Que seja isso, mas, assim mesmo, escute-me:

Entre os homens, a amizade nasce devido aos benefícios; entre as feras e os pássaros, por um motivo qualquer; entre os tolos, por medo ou cobiça; entre os homens de bem, por um simples olhar. (35)

O homem mau é como um pote de argila: quebra com facilidade e dificilmente é recuperado; o homem bom, porém, é como um pote de ouro: difícil de quebrar e fácil de reconstituir. (36)

A amizade entre os homens de bem é como os gomos da cana-de-açúcar, que, a partir do topo, se tornam mais e mais doces, de nó em nó; entre os maus, porém, ocorre o contrário. (37)

— E assim:

Grande no começo e definhando aos poucos, pequena no início e crescente depois: as amizades entre os malvados e entre os virtuosos são distintas, como as sombras, durante a primeira e a segunda metade do dia. (38)

— Eu afirmo que sou bom e, além disso, poderei tranquilizá-lo com promessas e outros juramentos.

Hiraṇyaka respondeu:

— Não tenho confiança em suas promessas e, ademais, os sábios dizem:

Não se deve confiar num traiçoeiro, mesmo quando faz aliança com promessas; Vṛtra, apesar de ter feito um voto de não-agressão com Indra, foi destruído por este.²⁷ (39)

²⁷ Vṛtra é uma personagem demoníaca, na literatura védica. De acordo com os textos, ele se tornara muito forte, a ponto de engolir todo o universo. Indra e os outros

Um inimigo, mesmo dentre os deuses, se não obteve confiança, não tem sucesso; o feto de Diti foi esquartejado pelo divino Indra, por causa da confiança.²⁸ (40)

— Por outro lado:

O sábio que desejar para si riqueza, vitalidade e alegrias não deverá, nesse caso, confiar nem mesmo em Bṛhaspati.²⁹ (41)

— E então — continuou o rato:

Mesmo por pequena brecha, aos poucos, o inimigo passa ao interior e depois, como uma inundação faz ao barco, pode destruí-lo. (42)

Não se deve confiar em quem desconfia, nem se deve confiar no confiante; o perigo que brota da confiança extirpa até as raízes. (43)

deuses foram pedir ajuda ao senhor dos deuses, Viṣṇu, que os aconselhou a promover um acordo entre Indra e Vṛtra. Ouvindo a proposta dos deuses, Vṛtra exigiu não ser morto nem por Indra, nem por outros deuses; nem com algo seco, nem molhado; nem por arma, nem por raio; nem de dia, nem de noite. Então, em certa ocasião, à beira-mar, na hora do crepúsculo (nem dia, nem noite), subiam do oceano grandes massas de espuma (nem seca, nem molhada; também não era arma). Envolvendo seu raio com a espuma, Indra lançou-a sobre Vṛtra e o matou.

²⁸ Estrofe igual à de número 116 do primeiro livro desta coleção (cf. 1º volume, p. 59). Refere-se ao episódio lendário em que a deusa Diti pediu a seu esposo, Kaśyapa, um filho mais poderoso do que Indra. Para consegui-lo, deveria manter-se absolutamente pura durante os cem anos de gestação; mas, certa noite, no último ano, esqueceu-se das abluções antes de dormir. Com isso, Indra conseguiu penetrar em seu útero, dividindo o feto em sete partes e depois, cada uma em outras sete, dando origem aos quarenta e nove **Marut**, nome genérico das divindades dos ventos. Essa estrofe também é encontrada no *Harivaṃśa* (“Família de Hari”), suplemento ou apêndice do *Mahābhārata*, I, 3, 131.

²⁹ Estrofe que se assemelha à de número 115 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 59). Bṛhaspati, “senhor da devoção”, nome de uma divindade que personifica a piedade em relação aos deuses; é também o nome de um filósofo e de diversos autores, inclusive um autor de tratado sobre política.

Na verdade, aquele que não confia, mesmo que seja fraco, não é derrotado pelos mais fortes; mas os que confiam, mesmo tendo poder, são logo derrotados pelos fracos.³⁰ (44)

A tripla essência da política se estabelece pela ação correta, segundo Viṣṇugupta, pela aquisição de amigos, de acordo com o filho de Bhṛgu, e pela desconfiança, segundo Bṛhaspati.³¹ (45)

— Portanto:

Ainda que tenha grande fortuna, aquele que confia nos inimigos e nas esposas desamorosas perde sua vida justamente por isso. (46)

Depois de ouvir tais ensinamentos, Laghupatanaka, sem resposta, pensou:

— Oh! Ele demonstra julgamento firme no campo da ética. Talvez seja por isso mesmo que eu queira tanto sua amizade.

— Ei, Hiraṇyaka! — disse o corvo —, ouça:

Amizade entre homens de bem se faz com sete passos, dizem os sábios; portanto você conseguiu minha amizade. Ouça minha proposta! (47)

— Conversaremos, constantemente, sempre a respeito de sentenças de sabedoria e de narrativas de histórias sobre vício e virtude, mas o senhor pode permanecer no interior da fortaleza, se de fato não confia em mim.

Ouvindo a sugestão, Hiraṇyaka pensou:

— Esse corvo parece talentoso com as palavras e sincero no que diz. Convém dedicar-lhe amizade. E respondeu:

³⁰ Estrofe que se assemelha à de número 114 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 59).

³¹ Nesta estrofe, são citados três autores famosos: Viṣṇugupta, também conhecido como Cāṇakya ou Kauṭilya, autor do *Arthaśāstra*, importante tratado de política; Bhārgava (“filho de Bhṛgu”), ou Çukra, e Bṛhaspati, autores de outros tratados políticos.

— Está certo, porém você não deverá pôr os pés dentro da minha caverna em nenhuma circunstância, pois dizem:

No princípio, o inimigo muito medroso rasteja bem suavemente sobre a terra, mas depois, à vontade, desliza como a mão dos amantes sobre o corpo das mulheres. (48)

— Meu caro, que seja assim —, o corvo concordou.

Desde então, os dois ficavam entretidos com o prazer de sábias conversas e passavam o tempo prestando serviços um ao outro. Laghupatanaka trazia para Hiranyaka suculentos pedaços de carne, restos de oferendas e outros alimentos especiais cozidos, oferecidos com afeição. O rato, por sua vez, compartilhava com o corvo os grãos variados e os alimentos saborosos que obtinha durante a noite. É evidente que isso era satisfatório para ambos. Dizem os sábios:

Dar e receber, perguntar e contar segredos, aceitar comida e convidar a comer: eis seis maneiras de sinalizar amizade. (49)

Sem ajuda, de nenhum modo nasce a amizade de alguém; pois é pela doação de oferendas que os deuses concedem a realização dos desejos. (50)

No mundo, só há amizade enquanto houver oferecimento de presentes. Ao perceber que o leite acabou, o filhote abandona sua mãe. (51)

Vejam só! A magnanimidade da doação gera confiança imediata, pois, devido à sua força, até o inimigo torna-se amigo num piscar de olhos. (52)

Creio que, para o animal, que não tem discernimento, uma doação é realmente mais cara do que seu próprio filho; pois vejam que uma búfala, embora tenha seu filhote, oferece todo o seu leite sempre que lhe dão farelos. (53)

Em resumo:

Experimentando estreita afeição, inseparáveis como unha e carne, o rato e o corvo iniciaram uma amizade que não era natural. (54)

E assim, tão agradecido pelos favores quanto confiante, abrigado entre as asas do corvo, o rato conversava com ele o tempo todo.

Certo dia, entretanto, o corvo chegou com os olhos cheios de lágrimas e disse, com voz trêmula:

— Amigo Hiranyaka, meus sentimentos por esta região agora mudaram. Partirei para outro lugar.

O rato ficou surpreso:

— Meu caro, qual o motivo dessa mudança?

— Escute-me! Atualmente, com a escassez de chuvas, surgiu a fome aqui. Quando o povo sofre por escassez e fica aflito pela fome, ninguém oferece nem mesmo as sobras do sacrifício. Além disso, em cada casa, as armadilhas para capturar os pássaros são aprestadas pelos homens famintos. Já fui, eu mesmo, capturado por uma armadilha e só estou livre porque ainda não chegou a minha hora fatal. Esse é o motivo da mudança dos meus sentimentos. Decidi que vou para outro lugar e, por isso, minhas lágrimas correm soltas.

— Para onde você vai? — perguntou Hiranyaka.

O corvo respondeu:

— Existe um extenso lago rodeado por uma densa floresta no caminho para o sul. Lá vive a tartaruga chamada Mantharaka³², excelente amiga, ainda mais próxima do que você. Ela poderá oferecer-me pedaços de carne de peixe. Com esse alimento, sentindo o prazer da companhia e da troca de idéias com Mantharaka, pas-

³² Mantharaka, “lento”, “vagaroso”.

sarei o tempo agradavelmente. Eu não quero ver, aqui, as aves serem destruídas e capturadas com redes. Dizem os antigos:

Meu filho! Em terra atingida pela seca e em tempo de colheita arruinada, são afortunados os que não presenciam a devastação do país, nem a ruína da família. (55)

O que é excesso de carga para os habilidosos? O que é distância para os empreendedores? O que é terra estrangeira para os sábios? Quem é inimigo para os lisonjeiros? (56)

Sabedoria e soberania jamais serão iguais: o rei é venerado no próprio país; o sábio é venerado no mundo inteiro. (57)

O rato disse:

— Se é assim, irei com você. Eu também sinto muita amargura.

— Qual é a sua amargura? — Laghupatanaka perguntou — conte-me.

— Ai! — suspirou o outro — sobre esse assunto, há muito o que dizer. Contarei tudo em detalhes quando chegarmos lá.

O corvo objetou:

— Mas eu vou pelo ar; como é que você irá comigo?

— Se você quiser salvar minha vida — propôs o rato —, subirei nas suas costas e você poderá transportar-me para lá. Não tenho outro modo de ir.

O corvo alegrou-se ao ouvir isso:

— Se é assim, eu sou afortunado, pois posso levá-lo até lá em pouco tempo. Eu conheço oito maneiras diferentes de voar, a começar pelo vôo acompanhado. Suba às minhas costas, de modo que eu o faça chegar ao lago confortavelmente.

— Gostaria de saber os nomes dos diversos tipos de vôo — disse Hiraṇyaka.

O corvo disse:

Vôo acompanhado e vôo solitário, vôo amplo e em mergulho; também em curva e em ziguezague; vôo ascendente, e o oitavo é o que se chama vôo rápido. (58)

Ouvindo a resposta, Hiranyaka prontamente montou no corvo, que o levou, decolando suavemente, em vôo acompanhado, e, aos poucos, aproximou-se do lago.

Entretanto a tartaruga Mantharaka com a sabedoria do tempo e do mundo, vendo ao longe Laghupatanaka com o rato nas costas, cogitou “este é um corvo esquisito!” e mergulhou na água com rapidez.

O corvo deixou Hiranyaka no oco de uma árvore que crescia à margem do lago, subiu à ponta de um galho e disse com voz forte:

— Ei, Mantharaka, venha, venha! Sou o seu amigo, o corvo Laghupatanaka! Estou de volta, saudoso, depois de tanto tempo. Aproxime-se e me abrace, pois dizem:

De que vale sândalo com cânfora? De que vale a frescura da neve?
Tudo isso não vale a décima sexta parte do corpo de um amigo. (59)

— E também:

Por quem foi criada esta ambrosia, estas duas sílabas — *mitra*³³,
proteção contra as desgraças e remédio para as dores e sofrimentos?
(60)

Ao ouvir isso, Mantharaka reconheceu o amigo e, sem demora, saiu da água. Sentindo enorme prazer, com os olhos inundados de lágrimas de alegria, exclamou:

³³ *Mitra*, “amigo”.

— Venha, venha, amigo! Abrace-me! Não o reconheci de imediato, pois há muito tempo não via você, e entrei na água por isso. Dizem os sábios:

Assim falou Bṛhaspati: “Não se deve andar junto daquele de quem não se conhece a força, a família e a conduta.” (61)

Dito isso, Laghupatanaka desceu da árvore e abraçou Mantharaka. Melhor dizendo:

O que são rios de ambrosia, que se preparam para lavar o corpo, comparados ao abraço de um amigo, após muito tempo? Isso não tem preço. (62)

Assim, os dois, muito emocionados, se abraçaram e sentaram-se sob a árvore para contar as respectivas aventuras.

Hiranyaka, então, fez uma reverência a Mantharaka e sentou-se ao lado do corvo. Ao ver Hiranyaka, a tartaruga perguntou:

— Ei, quem é esse rato? Por que o fez subir às costas e o trouxe até aqui, sendo ele sua comida? Para isso acontecer, o motivo não deve ser de pouca importância.

— Ah! — respondeu o corvo —, esse rato se chama Hiranyaka. É meu amigo e é como se fosse minha segunda vida. Em resumo:

Assim como as gotas das nuvens de chuva, ou como as estrelas no céu, ou como os grãos de areia são incalculáveis, (63)

assim também são incontáveis as qualidades desse magnânimo. Ele, porém, ficou amargurado e veio para perto de você. (64)

— Qual a causa dessa amargura? — quis saber Mantharaka.

O corvo respondeu:

— Eu já lhe perguntei, mas ele disse que havia muita coisa a ser explicada e que contaria tudo ao chegar aqui. A mim, nada

explicou. Agora, amigo Hiranyaka, conte-nos a causa de seu desgosto.

O rato contou:





FÁBULA I

A HISTÓRIA DE HIRAṆYAKA
E TĀMRACŪḌA





um distrito do sul, havia uma cidade denominada Mahilāropya. Não muito longe dela ficava o mosteiro do venerável Mahādeva³⁴. Lá vivia um monge chamado Tāmracūḍa³⁵, que, mendigando na cidade, conseguia sua subsistência. A sobra das esmolas era guardada num pote que ele pendurava num gancho fixo à parede. À noite, enfim, ele adormecia. E, ao amanhecer, distribuía o alimento aos trabalhadores, exigindo em troca que limpassem o templo, espalhassem estrume de vaca, cuidassem da ornamentação e executassem outras tarefas.

Certo dia, os companheiros me³⁶ alertaram:

— Mestre! No eremitério, o alimento cozido é guardado no pote de esmolas que fica sempre pendurado num gancho, por receio aos ratos. Assim não podemos comer, mas para o senhor não existe nada inacessível. De que adianta vaguear em vão por aí? Por seu obséquio, se hoje formos até lá, comeremos à vontade.

Depois de ouvi-los, imediatamente, fui para o templo, rodeado por todo o grupo, e, de um salto, subi até aquele pote de esmolas. Distribuí os diversos alimentos entre os meus seguidores e depois comi também. Tendo proporcionado a satisfação a todos, voltei para minha toca.

E assim eu me alimentava sempre. O religioso montava guarda o quanto podia, mas, quando ele caía no sono, eu subia lá e executava meu serviço.

³⁴ Mahādeva, “grande deus”, epíteto atribuído geralmente a Çiva.

³⁵ Tāmracūḍa, “que tem topete vermelho”.

³⁶ As primeiras fábulas deste livro são narradas na primeira pessoa. O “eu”, aqui, é o rato Hiranyaka.

Então, um dia, ele fez um grande esforço para proteger-se contra meus furtos, usando uma velha vara de bambu. Mesmo quando estava adormecido, batia com ela no pote de esmolas, por medo de mim. E eu, com medo das pancadas, retrocedia, sem ter comido o alimento. Durante a noite inteira, assim eu passei o tempo, empenhado na luta contra ele.

Num outro dia, um monge andarilho, chamado Bṛhatsphij³⁷, amigo de Tāmracūḍa, viajando em peregrinação a lugares sagrados, chegou ao mosteiro para hospedar-se.

Ao vê-lo, Tāmracūḍa levantou-se, como prescrevem as regras, saudou-o com acolhimento respeitoso e empenhou-se nos deveres de hospitalidade. Depois, à noite, deitaram-se os dois sobre um leito de palha e começaram a conversar a respeito de fábulas moralizantes. Contudo, enquanto Bṛhatsphij falava e contava histórias, o anfitrião, com a mente distraída, só pensava em assustar o rato e batia no pote de esmolas com a velha vara de bambu, dando ao outro respostas sem nexos e não comentando nada de interesse. Por isso, tomado de extrema fúria, o hóspede reclamou:

— Que grosseria, Tāmracūḍa! Estou vendo que você não é meu amigo, nem um pouco, pois conversa comigo sem nenhum prazer. Embora seja noite, deixarei o seu mosteiro e irei para outro lugar. Sabe-se bem:

Vem, entra, ocupa este assento; há quanto tempo não te vejo! Quais as novidades? Estás muito fraco; estás bem? Estou feliz em ver-te! É justo que tu visites sempre, com a mente confiante, as casas daqueles que sentem respeitoso prazer quando chegam os amigos. (65)

São touros sem chifres aqueles que insistem em freqüentar a residência cujo dono, vendo um recém-chegado, olha para todos os lados e até para baixo. (66)

³⁷ Bṛhatsphij, “que tem nádegas opulentas”.

Não deves visitar uma casa em que não existe o hábito de levantar-se por cortesia, nem conversas com palavras amáveis ou com fábulas de vício e virtude. (67)

— Você ficou orgulhoso — continuou o monge — por ter obtido um mosteiro e perdeu a afeição pelo amigo. Não percebe que está alcançando o inferno pelo simulacro de abrigar-se no templo. Eis o que se adverte:

Se a tua intenção é ir para o inferno, pratica a função de sacerdote de família por um ano inteiro. Se queres ir mais depressa, comanda um mosteiro durante três dias. (68)

— Grande tolo! Você está orgulhoso com algo que é digno de lástima. Deixo agora seu eremitério, vou partir.

Quando o ouviu dizer isso, Tāmracūḍa, com o coração a pulsar de ansiedade, pediu-lhe:

— Não fale assim, venerável! Não tenho outro amigo mais querido do que você! Ouça, portanto, o motivo da desatenção na conversa: um rato, alma danada, pulou e subiu no pote de esmolas, embora este estivesse pendurado no alto, e comeu todo o resto de comida que estava lá. Sem o alimento, não se faz mais a limpeza no mosteiro e, por isso, fico batendo a todo instante no pote de esmolas com esta vara de bambu, para assustar o rato. O motivo é esse e não outro. Além disso, veja só que fato surpreendente: esse desalmado salta mais alto até mesmo do que gatos, macacos e outros bichos saltadores.

Bṛhatsphij quis saber:

— Alguém sabe onde fica o esconderijo desse rato?

— Venerável, não sei de nada — respondeu o outro.

— Com certeza — afirmou o hóspede — a toca fica sobre um tesouro. O calor deste é que faz o rato saltar tão alto, pois dizem:

O calor produzido pela riqueza assegura crescimento e vigor aos seres vivos; quanto maior será o prazer, se associado a obras de caridade? (69)

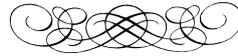
— E assim:

Ó mãe! Çãṇḍilī³⁸ não trocaria o gergelim descascado pelo não descascado sem motivo; por isso, aqui deve existir uma boa razão. (70)

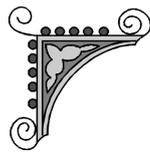
Tāmracūḍa perguntou:

— O que quer dizer isso?

O hóspede contou:

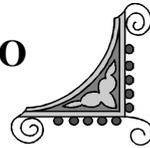


³⁸ Çãṇḍilī, “mulher da família de Çãṇḍila”; nome da protagonista da fábula narrada em seguida.



FÁBULA II

A VENDA DE
GERGELIM DESCASCADO





stando eu³⁹ em certa região, na época das chuvas, para cumprir um voto religioso, pedi hospedagem a um brâmane. Depois, por seu conselho e auxiliado por ele, dediquei-me inteiramente à veneração dos deuses.

Certo dia, tendo acordado ao romper da aurora, ouvi com atenção a conversa entre o brâmane e sua esposa. Ele dizia:

— Brâmani⁴⁰, pela manhã, no solstício de verão, haverá doações sem fim⁴¹. Eu irei para outra aldeia a fim de recebê-las. Em homenagem ao venerável sol, tu deves dar um pouco de alimento a um brâmane.

Quando a esposa ouviu esse conselho, insultou o marido com palavras cruéis, indagando:

— De onde tu, atormentado pela pobreza, vais obter alimento? Como é que não te envergonhas de falar assim? Ademais, desde que me tocaste com tua mão⁴², não tive mais o prazer de saborear guloseimas, nem de usar adornos nas mãos, pés e pescoço, nem jóias.

Ao escutá-la, embora apreensivo, o sacerdote repreendeu-a com suavidade:

³⁹ Nesta história, o “eu” é o monge Brhatsphij.

⁴⁰ Brâmani, forma aportuguesada de brahmaṇī, mulher da casta dos brâmanes.

⁴¹ Trata-se do solstício de verão, no hemisfério norte; o sol tem um movimento aparente na direção do sul e entra no signo de câncer, no dia 22 de junho. As festividades consistem de banhos (depois de passar farinha de gergelim pelo corpo), sacrifícios em honra dos ancestrais e ofertas de presentes com gergelim açucarado a brâmanes, parentes, amigos e outras pessoas.

⁴² Alusão à cerimônia de casamento.

— Brâmani, não é apropriado dizer isso, pois a tradição ensina:

Ainda que seja a metade de um bocado, por que não dá-la aos pedintes?
Quem e quando obterá riqueza na medida de seu desejo? (71)

Na verdade, o fruto, que os senhores abastados alcançam com dádivas abundantes, pode consegui-lo o pobre, com apenas uma *kākinī*⁴³ — é o que ouvimos dos ancestrais. (72)

Aquele que dá, mesmo que seja pouco, torna-se digno de homenagens; não o avarento, ainda que seja importante por suas propriedades. A água doce dentro de um poço dá prazer a todo mundo; não o oceano. (73)

— E também:

De que serve o título de Rei dos Reis a quem não construiu sua majestade com doações? Os sábios não chamam o Guardião dos Tesouros de magnífico senhor.⁴⁴ (74)

— E com certeza:

O rei dos elefantes, exaurido pela constante exsudação, é louvado; o jumento, sem exsudação e de corpo roliço, deve ser desprezado.⁴⁵ (75)

A nuvem, que dá água, é querida por todo o mundo; o sol, que estende seus raios, nem pode ser contemplado. (76)

— Tomando conhecimento disso — prosseguiu o brâmane —, mesmo os aflitos pela pobreza devem dar um pouquinho do

⁴³ *kākinī*, moeda pequena e de pouco valor.

⁴⁴ Essa estrofe se refere a Kubera, conhecido como deus da riqueza, guardião de diversos tesouros. Rājārāja, “rei dos reis”, é um dos epítetos dessa divindade.

⁴⁵ Essa sentença gnômica utiliza um jogo de palavras: o termo sânscrito *dāna* significa “exsudação linfática” e também “doação”, daí o jogo de duplo sentido.

pouco que têm, no momento certo e a uma pessoa qualificada, como se ensina:

O que é oferecido a pessoas dignas e de muita fé pelos que têm discernimento, em tempo e lugar adequado, é suficiente para alcançar a eternidade. (77)

— E assim:

Não se deve desejar demais e não se deve renunciar inteiramente ao desejo; nasce uma crista na cabeça daquele que é dominado pelo desejo desmedido.⁴⁶ (78)

A esposa do brâmane perguntou:

— O que você quer dizer?

O marido contou:



⁴⁶ A fábula III não é exatamente uma advertência contra “o desejo desmedido”, e sim contra “a acumulação excessiva”. Em outra coletânea de fábulas, Hitopadeça, há uma história (Livro I, Fábula VI) que se assemelha a essa, introduzida por esta estrofe, mais adequada: “Deve-se acumular sempre, mas não demais. Olha esse chacal, ansioso por acumular; foi derrubado por um arco.”



FÁBULA III

O MONTANHÊS E O JAVALI





róximo a uma região de florestas, vivia um montanhês. A fim de caçar, ele partiu na direção do bosque. Andava sorrateiro e então encontrou um javali enorme, que parecia o cume do monte Añjana. Ao vê-lo, o montanhês atirou-lhe uma flecha aguçada na direção da borda da orelha e o feriu. O animal, tomado de fúria, com a ponta das presas, brilhantes como a lua nova, rasgou o ventre do caçador, que caiu por terra, sem vida. Depois de matar o montanhês, o javardo também retornou aos cinco elementos⁴⁷, devido à ferida da flechada.

Entretanto chegou àquele bosque um chacal, cuja morte se avizinhava. Perambulava de lá para cá, aflito pela falta de comida. Ao ver o javali e o caçador, ambos mortos, pensou emocionado:

— Ah! Ah! O destino está favorável a mim! Por isso me aparece essa comida inesperada. Com razão se diz isto:

O fruto bom ou mau do que realizaram em outra vida chega aos homens por ordem do destino, mesmo que não se tenham esforçado. (79)

— E também:

Assim como um homem realiza um ato bom ou um ato mau em qualquer lugar, tempo ou idade, assim também recebe a recompensa. (80)

— Vou tirar proveito, então — o chacal continuou a ponderar —, de modo que haja subsistência para mim durante muitos dias. Por enquanto, vou comer apenas o nó de tendão que segura a ponta do arco, pois dizem:

⁴⁷ “Retornar aos cinco elementos”, expressão que significa “morrer”; os cinco elementos são: terra, água, fogo, ar e éter.

A riqueza que se adquiriu deve ser desfrutada pouco a pouco, do mesmo modo como os sábios utilizam o elixir da vida; jamais com leviandade. (81)

Tendo assim pensado, abocanhou a ponta do arco e começou a comer a corda. Mas, quando esta rompeu, a ponta do arco furou o palato do chacal, saindo no alto do crânio, como uma crista. Em consequência da dor, ele morreu no mesmo instante. É por isso que eu digo:

Não se deve desejar demais... [çloka 78]

Em seguida, o brâmane acrescentou:
— Brâmani, tu nunca ouviste isto?

A duração da vida, os atos praticados, a riqueza, o conhecimento e a hora da morte — essas cinco coisas são projetadas pelo homem ainda enquanto está no ventre materno. (82)

Censurada dessa maneira por seu marido, ela disse:

— Se é assim, tenho em casa uma pequena quantidade de gergelim. Vou descascá-lo e moê-lo para alimentar o hóspede.

Ouvindo essas palavras, o brâmane foi-se para a outra vila.

A mulher esfregou os grãos de gergelim com água quente, moeu-os e colocou-os ao calor do sol. Mas, enquanto ela estava ocupada com as tarefas domésticas, um cão urinou no meio dos grãos. Ao perceber isso, ela pensou:

— Que azar! Vejam só a eficiência do destino adverso, que tornou esse gergelim imprestável para comer. Vou recolhê-lo e levá-lo à casa de algum vizinho, e tentar trocar esses grãos descascados por outros sem descascar. Desse jeito, todos o aceitarão.

Ela entrou na mesma casa em que eu⁴⁸ estivera antes, pedindo esmolas. Trazia o gergelim para propor uma barganha:

⁴⁸ O narrador, em primeira pessoa, é Bṛhatsphij, como já foi dito.

— Pegue, quem quiser, gergelim descascado em troca de gergelim sem descascar!

Logo apareceu a dona da casa, que já ia fazer a permuta, quando seu filho, leitor dos tratados de Kāmandaki⁴⁹, advertiu:

— Mãe, esse gergelim, com certeza, está imprestável. Não troques com ela os grãos sem descascar pelos já descascados. Algum motivo existe para que ela queira fazer isso.

Ouvindo isso, a mãe rejeitou os grãos. É por isso que eu digo:

Ó mãe! Çāndilī não trocaria... [çloka 70]

Depois de narrar essas histórias⁵⁰, o monge Bṛhatsphij tornou a perguntar:

— Sabe-se, ou não, o caminho por onde vem esse rato?

— Sabe-se, sim, venerável — Tāmracūḍa respondeu —, pois ele não vem sozinho; ao contrário, rodeado por seu numeroso bando, ele vem e vai, bem diante dos meus olhos, correndo para lá e para cá, junto com toda a tropa.

— Há alguma pá por aqui? — o hóspede perguntou.

O anfitrião assentiu:

— Há, sim; aquela picareta ali é toda de ferro.

— Então — decidiu o visitante —, nós dois devemos acordar logo que amanhecer, para que possamos seguir as pegadas dos ratos, antes que se desfaçam pelos passos dos serviçais.

Ouvindo tais palavras, pensei comigo mesmo:

— Céus! Estou perdido, pois as palavras que ouvi indicam má intenção. De fato, assim como ele descobriu sobre o tesouro,

⁴⁹ Kāmandaki, nome de um autor de um tratado sobre política, *Kāmandakīyanīṭisāra*, que tem muitas estrofes citadas no Livro III, da presente coleção de fábulas, “A história dos corvos e das corujas”.

⁵⁰ Depois das narrativas do monge, o rato Hiranyaka retoma a narrativa de suas desventuras, como narrador em primeira pessoa.

também encontrará nossa fortaleza. Percebe-se isso por seu plano. É como dizem:

Os inteligentes percebem o valor de um homem, mesmo tendo-o visto só uma vez; os sagazes reconhecem o peso de um *pala*⁵¹ utilizando a mão como balança. (83)

O desejo dos homens indica com antecedência o que deve acontecer, porque a felicidade ou a desgraça já foi determinada em outra existência. O filhote de pavão ainda não possui a plumagem da cauda, característica de sua espécie, mas pode ser identificado como tal por andar de costas quando se afasta de um lago.⁵² (84)

Portanto, com o coração agitado pelo medo, meus companheiros e eu abandonamos o caminho da fortaleza e prosseguimos em outra direção. Ia eu à frente dos outros, quando um gato enorme veio ao meu encontro e, vendo o bando de ratos, saltou sobre eles com ímpeto.

Os ratos me culpavam, quando perceberam que eu tomara um caminho errado; os que escaparam de morrer fugiram, deixando a terra coberta de sangue, e refugiaram-se na fortaleza. Pode-se também dizer:

Um cervo, que cortou a corda e escapou da armadilha rompendo a rede com força, que saiu para longe da floresta envolta num cinto trançado por ígneas chamas, que saltou com presteza para fora do alcance das flechas dos caçadores e que conseguiu continuar correndo, acabou caindo dentro de um poço. De que vale o esforço humano, quando o destino é adverso? (85)

Assim, fui embora sozinho. Os demais, desnorteados, entraram na fortaleza.

⁵¹ Medida de peso utilizada para pesar metais.

⁵² Supõe-se que o pavão adulto se afasta da água recuando para não sujar suas penas (cf. Kāle, p. 364).

Enquanto isso, o malvado mendicante viu o chão coberto de gotas de sangue, seguiu-as pelo caminho e chegou à fortaleza. Começou logo a cavar com a picareta. E encontrou o tesouro sobre o qual eu sempre vivera e cujo calor me permitira atingir locais inacessíveis. Com o coração vibrante, Bṛhatsphij disse a Tāmracūḍa:

— Ah, bem-aventurado! Agora você poderá dormir tranquilo, pois era o calor desse tesouro que dava ao rato a energia que obrigava você a manter-se em vigília.

Dito isso, os dois recolheram o tesouro e saíram rumo ao mosteiro.

E eu, quando fui ao lugar de onde o tesouro fora retirado, nem fui capaz de olhar para aquele recanto, pois me causava mágoa e desalento. E pensei:

— O que farei? Para onde irei? Como poderei ter paz de espírito?

Assim pensando, o dia custou a passar. Depois do crepúsculo, com meu bando, entrei no eremitério com muita ansiedade e sem energia.

Quando ouviu o ruído do nosso bando, Tamracūḍha começou a bater de novo no pote de esmolas com a vara de bambu. O hóspede perguntou-lhe:

— Amigo, por que agora você não dorme sem medo?

O monge explicou:

— Venerável, o rato de alma perversa retornou com sua tropa. Estou batendo no pote com este velho bambu para assustá-lo.

O hóspede disse, sorrindo:

— Não tenha medo, amigo! O ímpeto do salto do rato desapareceu com o tesouro: essa é a contingência de todos os viventes. E se diz:

Se um mortal é sempre vigoroso, se domina o povo, se fala com insolência, tudo isso é o poder gerado pela riqueza. (86)

Quando ouvi isso, fiquei tomado de fúria e pulei para cima, na direção do pote de esmolas que, por pouco, não alcancei, e caí no chão. Meu inimigo ouviu minha queda, riu-se e falou para Tamracūḍha:

— Ora, veja só! Veja que coisa mais curiosa!

E acrescentou:

Com riqueza, qualquer um é poderoso; quem é rico é sábio. Veja esse rato: sem a riqueza, tornou-se igual aos da própria espécie. (87)

— Dorme, pois, sem receio. O que dava origem ao pulo do rato está em nossas mãos. E, com razão, isto se diz:

Como a serpente que perdeu as presas, como o elefante sem o cio, quem foi destituído de suas propriedades, neste mundo, preserva apenas o nome de homem. (88)

Depois de escutar tais palavras, fiquei conjeturando:

— Se já não há mais força para pular sequer a altura de um dedo, então chega dessa vida de homem destituído de bens! E se diz:

Todas as ações do homem que perdeu a riqueza e que tem pouca inteligência são interrompidas como os arroios no verão. (89)

Assim como o chamado trigo estéril e o gergelim nascido na floresta, que existem apenas como nome e não no mundo prático, assim também é o homem sem dinheiro. (90)

Apesar de existentes, quaisquer qualidades de um pobre não brilham; a riqueza é a luz das virtudes, como o sol é das criaturas. (91)

Um homem sem recursos por condição natural não sofre neste mundo tanto como aquele que obteve fortuna, viveu no conforto e depois perdeu tudo. (92)

A existência de uma árvore em terreno salino, ou carcomida pelos vermes, ou queimada pelo fogo por todos os lados, é melhor do que a existência de um mendigo. (93)

Deve-se sempre rezear a penúria, que é sem dignidade; qualquer homem abandona um indigente, mesmo que este tenha vindo para servir, e vai-se embora. (94)

Os desejos dos pobres crescem sem cessar lá mesmo, nos corações, onde murcham, como os seios das mulheres viúvas. (95)

Ninguém percebe os esforços do homem que está sempre encoberto pela escuridão da pobreza, mesmo que ele, em dia claro, fique postado bem à vista. (96)

Depois de me lamentar assim, com o ânimo alquebrado, vendo o tesouro ser usado como travesseiro, fui para minha fortaleza ao romper do dia. E os meus seguidores, enquanto partiam, conversavam uns com os outros:

— Que azar! Hiranyaka não é capaz de nos encher o estômago. Para os que se grudam às suas costas, só acontecem desgraças, como gatos e outros bichos. De que adianta servi-lo, então? Assim se diz:

O mestre do qual não se obtém proveito, mas apenas desgraças, deve ser expulso para bem longe, especialmente por seus dependentes. (97)

Ouvindo essas palavras, entrei em minha fortaleza. Como ninguém se aproximou de mim com boa vontade, fiquei pensando:

— Chega dessa pobreza! Dizem isto, com razão:

Morto é o homem pobre; morta é a união sem progênie; morto é o culto aos antepassados sem um brâmane versado nos Veda; morto é o sacrifício sem pagamento. (98)

Enquanto eu assim refletia, meus súditos tornaram-se servidores dos inimigos e caçoaram de mim, vendo minha solidão. Depois de profunda meditação, decidi:

— Irei ao quarto desse asceta malvado e rasgarei aos poucos a bolsa com o tesouro, que lhe serve de travesseiro. Estando ele vencido pelo sono, trarei o tesouro para minha fortaleza, para ter como antes a supremacia dada pelo poder da riqueza, pois:

Os homens despojados das propriedades são como viúvas de família nobre: inquietam ao máximo suas mentes com cem desejos irrealizáveis. (99)

A pobreza, para os mortais, é desgraça que lhes causa o maior desprezo: embora vivos, até seus parentes tratam-nos como mortos. (100)

Manchado perpetuamente pela penúria, um homem é refúgio para as calamidades e torna-se receptáculo da infelicidade e da humilhação. (101)

Os parentes envergonham-se dele e escondem seu parentesco; os amigos agem com inimizade quando um homem não possui nem uma moedinha. (102)

Indigência, para os mortais, é insignificância corporificada, morada dos infortúnios e sinônimo de morte. (103)

Como se fosse poeira levantada por uma cabra ou por uma vassoura, como se fosse a sombra de uma cama projetada por uma lâmpada, um pobre é evitado pelas pessoas amedrontadas.⁵³ (104)

Existe algum uso em algum lugar até para a argila que resta da limpeza; mas, para o homem sem posses, não há finalidade alguma. (105)

⁵³ O fato de ficar na sombra de uma cama é indício de mau-agouro (cf. Kāle, p. 367).

Quando um pobre vai à casa de pessoas ricas, mesmo que tenha intenção de dar um presente, é considerado um mendigo. Basta! Basta de pobreza para as criaturas! (106)

— E, se eu morrer enquanto estiver roubando o tesouro, será esplêndido, pois os sábios dizem:

Nem mesmo os ancestrais aceitam a água de libação oferecida pelas mãos do homem que viu sua fortuna ser roubada e preservou sua vida. (107)

— Além disso:

Aquele que perde a vida na luta para salvar uma vaca ou um brâmane, ou para recuperar sua mulher ou sua riqueza, é conduzido aos mundos eternos.⁵⁴ (108)

Decidido assim, à noite, voltei ao quarto do asceta malvado que estava adormecido; no entanto, quando abri um rasgo na bolsa, ele acordou. No mesmo instante, bateu-me na cabeça com a vara de bambu rachada e eu só não morri porque a minha hora ainda não havia chegado. E se diz:

Do objetivo a ser alcançado, apossa-se o homem; nem mesmo um deus é capaz de impedir. Por isso não me lamento nem me surpreendo, pois o que deve ser nosso não pode ser dos outros. (109)

O corvo e a tartaruga perguntaram:

— O que significa isso?

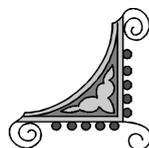
Hiranyaka contou:



⁵⁴ Essa estrofe é uma variante da de número 208 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 106).



FÁBULA IV
A HISTÓRIA
DE SĀGARADATTA





Em certa cidade, havia um comerciante chamado Sāgaradatta⁵⁵, cujo filho comprara um livro por cem rúpias, onde estava escrito:

Do objetivo a ser alcançado, apossa-se o homem; nem mesmo um deus é capaz de impedir. Por isso não me lamento nem me surpreendo, pois o que deve ser nosso não pode ser dos outros. (110)

Ao perceber isso, Sāgaradatta perguntou ao rapaz:

— Filho, que preço você pagou por esse livro?

— Cem rúpias — respondeu o jovem.

Ouvindo isso, o pai exclamou:

— Ih! Estúpido! Você comprou por cem rúpias um livro que só tem uma estrofe! Com essa inteligência, como fará para ganhar dinheiro? De hoje em diante você não poderá entrar em minha casa.

Espezinhado e expulso de casa, desgostoso, o filho foi para um país distante e chegou a uma cidade onde permaneceu. Após alguns dias, ele foi interrogado por um morador daquele lugar:

— De onde o senhor veio? Qual é o seu nome?

O rapaz recitou:

Do objetivo a ser alcançado, apossa-se o homem...

⁵⁵ Sāgaradatta, “dado pelo oceano”.

Depois, quando outra pessoa o interrogou, ele deu a mesma resposta. E assim, naquela cidade, ele passou a ser conhecido pelo nome de Prāptavyamartha⁵⁶.

Certo dia, em que havia um importante festival, a filha do rei, chamada Candravatī⁵⁷, dotada de beleza extraordinária e florescente juventude, acompanhada de uma amiga, contemplava a cidade. E naquele momento apareceu, por acaso, em seu campo de visão, um príncipe encantador e extremamente formoso. No exato instante em que o viu, ferida pelas setas de flores do deus do amor, ela pediu à amiga:

— Querida, esforça-te ao máximo para que eu me encontre com ele ainda hoje.

Assim ouvindo, a amiga logo se aproximou do príncipe e disse:

— Fui enviada a tua presença por Candravatī, que manda dizer: “Estou prestes a morrer por causa do amor que nasceu quando olhei para ti. Se não vieres ao meu encontro em seguida, a morte será meu refúgio.”

Ele escutou e quis saber:

— Se é imprescindível que eu vá até lá, dize-me como encontrá-la.

Então a amiga explicou:

— À noite tu deverás subir pela corda resistente, suspensa do alto do palácio.

Ele concordou:

— Se é essa a determinação de Sua Alteza, então assim farei.

⁵⁶ Prāptavyamartha, “objetivo a ser alcançado”; é a primeira palavra da única estrofe do livro que o rapaz comprou.

⁵⁷ Candravatī, “semelhante à lua”.

Estando tudo combinado, a amiga voltou para junto da princesa.

Quando chegou a noite, porém, o príncipe ponderou:

— Ai, isso é um grande delito, como se ensina:

O homem que se aproxima da filha do mestre, da esposa do amigo, e da mulher casada com o amo ou com o servo é considerado um destruidor do *brahman*⁵⁸, neste mundo. (111)

— Além disso:

Alcança a desgraça aquele que se desvia do caminho e desvia-se do céu aquele que não cumpre suas obrigações. (112)

Assim, refletindo de modo correto, não compareceu ao encontro.

Entretanto, passeando à noite, Prāptavyamartha viu ao lado do palácio uma corda pendente do piso mais alto. Com o coração cheio de curiosidade, segurou-a e subiu.

— É ele mesmo — a princesa pensou, com a mente tranqüila.

Depois de obsequiá-lo com banho, comida, bebida, roupas e outras gentilezas, recolheu-se com ele ao leito e, sentindo os pêlos do corpo eriçados com o prazer causado pelo contato mútuo dos corpos, ela disse:

— Enamorei-me assim que te vi; ofereço-te minha alma. Com exceção de ti, não haverá para mim outro marido, nem mesmo em pensamento. Por que não conversas comigo?

Ele recitou:

⁵⁸ *brahman*, vocábulo que é empregado em muitas acepções, como “brâmane”, “classe bramânica”, nome da divindade criadora do mundo etc. No contexto dessa estrofe, significa “o princípio ou a energia que permeia todas as coisas do cosmos”.

Do objetivo a ser alcançado, apossa-se o homem...

Por essa declaração, a moça percebeu que ele era outra pessoa; mandou-o descer do piso mais alto do palácio e ir embora. Ele, então, se dirigiu a um templo em ruínas e deitou-se para dormir.

Um guarda do templo, que marcara encontro com uma libertina naquele local, chegou e o viu já deitado. Procurando manter o segredo, indagou:

— Quem é o senhor?

O rapaz recitou:

Do objetivo a ser alcançado, apossa-se o homem...

Ouvindo isso, o guarda disse:

— Como este templo é deserto, é melhor você ir dormir na minha casa.

O jovem concordou com isso, mas se dirigiu para outro leito, por engano.

Todavia, a filha do guarda, chamada Vinayavatī⁵⁹, bela e jovem, estava deitada naquele mesmo leito, esperando pelo homem por quem estava apaixonada e com quem marcara encontro. Enganada pela profunda escuridão da noite, vendo alguém chegar, ela pensou:

— Este é meu amado.

Levantou-se, ofereceu-lhe alimentos, roupas e outras homenagens, e cumpriu com ele o ritual do casamento à moda dos Gandharva.⁶⁰ Deitada no leito, com um amplo sorriso na face que era como flor de lótus, disse-lhe:

⁵⁹ Vinayavatī, “que tem bom comportamento”.

⁶⁰ O casamento à moda dos Gandharva, requer apenas o mútuo consentimento dos noivos.

— Por que hoje não conversas comigo sem receio?

O jovem recitou:

Do objetivo a ser alcançado, apossa-se o homem...

Ouvindo isso, ela pensou:

— Quando um ato é realizado sem a devida ponderação, produz esse tipo de resultado.

Tendo assim refletido, a moça ficou triste e o expulsou.

Quando ele ia pela rua principal, um jovem noivo chamado Varakīrti⁶¹, habitante de outra província, chegou, precedido por um forte som de instrumentos musicais. Prāptavyamartha passou a acompanhá-lo.

Aproximava-se o momento indicado como propício para o casamento. A filha de um comerciante, com vestes auspiciosas e bela guirlanda nupcial, postou-se na plataforma do pavilhão erguido junto à porta da casa de seu pai, próxima da estrada real. De repente, um elefante desvairado pelo cio, que matara o tratador que o montava, chegou a esse mesmo local, assustando a todos e dispersando, com um barulho confuso, as pessoas, que fugiam. E vendo-o, todos os acompanhantes do noivo, juntamente com este, fugiram para todos os quadrantes.

Naquele momento, vendo a jovem sozinha e com os olhos arregalados de medo, Prāptavyamartha disse:

— Não temas, serei teu protetor.

E ele a confortou com firmeza, segurou sua mão direita e, com voz tonitruante, ameaçou o elefante audaciosamente.

De algum modo, por arranjo do destino, o elefante foi embora. Varakīrti voltou com seus amigos e parentes depois que o

⁶¹ Varakīrti, “que tem a fama de noivo”.

momento propício já havia passado. Vendo que a noiva fora para as mãos de outro, reclamou:

— Ó sogro, você cometeu um erro: concedeu-me a filha e agora a oferece a outro.

O comerciante respondeu:

— Ai de mim! Eu fugi com medo do elefante, retornei ao mesmo tempo que vocês e não sei o que aconteceu.

Depois de dizer isso, passou a interrogar a filha:

— Filhinha, não agiste de modo correto. Dize-me que história é essa.

Ela explicou:

— Como foi este homem que me protegeu do perigo de morte, nenhum outro terá a minha mão enquanto eu viver.

Com essa reviravolta dos acontecimentos, a noite passara e começava a tornar-se dia.

Ao amanhecer, formou-se uma grande multidão naquele local, e a filha do rei, que ouvira a história do que acontecera, chegou também. Com o incidente sendo contado de ouvido a ouvido, até a filha do guarda do templo veio para aquele lugar. Ouvindo falar do grande ajuntamento de pessoas, o rei também se dirigiu para lá. Pediu, então, a Prāptavyamartha:

— Moço, conta, sem medo: como foi essa aventura?

O rapaz recitou:

Do objetivo a ser alcançado, apossa-se o homem...

A filha do rei lembrou-se e disse:

Nem mesmo um deus é capaz de impedir...

A seguir a filha do guarda acrescentou:

Por isso não me lamento nem me surpreendo...

Escutando a história que todo mundo contava, a filha do comerciante concluiu:

Pois o que deve ser nosso não pode ser dos outros.⁶²

Concedendo a todos garantia de proteção e ouvindo a história dos acontecimentos, o rei inteirou-se da verdade e, com muito respeito, concedeu a Prāptavyamartha sua filha, um séquito, mil aldeias e ainda todos os tipos de ornamentos, dizendo:

— Tu és meu filho.

Assim proclamou-o diante da cidade como herdeiro do trono.

O guarda, por sua vez, ofereceu a Prāptavyamartha sua filha, e o homenageou o melhor que podia com roupas, presentes e outras regalias.

Depois, Prāptavyamartha mandou buscar para aquela cidade, com muita pompa, seu pai, sua mãe e todos os membros da família. E por fim viveu feliz com sua linhagem, gozando os mais variados prazeres.

Por isso eu digo:

Do objetivo a ser alcançado... [çloka 109]

E, finalmente, Hiranyaka terminou sua história:

— Então, depois de experimentar todas essas alegrias e tristezas, caí na mais profunda depressão e vim para cá, conduzido por esse amigo. Tal é a verdadeira causa do meu desgosto.

Mantharaka disse:

— Meu caro, sem nenhuma dúvida, Laghupatanaka é seu amigo. Apesar de você ser seu inimigo natural e também seu ali-

⁶² Cada uma das moças recita uma parte do çloka 109, que é o único çloka do livro que Prāptavyamartha comprou.

mento, ele, mesmo debilitado pela fome, colocou-o nas costas, trouxe-o para cá e nem o comeu durante o caminho. Por isso se diz:

Amigo deve ser aquele cujo coração nunca se modifica, nem mesmo na riqueza, e deve permanecer o seu melhor amigo por todo o tempo. (113)

Ensinam os sábios que o exame dos amigos por meio desses sinais é indubitável, como o exame do fogo sacrificial pelos estudiosos. (114)

— E assim:

Quando chega o tempo do infortúnio, aquele que é amigo de verdade permanece amigo; quando chega o tempo de prosperidade, até o patife torna-se afetuoso. (115)

— Quanto a isso — prosseguiu a tartaruga —, embora seja contra as regras de conduta, agora tenho plena confiança na amizade de animais aquáticos com corvos comedores de carne. Mas isso pode ser dito de um modo melhor:

Ninguém é excessivamente amigo ou inimigo de outrem; por algum propósito, pode-se ver alguém destruído pelo amigo ou protegido pelo inimigo. (116)

— Seja bem-vindo. Fique aqui, à margem do lago, como se estivesse em sua própria casa. Quanto ao que lá aconteceu, não sofra pela perda das riquezas ou pelo exílio em terra estrangeira. Bem se diz:

A sombra das nuvens, a afeição de um malvado e o alimento cozido, assim como as mulheres, as aventuras juvenis e as riquezas, só podem ser desfrutados por algum tempo. (117)

— Por isso mesmo, os homens judiciosos e donos de si mesmos não têm ânsia de riquezas, pois:

Quando um homem parte para a casa de Yama, nem durante cinco passos é acompanhado pelas sólidas riquezas cuidadosamente acumuladas, protegidas como a própria vida e nunca separadas do próprio corpo. (118)

— Além disso:

Assim como o alimento é devorado pelos peixes na água, pelos animais selvagens na terra, e, ainda, pelos pássaros no ar, da mesma forma em toda parte os ricos são devorados.⁶³ (119)

O rei atribui crimes ao abastado, apesar de este ser inocente; o pobre, embora cometa delitos, é deixado incólume em toda parte.⁶⁴ (120)

Dor na aquisição de riquezas e na guarda das riquezas adquiridas; dor na perda, dor no gasto. Ai! riquezas sempre estão conjugadas ao sofrimento.⁶⁵ (121)

O homem insensato e ansioso por riquezas submete-se a tamanho sofrimento que, com apenas a centésima parte dele, pode alcançar a liberação final, se a desejar. (122)

Mantharaka lembrou também:

— Além disso, você não deve sentir desgosto por residir em terra estrangeira, porque:

O que um homem resoluto e inteligente considera como seu país ou país estrangeiro? Quando chega a uma região, ele a domina com a força de seus braços. Quando o leão penetra na floresta, mata sua sede com o sangue do rei dos elefantes, que ataca com suas presas, garras e cauda. (123)

⁶³ Estrofe igual à de número 405 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 222).

⁶⁴ O rico é incriminado a fim de que o rei possa confiscar seus bens, enquanto o pobre é deixado livre porque nada possui para ser confiscado (cf. Kāle, p. 372).

⁶⁵ Estrofe igual à de número 164 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 81).

— Mesmo que vá para terra estrangeira sem propriedades, quem é inteligente jamais se desespera. Assim se diz:

O que é peso excessivo para os competentes? O que é distância para os esforçados? O que é terra estrangeira para os que conhecem a boa doutrina? O que é contrário para os que falam com amabilidade? (124)

— Você, que é um tesouro de sabedoria, não deve ser comparado com um homem vulgar, já que:

Lakṣmī⁶⁶ procura voluntariamente a companhia do homem dotado de energia, ativo, competente nas tarefas, imune aos vícios, valente, grato e amigo fiel. (125)

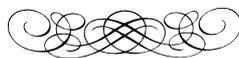
— Entretanto, a riqueza obtida desaparece como resultado de ações passadas. O tesouro pode ter ficado com você durante tantos dias, mas nem por um momento é permitido a alguém gozar o que não lhe pertence. Embora tenha vindo por si mesma, a riqueza é roubada pelo destino.

Junta-se um belo pecúlio, mas não se consegue desfrutá-lo, como aconteceu com o perplexo Somilaka, depois de chegar a uma grande selva. (126)

Hiraṇyaka perguntou:

— Como foi isso?

Mantharaka contou:



⁶⁶ Lakṣmī, deusa da prosperidade.



FÁBULA V

A HISTÓRIA DE SOMILAKA





Em certa região, morava um tecelão chamado Somilaka⁶⁷, que produzia sempre vestes dignas de vestir a realeza, coloridas pela disposição dos fios de diversos modos. Contudo, apesar de sua habilidade em combinar os diversos fios de tecido, não conseguia dinheiro para nada além do alimento e do vestuário. Ao passo que outros, tecelões medíocres e que apenas fabricavam vestes grosseiras, gozavam de grande prosperidade. Observando-os, Somilaka disse para a esposa:

— Veja, querida! Esses fabricantes de tecido grosseiro estão prósperos em ouro e propriedades. Este lugar não é capaz de me dar sustento. Vou para outra cidade para ganhar alguma coisa.

Ela respondeu:

— Ai, meu bem! É um erro essa lamúria de que a riqueza é obtida pelos que viajam para longe e não pelos que ficam na própria terra. E se diz:

Quando os pássaros voam para o espaço ou descem para o solo, conseguem obter apenas o que lhes estava destinado. (127)

— E também:

O que não deve acontecer não acontece e o que deve acontecer acontece até sem esforço; mesmo o que está na palma da mão desaparece quando não há necessidade de sua existência.⁶⁸ (128)

Assim como um bezerro encontra a mãe entre mil vacas, uma ação realizada previamente segue seu autor. (129)

⁶⁷ Somilaka, derivado de soma, nome da bebida dos rituais.

⁶⁸ Estrofe igual à de número 10, neste segundo livro da coleção.

A ação prévia dorme, se homem está adormecido; segue-o, se está caminhando, e permanece agarrada a sua alma. (130)

Assim como o sol e a sombra estão sempre unidos mutuamente, também o autor e o ato estão entrelaçados um ao outro. (131)

E a esposa de Somilaka concluiu:

— Por isso, torne-se mais esforçado aqui mesmo.

— Querida — o tecelão protestou —, não é justo o que você disse. Ação sem esforço não dá frutos, como é dito pelos sábios:

Assim como os aplausos não se produzem com uma só mão, o fruto da ação não acontece se a persistência é abandonada. (132)

Veja! Na hora da refeição, o alimento conseguido por vontade do destino nunca pode entrar na boca sem o auxílio das mãos. (133)

— E ainda:

A fortuna aproxima-se do homem que trabalha como um leão, mas os desprezíveis dizem: “É o destino, é o destino.” Lute contra o destino e faça o que é humano com sua própria força; tendo feito o esforço, se não teve sucesso, de quem é a culpa? (134)

Os planos são realizados com esforço e não com desejos; as gazelas não entram na boca do leão adormecido. (135)

Os desejos não se realizam sem esforço, ó rei! São os covardes que murmuram: “O que deve ser, será.” (136)

Se uma ação que utiliza a própria força não leva ao sucesso, o homem não tem culpa, pois sua energia humana foi anulada pelo destino. (137)

— Por isso é necessário que eu vá para outra região.

Assim decidido, o tecelão foi para a cidade de Vardhamāna.⁶⁹ Depois de lá permanecer por dois anos, conseguiu juntar trezentos

⁶⁹ Vardhamāna, “crescente”, “próspero”.

*suvarṇa*⁷⁰ e partiu de volta para casa. Quando já percorrera metade do caminho e passava por uma floresta, o venerável sol recolheu-se. Com receio de bestas ferozes, Somilaka subiu pelos galhos da figueira mais alta. Enquanto ele dormia, à meia-noite, ouviu em sonhos dois homens de aspecto espantoso que conversavam. E um deles dizia:

— Ora, Kartṛ⁷¹! Você deveria saber perfeitamente que esse Somilaka não pode possuir bens além do necessário para comer e vestir. Por que, então, você lhe deu trezentos *suvarṇa*?

Kartṛ respondeu:

— Mas, Karman⁷², é necessário que eu dê aos trabalhadores o que merecem receber. Agora depende de você mudar esse resultado.

E então, quando o tecelão despertou e olhou para a bolsa de dinheiro, viu que estava vazia. Amaldiçoando o destino, pensou:

— Ai! O que aconteceu? A riqueza conseguida com tanta dificuldade foi para não se sabe onde, como por encanto. O esforço foi em vão, estou sem nada. Como poderei mostrar meu rosto para minha esposa e meus amigos?

Assim cogitando, voltou para a cidade de Vardhamāna, onde, em apenas um ano, juntou quinhentos *suvarṇa* e partiu de novo para sua própria cidade. Quando, na metade do caminho, andava pela floresta, o venerável sol recolheu-se. Então, com receio de perder o dinheiro, apesar de exausto, ele não parou para descansar. Ansioso por chegar a sua casa, andava com rapidez. Entretanto, ouviu dois homens, que se mostraram em seu campo visual com a mesma aparência anterior e conversavam. Um deles falou:

⁷⁰ *suvarṇa*, “ouro”, “medida de peso de ouro”, “moeda de ouro”.

⁷¹ Kartṛ, “agente”, “autor”. Personificação da divindade que recompensa de acordo com as ações na vida presente.

⁷² Karman, “ação”, “ato”, “obra”. Personificação da divindade que recompensa de acordo com as ações praticadas numa existência anterior.

— Ora, Kartṛ! Por que você lhe deu quinhentos *suvarṇa*? Você não sabe que ele só deve possuir o necessário para comer e vestir?

O outro respondeu:

— Mas, Karman, eu devo dar o merecido para os trabalhadores esforçados e depende de você mudar esse resultado. Por que, então, você quer me reprimir?

Quando Somilaka ouviu isso, examinou a bolsa, e o dinheiro não estava mais lá. Tomado de profundo desânimo, decidiu:

— Ai! De que me serve uma vida sem dinheiro? Então vou me dependurar aqui nesta figueira e abandonar a existência.

Assim decidido, fez uma corda com fibras de *darbha*⁷³, atou um laço no próprio pescoço e amarrou a outra ponta num galho. Quando já ia se jogar, um daqueles homens, pairando no ar, disse-lhe:

— Não, não, Somilaka! Não cometa essa violência! Sou eu o ladrão da riqueza que você guardava. Não permito que você tenha nem uma moedinha além do necessário para comer e vestir. Agora, volte para casa. Por outro lado, fiquei satisfeito com a sua audácia, e um encontro comigo não pode passar em branco. Peça-me, então, qualquer favor desejado.

O tecelão disse:

— Se é assim, dê-me riqueza imensurável.

Karman retrucou:

— Ora, o que você fará com uma riqueza que não pode gozar? Pois não pode haver ganho para você, além do necessário para comer e vestir. E se diz:

⁷³ *darbha*, nome de uma espécie de grama (*Poa cynosuroides*), também chamada *kuça*, utilizadas em cerimônias religiosas.

O que se pode fazer com uma riqueza, que, como uma esposa, é exclusiva e não pode ser utilizada, como uma prostituta, que é compartilhada pelos que passam? (138)

Somilaka insistiu:

— Que a riqueza seja minha, mesmo que não possa utilizá-la, pois dizem:

O homem com montes de dinheiro é bem servido neste mundo, mesmo sendo avarento, sem nobreza e evitado pelas pessoas honestas. (139)

— Além disso:

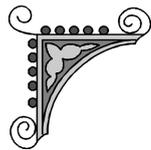
Os dois pendem bem frouxos, porém bem presos; durante quinze anos, querida, tenho-os observado, para ver se caem ou não caem. (140)

Karman perguntou:

— O que quer dizer isso?

Somilaka contou:





FÁBULA VI
O TOURO
CHAMADO TĪKṢNAVIṢĀNA





ivia, em certa região, um touro robusto chamado Tikṣṇaviṣāna⁷⁴. Por seu vigor excessivo, abandonou o rebanho e ficou a andar pela selva, rasgando as margens do rio com os chifres e comendo os brotinhos de grama, verdes como esmeralda. Ora, lá nessa floresta morava um chacal chamado Pralobhaka⁷⁵. Certa vez, estava ele refestelado com sua companheira nas areias do rio, quando Tikṣṇaviṣāna veio a esse mesmo local para beber água. Ao ver os testículos do touro que pendiam, a mulher do chacal disse ao companheiro:

— Marido, veja essas duas bolas de carne que esse touro tem penduradas. Elas cairão dentro de instantes ou em algumas horas. Ciente disso, você deve segui-lo de perto.

O chacal ficou em dúvida:

— Querida, não se sabe quando elas cairão, nem se cairão mesmo. Por que você me obriga a um trabalho inútil? Se ficar aqui, comeremos juntos os ratos que vêm beber água, pois esta é a trilha deles. Por outro lado, se eu deixar você para ir atrás desse touro, algum outro animal pode vir e ocupar este local. Não convém fazer isso, pois:

Quem dispensa a segurança e procura a incerteza perde sua segurança e a incerteza desaparece por si mesma. (141)

A esposa exclamou:

— Ai, como você é medroso! Fica satisfeito se obtém qualquer ninharia. E se diz:

⁷⁴ Tikṣṇaviṣāna, “que tem cornos pontudos”.

⁷⁵ Pralobhaka, “ávido”, “guloso”.

Um pequeno rio pode ser fácil de encher; uma cova de rato pode ser fácil de encher; um homem vil, fácil de contentar, contenta-se com muito pouco.⁷⁶ (142)

— Um homem deve ser sempre esforçado, uma vez que:

A fortuna se estabelece com segurança onde há empreendimentos arrojados, ausência de preguiça e combinação de planejamento e audácia. (143)

Ninguém deve desistir do esforço, pensando: “É o destino.” Não se obtém óleo de gergelim de suas sementes, sem pressão. (144)

— Além disso:

Quem se contenta com uma migalha é um simplório e tão sem sorte que varre para longe a fortuna recebida. (145)

— E, quando você diz que as bolas podem cair ou não, isso não é verdade. E todos dizem:

Os homens decididos são dignos de elogios; uma posição elevada nem sempre rende usufruto. Não é o coitadinho do *cātaka*⁷⁷ que tem Indra como aguadeiro? (146)

E a mulher do chacal arrematou, com convicção:

— Por outro lado, estou farta de carne de rato. Essas bolas de carne parecem-me estar a ponto de cair. De qualquer modo, devemos agir como eu digo.

Concordando com a companheira, o chacal abandonou o local onde caçava ratos e partiu no calcanhar de Tīkṣṇaviṣāna. E, com razão, se proclama:

⁷⁶ Estrofe igual à de número 25 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 38).

⁷⁷ *cātaka*, nome de um pássaro, *Cuculus melanoleucus*. É um passarinho insignificante, que se supõe alimentar-se apenas com água da chuva. Como Indra é a divindade da chuva, é o provedor da pequena ave.

Aqui no mundo, um homem pode ser dono de si em todas as ações, a não ser quando é levado à força, impelido pelo agulhão das palavras da esposa. (147)

Um varão, comandado pelas palavras da esposa, pensa que pode realizar o irrealizável, que pode alcançar o inalcançável, e que pode comer o que não deve ser comido. (148)

Assim passou-se muito tempo, enquanto o casal perambulava atrás do touro. E as bolas não caíam! Então, depois de quinze anos, o desanimado chacal queixou-se para a companheira:

Os dois pendem bem frouxos, porém bem presos; durante quinze anos, querida, tenho-os observado para ver se caem ou não caem. (149=140)

— E nem cairão tão cedo! Vamos para casa, então.

Por isso eu digo:

Os dois pendem bem frouxos, ... [çloka 140]

Karman aconselhou:

— Se é assim, vá mais uma vez a Vardhamāna. Lá vivem dois comerciantes. Um deles é Guptadhana⁷⁸ e o outro é Upabhuktadhana⁷⁹. Depois de observar seus modos de vida, você deve escolher o mais apropriado. Se você tiver por objetivo uma riqueza que não pode ser usada, farei de você um Guptadhana. Se preferir uma riqueza para ser dada e aproveitada, farei de você um Upabhuktadhana.

Dito isso, desapareceu.

Somilaka, com a mente atordoada, voltou outra vez para a cidade de Vardhamāna. A duras penas, chegou exausto, já na hora

⁷⁸ Guptadhana, “que mantém a riqueza guardada”.

⁷⁹ Upabhuktadhana, “que usufrui a riqueza”.

do crepúsculo. Perguntou pela casa de Guptadhana, encontrou-a com dificuldade e só conseguiu entrar lá depois do pôr-do-sol. Foi, então, repellido por Guptadhana, que estava em casa com a esposa e os filhos. Somilaka, porém, entrara na casa com obstinação e sentara-se. Por isso, na hora da refeição, deram-lhe alguma comida sem nenhuma homenagem. Depois de comer, adormeceu lá mesmo. Entretanto, à meia-noite, viu novamente os dois homens confabulando. Um deles dizia:

— Ora, Kartṛ! Por que você impôs a Guptadhana uma despesa adicional por meio da refeição que ele ofereceu a Somilaka? Você não agiu bem.

Kartṛ respondeu:

— Mas, Karman, não tenho culpa nesse caso. Devo assegurar ao homem o recebimento pelo que conquistou. Depende de você, então, restabelecer a situação.

Assim, quando Guptadhana levantou-se, foi subitamente acometido por um mal-estar e sofreu uma forte indigestão. Por causa dessa indisposição, passou o segundo dia em jejum.

Somilaka então foi-se embora e procurou a casa de Upabhuktadhana, onde foi recebido com hospitalidade. O próprio dono da casa levantou-se com cortesia, ofereceu-lhe roupas e alimento e o conduziu a um leito confortável para dormir. Mais tarde, à meia-noite, quando Somilaka percebeu, aqueles dois homens outra vez confabulavam. Então um deles disse:

— Ora, Kartṛ! O dono da casa gastou bastante ao obsequiar Somilaka. Diga-me, como ele fará para pagar? Ele teve de comprar tudo isso numa casa de comércio.

O outro homem disse:

— Mas, Karman, eu fiz só o meu dever! A alteração do resultado depende de você.

Então, na hora do amanhecer, chegou um mensageiro do rei trazendo uma doação em dinheiro e a entregou a Upabhuktadhana.

Ao ver tudo isso, Somilaka decidiu:

— Mesmo sem pecúlio, Upabhuktadhana é preferível àquele mesquinho Guptadhana, como dizem os sábios:

Os Veda têm como fruto a oferenda ao fogo; a ciência revelada tem como fruto a virtude e a prosperidade; a esposa tem como fruto o prazer e os filhos; a riqueza tem como fruto a dádiva e a fruição. (150)

— Que Vidhātṛ⁸⁰ conceda-me uma riqueza de dádiva e fruição; não quero uma riqueza só para guardar.

E, desde então, Somilaka tornou-se possuidor de dinheiro apenas para distribuir e aproveitar. É por isso que eu digo:

Junta-se um belo pecúlio... [çloka 126]

Mantharaka prosseguiu:

— Caro Hiranyaka, sabendo de tudo isso, você não deve sofrer em relação ao tesouro, pois uma riqueza que existe, mas que é impossível de desfrutar, deve ser considerada como inexistente. E dizem:

Se uma riqueza escondida no interior da casa torna ricos seus habitantes, por que então essa mesma riqueza não poderia tornar ricos os outros também? (151)

A distribuição dos ganhos obtidos é o melhor modo de protegê-los, tal como o escoamento das águas é o melhor modo de conservá-las no seio do lago. (152)

Dinheiro deve ser dado, deve ser aproveitado, e não acumulado. Veja só! Aqui no mundo, espécies diferentes roubam a riqueza que as abelhas acumulam. (153)

— E por outro lado:

⁸⁰ Vidhātṛ, “distribuidor”; epíteto de Brahman.

Doação, prazer e perda são os caminhos da riqueza; quem não a doa nem a desfruta condena-a ao terceiro destino. (154)

— Um homem judicioso que aprendeu isso não deve acumular riqueza apenas para entesourá-la, pois assim terá aborrecimentos. E se diz:

As serpentes nutrem-se de ar e não são fracas; os elefantes selvagens tornam-se fortes com ervas secas; os ascetas mais veneráveis passam o tempo a comer raízes e frutos; a riqueza suprema do homem é a satisfação. (155)

Onde os ávidos por riqueza, que correm para lá e para cá, experimentarão a felicidade dos que têm a mente tranqüila e estão saciados com a ambrosia do contentamento? (156)

A suprema felicidade existe para os que bebem o contentamento como néctar; para os homens descontentes, porém, fica a tristeza constante. (157)

Todos os órgãos dos sentidos são controlados, quando a mente os conduz; os raios do sol ficam obscurecidos, quando as nuvens os encobrem. (158)

Os grandes sábios de espírito tranqüilo consideram que a serenidade está na anulação do desejo; os desejos, porém, não desaparecem com a aquisição de objetos, assim como a sede não se sacia com fogo. (159)

O que não fazem os mortais em prol das suas riquezas? Eles até censuram os que não merecem censura e louvam excessivamente os que são indignos de louvor. (160)

O desejo de ganhos, mesmo com propósitos religiosos, não traz felicidade; é melhor manter distância e evitar o contato com a lama depois da ablução. (161)

Neste mundo, não há tesouro comparável à caridade, nem inimigo como a cobiça; não há ornamento igual à virtude, nem riqueza similar ao contentamento. (162)

A extrema forma de pobreza é a escassez de auto-estima; Çiva⁸¹, cujo único bem é seu velho touro, é o deus supremo. (163)

— Sabendo disso, meu caro, você deve ficar satisfeito —
sentenciou a tartaruga.

Depois de ouvir todas essas palavras, o corvo expressou sua concordância:

— Amigo Hiranyaka, guarde na memória tudo o que
Mantharaka falou e também isto que se diz com certeza:

Homens de fala agradável, são encontrados com facilidade, ó rei!
Difícil é encontrar quem fale e quem ouça o que é desagradável,
embora seja o adequado. (164)

Aqueles que dirigem aos homens palavras adequadas embora desagrada-
veis, devem ser chamados de amigos de verdade; os outros
são amigos só de nome. (165)

Enquanto eles assim conversavam, uma gazela de nome
Citrāṅga⁸² entrou naquele lago para fugir de uns caçadores. Ven-
do-a chegar como um turbilhão, o corvo voou para uma árvore, o
rato escondeu-se numa moita de capim que estava próxima, e a
tartaruga refugiou-se no lago. Mas Laghupatanaka observou bem,
certificou-se de que era uma gazela e disse para a tartaruga:

— Venha, amiga Mantharaka, saia daí. Essa gazela sedenta
chegou aqui e entrou no lago. Quem fez esse barulho foi ela, e não
os caçadores.

⁸¹ Çiva, “propício”, “benevolente”; nome da terceira divindade da tríade do hinduísmo.
Os outros dois são: Brahman e Viṣṇu.

⁸² Citrāṅga, “que tem manchas pelo corpo”, “malhado”.

Ouvindo isso, Mantharaka falou, em sintonia com o tempo e o lugar:

— Veja, Laghupatanaka, a gazela está com a respiração ofegante e olha para trás com olhos assustados; ela não sofre de sede, mas, com certeza, treme de medo por causa dos caçadores. Vá, então, averiguar se eles continuam vindo atrás dela. Eis o que se diz:

O homem amedrontado tem respiração ofegante, olha para todos os lados e não encontra paz em nenhum lugar. (166)

Citrãnga ouviu isso e concordou:

— Isso mesmo, Mantharaka, você percebeu muito bem o motivo do meu temor. Consegui livrar-me das flechadas dos caçadores e cheguei aqui a duras penas. Meu rebanho, porém, deve ter sido dizimado por eles. Como cheguei aqui na condição de refugiada, mostrem-me algum lugar que eles não consigam descobrir.

Depois de ouvi-la, Mantharaka respondeu:

— Ouça, Citrãnga, o que diz a ciência da ética:

Aqui há dois meios prescritos para escapar quando aparece o inimigo: o primeiro consiste no movimento das mãos⁸³ e o segundo resulta da velocidade dos pés. (167)

— Vá depressa, entre nessa densa floresta antes que cheguem os caçadores desalmados.

Laghupatanaka, entretanto, vinha chegando apressado e com boas notícias:

— Calma, Mantharaka! Os caçadores voltaram para suas casas levando pedaços de carne em abundância. Por isso, Citrãnga, você pode sair da água sem medo.

⁸³ “Movimento das mãos” significa a habilidade no uso de armas brancas.

Desde então, unidos por sincera amizade, os quatro reuniam-se naquele lago, na hora do meio-dia, à sombra das árvores, para passar o tempo em agradáveis e animadas conversas. E é bem a propósito que dizem:

Os intelectuais ficam felizes, com os pelos eriçados de prazer, em razão das boas conversas, mesmo sem a companhia de mulheres. (168)

Aquele que não acumula a riqueza, que consiste de sábias palavras, o que ofertará como donativo nos sacrifícios laudatórios? (169)

E assim:

Quem não apreende o que lhe foi dito antes ou não produz seu próprio discurso e que não tem uma caixinha de jóias⁸⁴, como poderá ser eloqüente? (170)

Um dia, porém, Citrãnga não apareceu na hora do encontro. Os outros ficaram preocupados e passaram a murmurar uns para os outros:

—Ai, por que a amiga não veio hoje? Será que foi apanhada por leões ou outras feras? Por caçadores? Ou foi tragada por um incêndio? Ou caiu num barranco perigoso devido à vontade de comer grama tenra?

Há um modo mais correto de dizer isto:

Por afeição, os companheiros temem que aconteça algum mal até a quem vai ao jardim da própria casa; com maior razão, àquele que está no meio de uma densa selva apavorante e cheia de perigos. (171)

Mantharaka sugeriu ao corvo:

⁸⁴ As sentenças de sabedoria são comparadas a valiosas jóias que devem ser colecionadas com o mesmo cuidado com que se guardam jóias numa caixinha.

— Bem, Laghupatanaka, o rato e eu não podemos ir procurá-la, pois nossos passos são lentos. Vá você, examine a floresta para ver se ela está viva em algum lugar.

O corvo saiu voando logo que ouviu isso e encontrou Citrāṅga não muito longe dali, presa à rede de uma armadilha, à margem do lago. Ao vê-la, o corvo condeu-se e perguntou:

— Amiga, o que aconteceu?

Também a gazela angustiara-se ao ver o corvo. E isto que dizem é bem adequado:

Para a maioria das criaturas vivas, a agonia de uma dor que já estava mitigada ou extinta retorna com mais força à visão de um ente querido. (172)

A gazela enxugou as lágrimas e disse para o corvo:

— Ai, amigo, a morte aproxima-se de mim; contudo acontece algo benéfico, que é ver você de novo. E dizem:

Quando chega a hora da morte, a presença do amigo traz prazer aos dois — ao que vive e ao que morre. (173)

— Perdoe-me se falei com confiança excessiva em nossas conversas animadas. Diga por mim, a Hiranyaka e a Mantharaka, o seguinte:

Se empreguei palavras injuriosas sem saber, ou mesmo sabendo, peço-lhes que me perdoem com mente benévola. (174)

Ouvindo isso, Laghupatanaka protestou:

— Amiga, você não deve ter medo enquanto existirem pessoas como nós. Vou buscar Hiranyaka imediatamente. Os verdadeiros homens não se perturbam de modo nenhum diante da desgraça. E se diz:

Quem não sente tristeza no infortúnio, alegria no sucesso, nem medo na batalha, é um *tilaka*⁸⁵ dos três mundos; uma mãe, muito raramente, gera um filho assim.⁸⁶ (175)

Com essas palavras, Laghupatanaka encorajou Citrāṅga; depois foi até onde estavam a tartaruga e o rato e contou-lhes como acontecera a captura da amiga. Hiranyaka resolveu libertar Citrāṅga da rede e subiu nas costas do corvo. Rapidamente os dois chegaram perto da gazela, que, ao ver o rato, ganhou esperança de viver, e disse:

Para afastar os males, os sábios devem fazer amigos fiéis; ninguém supera o infortúnio sem amizades aqui na terra. (176)

Hiranyaka perguntou:

— Amiga, você conhece a ciência da boa conduta e raciocina com perspicácia. Como então foi cair nessa armadilha?

Ela respondeu ansiosa:

— Ai, não é hora para discussão. Corte logo este laço dos meus pés antes que o caçador de alma danada se aproxime.

Ouvindo isso, Hiranyaka sorriu e disse:

— Você está com medo do caçador, apesar da minha presença? Começo a sentir uma grande aversão à ciência, pois mesmo alguém como você, que conhece a ciência da boa conduta, chega a essa situação. Foi por isso que perguntei.

Citrāṅga explicou:

⁸⁵ *tilaka*, marca feita na testa com terras coloridas, sândalo e unguentos, como ornamento, como identificação de uma seita, como símbolo de distinção ou como índice de mérito.

⁸⁶ Estrofe que se assemelha à de número 105 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 52).

— Amigo, até a inteligência é derrotada pelo destino. Eis o que se propaga:

A inteligência daqueles que são apanhados nas armadilhas de Kṛtānta, ou daqueles cujas mentes são feridas pelo destino, segue por veredas enganadoras, mesmo que homens eminentes a possuam.⁸⁷ (177)

Nem os eruditos com a sua inteligência são capazes de apagar a série de signos que Vidhātṛ imprime na testa de cada um.⁸⁸ (178)

Enquanto eles assim conversavam, Mantharaka ia-se aproximando deles devagar, com o coração atormentado pelo infortúnio da amiga. Ao vê-la, o corvo disse para o rato:

— Céus! Está acontecendo uma coisa nada auspiciosa!

Hiraṇyaka perguntou:

— O que é? O caçador está chegando?

Laghupatanaka respondeu:

— Esqueça-se da história do caçador! É Mantharaka que se aproxima. Ela não agiu corretamente, pois agora poderemos até ser mortos por causa dela. Se o caçador desalmado chegar aqui, eu voarei para o céu; você, entrando num buraco, estará salvo; Citrāṅga fugirá com ímpeto para outra região; essa habitante das águas, porém, o que fará em terra seca? Estou muito preocupado.

Nesse momento Mantharaka chegou e foi repreendida por Hiraṇyaka:

— Amiga, você errou ao vir para cá. Volte o mais rápido que puder, antes que o caçador apareça.

A tartaruga protestou:

⁸⁷ Estrofe igual à de número 5 deste segundo livro da coleção.

⁸⁸ De acordo com uma crença hinduísta, o destino de cada indivíduo é escrito em sua testa por Vidhātṛ (Brahman), no sexto dia após o nascimento.

— Amigo, o que eu podia fazer? Não posso ficar lá e resistir à dor da chaga de fogo que é a desgraça de uma amiga. Foi por isso que eu vim. E melhor dizendo:

Se não existisse essa erva medicinal poderosíssima que é a companhia de pessoas amigas, como poderia alguém suportar a ausência de um ente querido e a privação dos bens? (179)

É melhor renunciar à vida do que me separar de vocês; a vida acontece de novo em outra existência, mas pessoas como vocês não tornam a nascer. (180)

Enquanto ela falava, surgiu o caçador com o arco completamente vergado. Logo que o viu, o rato cortou os ligamentos do laço num piscar de olhos. Citrāṅga, olhando para trás, já começou a correr; Laghupatanaka voou para uma árvore e Hiranyaka entrou num buraco que estava próximo.

Decepcionado com a fuga da gazela e cansado pelo esforço inútil, o caçador avistou Mantharaka caminhando pelo chão, muito devagar, e pensou:

— Se Dhātṛ⁸⁹ roubou a gazela, forneceu-me em troca esta tartaruga para comer. Hoje minha família ficará bem alimentada com a sua carne.

Assim pensando, envolveu a tartaruga em capim enrolado como corda, prendeu-a no arco em seu ombro e dirigiu-se para casa.

Entretanto, ao ver a amiga sendo levada, Hiranyaka começou a se lamentar, tomado pela dor:

— Desgraça! Ai, ai! Aconteceu uma desgraça!

⁸⁹ Dhātṛ, “criador”; epíteto de Brahman.

Ainda não cheguei ao fim de uma calamidade, como se chegasse à outra margem do oceano, e já me acontece uma segunda; os males se infiltram pelas rachaduras. (181)

É difícil encontrar um arco feito de bambu seleteo, bem como um amigo e uma esposa nascidos em linhagem nobre; um arco que curva, endireita-se e não quebra nas emergências, bem como um amigo e uma esposa reverentes, honestos e fortes nas adversidades. (182)

Os homens depositam mais confiança no amigo do coração do que na mãe, na esposa, no irmão e no filho. (183)

— Se Kṛtānta já me destinou a perda do tesouro, por que me rouba a amiga que era meu refúgio, agora que estou fatigado pelas andanças? Além disso, nenhuma outra amizade será igual à de Mantharaka. E dizem os sábios:

Superar o fracasso, revelar o segredo e livrar-se dos males; eis o triplo fruto da amizade. (184)

— Depois dela, não terei outra amiga. Mas por que o destino faz chover sobre mim incessantes flechas de dor? Primeiro, perdi o tesouro, depois, fui abandonado pelos meus seguidores, em seguida, saí de minha terra; agora, estou separado da amiga. Essa é a própria natureza da lei que rege a vida de todos os viventes.

O corpo tem a morte sempre próxima; os sucessos se desfazem num piscar de olhos; as ligações tornam-se separações para todas as criaturas. (185)

Os açoites caem sobre o ferimento sem cessar; o ardor no estômago aumenta com o minguar da riqueza; as inimizades surgem nas calamidades; os males se infiltram pelas rachaduras. (186)

— Ah, alguém já disse com muita razão:

Quem criou esta jóia de duas sílabas — *mitra* —, proteção na hora de perigo e cálice de afeição e confiança?⁹⁰ (187)

Enquanto isso, chegaram àquele local, soluçando, Citrāṅga e Laghupatanaka. Hiranyaka disse, então:

— Ora, para que choramingar em vão? Vamos arquitetar um plano para libertar Mantharaka enquanto ela ainda não sumiu de vista. Assim se diz:

Quem se transtorna e tudo o que faz é lamentar-se, quando ocorre um infortúnio não consegue superá-lo e só causa o aumento do próprio pranto. (188)

Os instruídos na ciência da conduta dizem que o único remédio contra o infortúnio é extingui-lo já no começo e afastar a depressão. (189)

— Por outro lado:

A melhor deliberação é a que propõe preservar-se o que já foi obtido, conseguir o que deve ser alcançado e libertar quem se encontra em apuros. (190)

Ouvindo isso, o corvo sugeriu:

— Bem, nesse caso, tenho uma proposta. Citrāṅga irá até o caminho do caçador, aproximar-se-á de alguma lagoa que encontrar e deixar-se-á cair na beirada como se estivesse inconsciente. Eu subirei na cabeça dela e dar-lhe-ei bicadas leves. O caçador malvado pensará que ela está morta, por causa das minhas bicadas, e deixará Mantharaka no chão a fim de pegar a gazela. Quando isso acontecer, você cortará o laço de corda feita de grama, para que a tartaruga possa entrar na lagoa o mais rápido possível.

Citrāṅga ficou radiante:

— Viva! Esse plano que você imaginou é excelente! Agora a tartaruga já pode considerar-se livre. E se diz:

⁹⁰ Estrofe parecida com a de número 60 deste segundo livro da coleção.

O poder da mente pode mostrar se haverá sucesso ou não; primeiramente, antes de todos, é o homem experiente que sabe disso, e ninguém mais. (191)

— Vamos logo!

E assim fizeram. À margem de uma lagoa situada no caminho, o caçador viu Citrãnga deitada, com o corvo pousado sobre ela. Exultou com isso e pensou:

— Provavelmente, essa pobre gazela, apesar da dor por estar amarrada, conseguiu romper o laço com o resto de forças que tinha e, quando entrou na floresta, morreu. Esta tartaruga está em meu poder, muito bem amarrada. Vou pegar a gazela também.

Com esse propósito, deixou a tartaruga no chão e correu para a gazela.

Enquanto isso, Hiranyaka, num piscar de olhos, cortou em pedaços a corda de tufos de capim com seus dentes duros como diamante. Mantharaka saiu do meio da grama e entrou na lagoa que estava próxima. Citrãnga levantou-se antes que o caçador chegasse e depressa desapareceu. O corvo também fugiu.

O caçador, surpreso e muito desapontado, voltou-se e viu que a tartaruga também fugira. Sentou-se ali mesmo enquanto recitava esta estrofe:

A gorda gazela estava presa pelo laço, então foi me tomada por ti; e presa também estava a tartaruga, que também perdi, por tua ordem, com certeza; atormentado pela fome, vagueio por esta floresta, sem os filhos e sem a esposa; o que ainda não me fizeste, Kṛtānta, faz-me agora; estou à tua disposição. (192)

Depois de muitas lamúrias, voltou para casa.

Quando ele já estava bem longe, todos eles — o corvo, a tartaruga, a gazela e o rato — abraçaram-se uns aos outros no auge da alegria e sentiram-se como se tivessem renascido. Retornaram ao lago, onde permaneceram felizes, passando o

tempo entretidos em amáveis conversas e narrações de histórias.

É por isso que o homem judicioso deve sempre congregar amizades e nunca tratar um amigo com falsidade. Por essa razão dizem os sábios:

Quem constrói amizades aqui no mundo e não procede com hipocrisia nunca sentirá a dor da humilhação. (193)

Conclui-se, assim, o segundo livro do *Pañcatantra*, intitulado **A Aquisição de Amigos**, composto pelo venerável Viṣṇuçarman.





LIVRO III



A HISTÓRIA DOS CORVOS **E DAS CORUJAS**

omeça aqui o terceiro livro, intitulado **A História dos Corvos e das Corujas**, cuja primeira estrofe é esta:

Ninguém deve confiar em um ex-oponente ou em um inimigo que se tornou amistoso: olha a caverna, cheia de corujas, consumida pelo fogo ateadado pelos corvos. (1)

Assim, eis o que sempre se ouve:

Num distrito do sul, existia uma cidade chamada Mahilāropya. Perto dali, havia uma figueira provida de numerosos ramos e coberta por compacta folhagem, onde morava Meghavarṇa¹, o rei dos corvos, rodeado por sua corte. Tendo ordenado a construção de uma fortaleza naquele local, ele era atendido pelos súditos durante todo o tempo.

Enquanto isso, o rei das corujas, chamado Arimardana², vivia, com seu bando numeroso, numa gruta da montanha que os abrigava como uma cidadela. À noite, ele sempre se aproximava da figueira, com seu bando, dava voltas ao redor da árvore e, em

¹ Meghavarṇa, “que tem a cor das nuvens”.

² Arimardana, “que destroça os inimigos”.

razão de antiga hostilidade, matava qualquer corvo que encontrasse e ia embora.

Então, devido às freqüentes investidas de Arimardana, pouco a pouco a fortaleza da figueira ficou quase sem corvos em volta.

Assim costuma acontecer e se ensina:

Aquele que, tomado pela preguiça, desdenha um inimigo que avança ao bel-prazer, ou uma doença que eclode espontaneamente, é destruído por eles aos poucos. (2)

E também:

Embora sendo muito poderoso, aquele que não sufoca um inimigo ou uma doença, logo que surgem, é destruído por eles, quando atingem a plenitude.³ (3)

Certo dia, convocando todos os ministros, o rei dos corvos declarou:

— Ai de nós! Nosso oponente, que é tão superior, perseverante e conhecedor do tempo, sempre se aproxima ao cair da noite e destrói a nossa espécie. O que se pode fazer contra ele? Nós não enxergamos à noite, e também não conhecemos sua fortaleza, para ir até lá e atacá-los durante o dia. Qual dentre estas ações é a mais adequada agora: acordo, discórdia, marcha, defensiva, refúgio ou duplicidade?⁴

Os ministros ponderaram:

— Está bem formulada a pergunta de Vossa Majestade, pois:

Mesmo quando não interrogado, o ministro pode falar qualquer coisa num dado momento; mas, quando interrogado, deve dizer o que é verdadeiro e adequado, seja agradável ou desagradável. (4)

³ Estrofe que se assemelha às de números 236 e 368, do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 129 e p. 194, respectivamente).

⁴ Essas ações constituem as *ṣaḍguṇa*, “seis atos ou medidas que um rei deve utilizar em política exterior”.

Quem, quando solicitado, não propõe um conselho vantajoso e de resultados satisfatórios, embora seja ministro e eloqüente, será lembrado como inimigo. (5)

Homens de fala agradável são encontrados com facilidade, ó rei! Difícil é encontrar quem fale e quem ouça o que é desagradável, embora seja o adequado.⁵ (6)

Portanto devemos sentar-nos em lugar secreto e deliberar, ó protetor da terra, para que, assim, encontremos o que motiva a ação do adversário. (7)

Então, Meghavarṇa começou a inquirir, um a um, seus cinco ministros hereditários, que se chamavam Ujjīvin, Saṁjīvin, Anujīvin, Prajīvin e Ciraṁjīvin. Em primeiro lugar, perguntou a Ujjīvin⁶:

— Meu caro, o que pensa você sobre a nossa situação?

O ministro respondeu:

— Majestade, contra o inimigo forte, não se deve entrar em guerra. Como ele é forte e combate no momento adequado, merece que se lhe proponha um acordo, pois se diz:

As vantagens não se afastam daqueles que reverenciam os mais fortes, mas os atacam no momento certo, assim como os rios não correm contra a corrente.⁷ (8)

— E também:

Verdadeiro, virtuoso, nobre, apegado aos parentes, forte e muitas vezes vitorioso: esse é um adversário com o qual se deve entrar em acordo.⁸ (9)

⁵ Estrofe igual à de número 164 do segundo livro da coleção.

⁶ Ujjīvin, “que revive”.

⁷ Esta estrofe é uma citação do *Kāmandakīyanīṣāra* (“Epítome de conduta de Kāmandaki”), IX, 50.

⁸ Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanīṣāra*, IX, 47.

Deve-se firmar aliança até com quem não é nobre, quando se percebe risco de vida; com a preservação da vida, tudo se preserva.⁹ (10)

— Em especial — Ujjivin continuou —, deve-se firmar aliança com esse nosso oponente, que é vencedor de muitas batalhas, como se ensina:

Quando alguém estabelece uma união com um vencedor de muitas batalhas, logo submete, como consequência, seus oponentes à sua vontade.¹⁰ (11)

Assim falou Bṛhaspati¹¹: “Quando a vitória na luta é incerta, deve-se promover um acordo mesmo com um igual, pois não convém manter uma situação duvidosa”.¹² (12)

A vitória na guerra é arriscada para os homens que lutam aqui no mundo; por isso só se deve atacar depois do uso das três primeiras estratégias¹³. (13)

O homem, cego de orgulho, que não faz acordos, pode ser abatido com violência até por alguém com força igual, como um cântaro de argila crua que bate contra um outro e causa o aniquilamento de ambos. (14)

O ataque de um fraco contra um poderoso resulta na morte do fraco; o poderoso se mantém firme como a pedra que quebra o cântaro. (15)

— E por outro lado — Ujjivin continuou:

Terra, amigo e ouro são os três tipos de frutos da guerra; se não existe pelo menos um deles, não se deve guerrear de modo algum.¹⁴ (16)

⁹ Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanīṣāra*, IX, 45.

¹⁰ Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanīṣāra*, IX, 52.

¹¹ Bṛhaspati, autor de um tratado de leis.

¹² Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanīṣāra*, IX, 59.

¹³ Referência aos quatro *upāya*, “meio ou estratégia de sucesso contra um inimigo”: *sāman*, “conciliação”, “negociação”; *dāna*, “suborno”; *bheda*, “desunião”, “promoção da discórdia”; *daṇḍa*, “ataque”.

¹⁴ Estrofe que se assemelha à de número 229 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 128). É uma variante do *çloka* X, 28, do *Kāmandakīyanīṣāra*.

Escavando uma toca de rato cheia de lascas de pedra, o leão, ou fica com as garras quebradas, ou obtém apenas um roedor como recompensa. (17)

Nunca se deve, por isso, provocar ou manter uma batalha, quando não houver recompensa, mas, sim, a própria vitória. (18)

Quando se é atacado por um mais forte e se deseja a sorte infalível, deve-se escolher a reação do junco, jamais a da serpente.¹⁵ (19)

Pois aquele que age como o junco alcança imensa riqueza; o que se comporta como a serpente merece apenas a morte. (20)

Permanecendo recolhido como uma tartaruga, o sábio pode até suportar pancadas, mas, no devido tempo, poderá surgir como uma serpente negra.¹⁶ (21)

Vendo a guerra iminente, deve-se evitá-la com negociações propícias, pois, devido à incerteza da vitória, não se deve atacar com açoitamento.¹⁷ (22)

— E portanto:

Não há regra que ordene: “o poderoso deve ser combatido”, pois uma nuvem jamais desliza contra o vento.¹⁸ (23)

Assim, Ujjīvin aconselhou uma negociação para estabelecer um acordo de paz. E o rei, depois de ouvi-lo, voltou-se para Saṃjīvin¹⁹:

— Meu caro, desejo ouvir a sua opinião.

— Majestade — ele disse —, não me parece aconselhável fazer aliança com o inimigo e é por isso que se diz:

¹⁵ As estrofes de número 19 e 20 são complementares e assemelham-se aos *çloka* X, 32 e 33, do *Kāmandakīyanīṭisāra*.

¹⁶ Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanīṭisāra*, X, 35.

¹⁷ Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanīṭisāra*, X, 31.

¹⁸ Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanīṭisāra*, IX, 49.

¹⁹ Saṃjīvin, “que convive”.

Com o inimigo não se deve fazer acordo, nem que seja bem garantido; a água, por mais quente que esteja, apaga o fogo.²⁰ (24)

— E depois, ele é cruel, voraz em excesso e desprovido do senso de justiça. Isso é razão de sobra para que o senhor não faça aliança com ele, como dizem:

Não se deve jamais fazer acordo com alguém que desdenha a justiça ou a verdade; mesmo tendo chegado a consenso, ele mudará em pouco tempo, devido à falta de honestidade.²¹ (25)

— Por esse motivo — o ministro continuou —, deve-se combatê-lo; essa é a minha opinião, porquanto se ensina:

Um contendor impiedoso, voraz, indolente, falso, descuidado, covarde, instável e avesso à luta deve ser fácil de erradicar.²² (26)

— Além disso, nós somos humilhados por ele. Se fizermos uma declaração de paz, então, ele agirá, ainda mais, com furor além do limite. Devemos lembrar:

No caso de um adversário que deve ser vencido com a quarta estratégia, a conciliação é inadequada; que médico borrija água fria sobre o paciente com febre de indigestão, que deve ser tratado com suadores?²³ (27)

Palavras conciliatórias, ao contrário, são atçadoras para o inimigo enfurecido, como pingos d'água, repentinos, sobre manteiga aquecida. (28)

Sañjivin prosseguiu sua argumentação:

²⁰ Estrofe que se assemelha à de número 30 do segundo livro da coleção.

²¹ Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanīṣāra*, IX, 41.

²² Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanīṣāra*, VIII, 15.

²³ Estrofe que é citação do *Çiçupālavadhā* (“Morte de Çiçupāla”), poema inspirado num episódio do *Mahābhārata* e composto por Māgha, II, 54.

— E, todavia, quem diz que o adversário é forte não tem razão, pois:

Sustentado por sua grande coragem, o leão apóia o pé sobre a cabeça do elefante furioso, embora este o exceda em tamanho.²⁴ (29)

Dotado de habilidade e perseverança, o pequeno pode destruir o oponente robusto, tal como o leão destrói o elefante. Assim ensinam os Bhāradvāja.²⁵ (30)

Os rivais que não podem ser aniquilados pela força devem sê-lo por meio de trapaças; assim, Kīcaka foi morto por Bhīma, que assumiu a aparência de mulher.²⁶ (31)

Os inimigos submetem-se ao domínio de um rei que empunha um cetro terrível como a morte, mas consideram como palha o rei que tudo suporta. (32)

Jamais há tranquilidade para aquele cujo valor não suplanta os valores de um bravo. De que adianta ter nascido, se foi apenas para arrebatar a juventude de sua mãe? (33)

A fortuna que não foi banhada com o sangue inimigo, como um corpo que se untou com açafraão, é desejável, mas não dá prazer à mente dos talentosos. (34)

Que orgulho há na vida de um soberano cuja terra não é bem regada com o sangue dos inimigos e com as lágrimas das respectivas esposas? (35)

Assim Saṁjīvin expôs sua recomendação para a guerra.

²⁴ Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanītisāra*, XIII, 16.

²⁵ Bhāradvāja, nome dos seguidores de uma escola de filosofia, ligada ao *Yajurveda*, “Veda das Fórmulas Sacrificiais”. Cf. *Kāmandakīyanītisāra*, IX, 56.

²⁶ Alusão a um episódio do *Mahābhārata*, Livro III, no qual Bhīma (segundo filho de Paṇḍu e de Kuntī) veste-se como mulher e toma o lugar de Draupadī (esposa dos cinco irmãos) em um encontro desta com Kīcaka (chefe do exército do rei Virāṭa). Para livrar a esposa do assédio constante do chefe do exército, Bhīma o desafia para uma luta e o mata.

Depois de ouvi-lo, Meghavarṇa interrogou Anujīvin:²⁷

— Meu caro, exponha sua opinião.

— Majestade — disse o ministro —, o malvado Arimardana é superior em força e não tem limites de moralidade. Não convém adotar, contra ele, nem a paz, nem a guerra. Só a marcha é adequada, como ensina a tradição:

Quando se trata de alguém com imensa força, malvado e sem limites, nem acordo nem luta são aconselháveis, mas a marcha tão somente. (36)

Há dois modos de descrever a marcha: um deles é a proteção da vida e dos bens, em caso de perigo, e o outro é caracterizado como expedição de quem deseja conquistar.²⁸ (37)

Recomenda-se, ao ávido de conquistas e com vigor crescente, a marcha em território inimigo, nos meses *kārttika* e *caitra* e em nenhum outro.²⁹ (38)

Quando o inimigo se encontra em dificuldades e há brechas na defesa, todas as épocas são favoráveis para a condução de um ataque. (39)

Depois de construir a defesa de seu próprio território, com homens valentes, confiáveis e muito fortes, deve-se marchar contra outro país, onde agentes secretos já se infiltraram. (40)

²⁷ Anujīvin, “que vive após ou abaixo”, “subordinado”.

²⁸ Há dois tipos de marcha: o primeiro é a retirada, como preservação, e o segundo tipo é o ataque ao inimigo.

²⁹ *kārttika*, mês do calendário indiano que corresponde ao fim de outubro e início de novembro; *caitra* corresponde ao fim de março e início de abril. Em *Manusmṛti* (“Código de Manu”), VII, 182, os meses recomendados são *mārgaśīrṣa* (novembro-dezembro), quando não há chuvas, que deixam as estradas intransitáveis; *phālguna* (fevereiro-março) e *caitra* (março-abril), meses em que há abundância de grãos nos campos.

Aquele que marcha para o país inimigo, sem conhecer as estradas, os rios e as colheitas, não retorna à terra natal. (41)

— Por isso seria conveniente para o senhor iniciar a retirada; aliás, ouve-se:

Não convém, ó soberano, empreender a marcha do segundo tipo, nem declarar a guerra, nem estabelecer o acordo de paz com aquele poderoso velhaco. (42)

— Além disso — Anujīvin prosseguiu —, os sábios procedem à retirada, dependendo dos motivos, pois:

O carneiro recua ao atacar e até o rei dos animais contrai-se em fúria, quando está prestes a dar o bote. Com as intenções guardadas no coração e as resoluções e os movimentos escondidos, os estrategistas inteligentes resistem. (43)

— Por outro lado:

Aquele que abandona o país, ao perceber que o adversário é poderoso, permanece vivo e recupera seu território, como Yudhiṣṭhira.³⁰ (44)

O fraco que se mostra orgulhoso e vai lutar contra um mais forte pode realizar o desejo deste e provocar a destruição de sua própria linhagem. (45)

— Então, quando se é atacado por um forte, é o momento adequado para a retirada, não para o acordo, nem para a discórdia.

Assim, Anujīvin aconselhou a retirada.

O rei escutou essas palavras e dirigiu-se a Prajīvin³¹:

— Meu caro, declare também seu ponto de vista.

³⁰ Yudhiṣṭhira, um dos heróis do *Mahābhārata*, que é banido de seu reino, mas volta para recuperá-lo.

³¹ Prajīvin, “que vive adiante”, “que sobrevive”.

— Senhor — disse ele —, a paz, a guerra ou a retirada, nenhuma das três ações me parece satisfatória; a defensiva é a que me parece especialmente adequada, visto que:

O crocodilo, estabelecido em sua vivenda, arrasta até um elefante, forte como Indra;³² desalojado, porém, é vencido até por um cão. (46)

— Ademais:

Atacado por um forte, o perseverante deve permanecer na fortaleza; lá estabelecido, deve apelar aos amigos para que o auxiliem.³³ (47)

Ao saber-se da aproximação do agressor, pode-se abandonar o próprio território, com o espírito aterrorizado pelo medo, mas não se pode lá entrar novamente. (48)

Como a víbora sem presas e o elefante sem vigor, também o rei que perdeu o território pode ser assediado por todas as criaturas.³⁴ (49)

Um único homem, em seu próprio domicílio, pode combater até cem poderosos inimigos; por isso ele não deve abandonar esse posto. (50)

Por essa razão, depois de construir uma sólida fortaleza, guarnecida de guerreiros e provisões, rodeada por muralha e fosso, e abastecida com armas e outros instrumentos de guerra, o homem prudente deve permanecer em seu interior, sempre em condições de combate: se viver, obterá o reino; se morrer, irá para o céu. (51-52)

— E também — o ministro acrescentou:

Os que se reúnem num só refúgio, embora débeis, não são vencidos nem por um poderoso, assim como as trepadeiras que, crescendo juntas, não são deslocadas por um vento contrário. (53)

³² Indra, deus da atmosfera e do céu, senhor da chuva e dos raios.

³³ Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanītisāra*, IV, 55.

³⁴ Esta estrofe é uma variante das estrofes de números 235 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 129) e 13, do segundo livro.

Assim como a árvore solitária, apesar de grande, forte e bem enraizada, é passível de ser derrubada com ímpeto pelo vento, ao contrário das árvores que se aglomeram bem fixas por todos os lados e não são abatidas por violentos tufões, pois se reúnem num só abrigo, assim também os inimigos consideram fácil de vencer o homem só, embora dotado de valor, e depois o matam.³⁵ (54-55-56)

Prajīvin, portanto, aconselhou a ação conhecida como defensiva.

Depois de ouvi-lo, Meghavarṇa disse para Cirañjīvin³⁶:

— Meu caro, diga você também o que pensa.

— Majestade — sugeriu o ministro —, dentre os seis modos de ação política, a proteção mútua parece-me inteiramente adequada; logo, é a ação que se deve promover. Dizem os antigos:

O que fará um homem sem aliados, apesar de competente e poderoso? Aceso onde não há vento, o fogo se extingue por si mesmo. (57)

— O senhor deve, então, permanecer aqui mesmo e obter proteção de alguém competente, que traga remédio para o seu infortúnio, pois, se abandonar seu próprio território e for para outra região, ninguém lhe prestará assistência, nem mesmo com meras palavras. Por isso também ensinam:

O vento torna-se auxiliar do fogo ao queimar as florestas, embora cause o apagar das lâmpadas. Quem tem amizade pelo fraco? (58)

— Entretanto — ele ponderou —, não é necessário procurar o auxílio apenas de um aliado forte. A sociedade, mesmo dos fracos, apresenta proteção, pois:

³⁵ Estas estrofes assemelham-se às do *Mahābhārata*, III, 36, 63-64.

³⁶ Cirañjīvin, “que vive muito tempo”.

Assim como um bambu, envolto por bambus sem interstícios, não pode ser derrubado, também um rei, rodeado por outros, apesar de fracos, não pode ser vencido.³⁷ (59)

— E quando já existe a associação com o melhor, o que se diz então? Diz-se:

Para quem a companhia de um grande homem não é motivo para a ascensão? A gota d'água que permanece sobre uma folha de lótus adquire o brilho de uma pérola. (60)

— Portanto, não há qualquer possibilidade, a não ser a proteção mútua, que é o procedimento a adotar-se. Eis minha opinião — concluiu Cīramjīvin.

Depois que o ministro acabou de falar, o rei Meghavarna fez uma reverência para Sthirajīvin³⁸, que já fora ministro de seu pai e que dedicara longa vida ao estudo de todas as ciências políticas, e disse-lhe:

— O senhor, que é como um pai para mim, ajude-me. Interroguei em sua presença meus ministros sobre a situação, para que o senhor ouvisse e me indicasse o que é conveniente. Indique-me, então, o que é mais vantajoso.

— Filho — respondeu o ancião —, todos os ministros falaram, de acordo com os tratados de política, acerca de tudo o que é conveniente empregar em cada ocasião. Este, porém, é o momento para a duplicidade, como se diz:

Deve-se manter a desconfiança diante de um inimigo perverso e poderoso, recorrendo à duplicidade, ora com tratados, ora com ataques. (61)

— Por isso, os desconfiados e ambiciosos devem inspirar confiança ao inimigo para destruí-lo com facilidade. Diz-se também:

³⁷ Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanīṣāra*, IX, 46.

³⁸ Sthirajīvin, “que vive com estabilidade”.

Às vezes, os peritos em política promovem o crescimento dos adversários, embora pretendam derrotá-los; o catarro, quando aumentado com melaço, é expelido docemente. (62)

— E assim — Sthirajīvin acrescentou:

O homem que é honesto com as mulheres, com o inimigo, com o amigo traidor e principalmente com as prostitutas não sobrevive. (63)

Deve-se proceder com sinceridade em relação aos deuses, aos brâmanes, a si mesmo e também ao mestre espiritual; para o restante, recorre-se à duplicidade. (64)

A sinceridade é sempre recomendada aos ascetas de espírito contemplativo; não é aconselhável, porém, aos habitantes do mundo, ávidos por mulheres, e, principalmente, aos protetores da nação. (65)

— Se o senhor recorrer à duplicidade, permanecerá em seu próprio território e, incentivando a ambição do oponente, poderá expulsá-lo. Além disso, se perceber que ele tem algum ponto fraco, poderá avançar para matá-lo.

Meghavarṇa ponderou:

— Senhor, não conheço o esconderijo dele. Como saberei, então, se tem pontos fracos?

— Filho — replicou o ministro —, eu descobrirei, por meio de espíões, não só o local do esconderijo, mas também seus pontos fracos, pois:

As vacas percebem pelo odor, os brâmanes percebem pelos Veda, os reis percebem pelos espíões e o resto dos homens, pelos olhos. (66)

— E, a respeito disso, se diz:

O rei que conhece, por meio de seus agentes secretos, os *tīrtha*³⁹ da sua própria facção e principalmente os da tropa inimiga não encontrará a derrota. (67)

³⁹ Os *tīrtha*, nesta estrofe, representam um tipo altamente qualificado de conselheiro do rei.

Meghavarṇa perguntou:

— Quantos e quais são esses *tīrtha* de que o senhor fala? Como são os agentes secretos? Explique-me tudo isso.

— Sobre esse assunto — respondeu Sthirajīvin —, o venerável Nārada disse a Yudhiṣṭhira⁴⁰: “São dezoito *tīrtha* na facção inimiga e quinze na nossa; cada um deles deve ser conhecido por meio de três agentes secretos.” Depois de conhecidos esses agentes, ambas as tropas ficam sob controle, como Nārada ensinou a Yudhiṣṭhira:

Conheces, por acaso, os dezoito *tīrtha* da tropa contrária e os quinze da tua própria, por meio de espões irreconhecíveis? (68)

— Essa palavra *tīrtha* — prosseguiu o ancião — designa uma categoria de funcionários auxiliares do rei. Se forem corruptos, causarão a ruína do soberano; se forem excelentes, trarão prosperidade. Na facção inimiga, são os seguintes: o ministro, o sacerdote da corte, o general, o príncipe herdeiro, o porteiro, o supervisor do gineceu, o conselheiro geral, o mestre de cerimônias, o anunciador dos visitantes, o juiz supremo, o chefe das petições, o superintendente do exército, o supervisor dos elefantes, o tesoureiro, o comandante de um forte, o coletor geral dos impostos, o guarda-fronteira e o servidor favorito. Com a traição deles, o inimigo é conquistado com facilidade. E na facção própria, são estes: a rainha, a rainha-mãe, o atendente do gineceu, o florista, o guarda do leite, o chefe dos espões, o astrólogo, o médico, o transportador de água, o portador da caixa de betel, o preceptor espiritual, o guarda-costas, o supervisor dos alojamentos, o portador do parasol e a concubina. A inimizade deles provoca o desmoronamento da própria falange. E então:

⁴⁰ Nārada, nome de um sábio, autor de um tratado de Ética e Política; Yudhiṣṭhira, como já se afirmou na nota 30, é um dos heróis do *Mahābhārata*.

O médico, o astrólogo e o preceptor espiritual são os mais indicados para espões na própria facção, assim como, no campo dos adversários, o encantador de serpentes e o lunático são os que podem saber de tudo. (69)

— Portanto:

Os agentes secretos que sabem seu dever, por meio dos *tīrtha*, põem os pés dentro da grande água que é o inimigo e desvendam suas profundezas.⁴¹ (70)

Nesse momento, depois de ouvir os conselhos do ministro, Meghavarṇa quis saber:

— Senhor, qual é o motivo dessa rivalidade, sempre tão destruidora, entre corvos e corujas?

Sthirajīvin contou:⁴²

Certa vez, os cisnes, os papagaios, as garças, os cucos, as corujas, os pavões, os pombos, as rolinhas e os galos, enfim todas as aves reuniram-se e angustiadas começaram a deliberar:

— Ai, Vainateya⁴³ é o nosso rei, mas ele, que pertence a Vāsudeva⁴⁴, não nos dá nenhuma atenção. De que vale, então,

⁴¹ Há um jogo de palavras nessa estrofe: *tīrtha* pode significar também “lance de degraus que levam à água”.

⁴² Na edição de *Çrīcyaṁācaraṇapāṇḍeya*, a narrativa da inimizade entre corvos e corujas constitui a primeira fábula do terceiro livro. A tradução de Chandiramani também destaca essa história como se fosse uma fábula intercalada. Nesse caso, essa fábula, por sua vez, abarcaria as duas primeiras fábulas: “O grande elefante Caturdanta” e “A lebre e Kapiñjala”. Deve-se notar, entretanto, que essa narrativa se encaixa no texto como resposta direta a uma questão originada na conversa, enquanto as outras se encaixam depois da citação de uma estrofe, que funciona, mais ou menos, como “moral da história”, nas fábulas em geral.

⁴³ Vainateya, “filho de Vinatā”, matronímico de Garuḍa, rei dos pássaros e montaria do deus Viṣṇu.

⁴⁴ Vāsudeva, epíteto de Viṣṇu.

esse senhor inútil que não nos garante proteção, visto que somos capturados quase sempre nas armadilhas dos caçadores? E dizem:

Aquele que não protege os súditos sempre amedrontados e aflitos por causa dos inimigos é, sem dúvida, a personificação da morte na forma de soberano. (71)

Se o soberano não for um líder adequado, o povo flutuará à deriva no mundo, como uma nau sem timoneiro no oceano.⁴⁵ (72)

Da mesma forma que evita uma nave destroçada no mar, um homem deve evitar estes seis tipos de pessoas: o mestre que não explica, o sacerdote que não lê os Veda, o rei que não protege, a esposa que não fala com amor, o vaqueiro que gosta da cidade e o barbeiro que gosta da floresta. (73-74)

E as aves decidiram:

— Devemos deliberar a respeito disso e escolher um outro para ser nosso rei.

Em seguida, notando uma coruja de aparência auspiciosa, todas aclamaram:

— Esse será nosso monarca! Vamos reunir os acessórios para a consagração.

Os pássaros, então, trouxeram água de diversos santuários; reuniram uma mistura com mais de cento e oito raízes; prepararam o trono real; completaram a pintura do círculo da terra, com sete montanhas, sete mares e sete continentes; estenderam uma pele de tigre; encheram os jarros de ouro (com água), as lâmpadas (com óleo) e as trombetas (com sopro de ar) e fixaram os espelhos e outros objetos. Depois, os melhores bardos entoaram seus panegíricos; os brâmanes começaram a recitar os Veda em uníssono; o coro de virgens cantou hinos sagrados e uma *kṛkālīkā*⁴⁶ foi

⁴⁵ Estrofe que se assemelha a *Kāmandakīyanīṣāra*, I, 10.

⁴⁶ *Kṛkālīkā*, nome de uma espécie de pássaro.

introduzida como esposa do futuro rei. E, quando o escolhido ia sentar-se no trono para a consagração, chegou um corvo, vindo não se sabe de onde.

— Hum! — ele pensou — o que será esse festival que reúne todas as aves?

Ao vê-lo, os pássaros comentaram entre si:

— O corvo é considerado sagaz entre os alados. Devemos ouvi-lo, pois:

Esperto, entre os homens, é o barbeiro; entre as aves, é o corvo; entre os carnívoros, é o chacal e, entre os ascetas, é o mendicante de vestes brancas. (75)

— Sua opinião, portanto, deve ser apreciada, visto que:

Os planos concebidos pelos sábios, projetados e bem definidos por muitas pessoas e sob várias perspectivas, não falham de modo algum. (76)

Nesse instante, o corvo aproximou-se e perguntou:

— Ei! Qual o motivo dessa grande aglomeração e dessa festa magnífica?

— Ora — explicaram os pássaros —, não temos um rei, por isso decidimos consagrar essa coruja. Diga o que você pensa, pois chegou ainda no início.

O corvo riu-se e respondeu:

— Oh, não é justo que, estando presentes aves tão esplêndidas como o pavão, o cuco, o ganso, o papagaio, o pato, o pombo, a garça e muitas outras, seja consagrada essa ave que é cega durante o dia e tem uma face horrenda. Não estou de acordo e, além disso:

Nariz recurvo, olhos estrábicos, medonho e inamistoso aspecto — tal é a face quando está tranquilo. Como seria quando irritado? (77)

— E assim:

Que vantagem teremos nós, escolhendo como soberano uma coruja,
colérica por natureza, muito feroz, cruel e de aspecto inamistoso?
(78)

— E tem mais — ele prosseguiu —, se Vainateya já é nosso
rei, por que entronizar esse, que é cego durante o dia? E, mesmo
que tivesse virtudes, como já existe um monarca, não se pode pro-
clamar um outro.

Um único e esplêndido senhor é capaz de promover o bem da terra;
quando são muitos, levam à destruição, do mesmo modo que muitos
sóis causarão a destruição do mundo, no final dos tempos.⁴⁷ (79)

— E, apenas com o poder do nome de Vainateya, vocês
tornar-se-ão inatingíveis pelos adversários, conforme o que se diz:

Quando o mero nome do soberano reinante é pronunciado diante de
malvados poderosos, imediatamente se promove a paz. (80)

— E também:

A menção aos grandes gera amplo sucesso: a menção à lua trouxe
felicidade para as lebres. (81)

— Como foi isso? — as aves perguntaram.

O corvo contou:

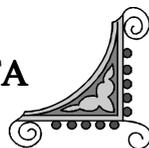


⁴⁷ De acordo com um texto do *Viṣṇupurāna*, sete sóis incendeiam o universo ao final de um *kalpa* (período de destruição e de renovação do mundo; conceito comum ao bramanismo e ao budismo).



FÁBULA I

O GRANDE
ELEFANTE CATURDANTA





Um grande elefante, chamado Caturdanta⁴⁸, rei da manada, morava numa floresta, onde, certa vez, ocorreu uma estiagem que durou muitos anos. Por isso tanques, lagos, poços e reservatórios secaram. Todos os outros elefantes, então, alertaram o monarca:

— Majestade, abatidos pela sede, os jovens elefantes estão semimortos e alguns até mortos de fato. Procuremos, pois, um açude onde possamos beber água e recuperar o bem-estar.

Depois de refletir por longo tempo, o soberano disse:

— Há, numa região desabitada, um lago que fica no meio de terra firme e que permanece sempre cheio, alimentado pelas águas do Ganges subterrâneo⁴⁹. Vamos para lá.

Tomando essa decisão, em cinco dias de jornada, chegaram ao lago; mergulharam nas águas à vontade e só saíram para a margem, ao pôr-do-sol.

Entretanto, na terra fofa em volta do lago, havia tocas de lebres em quantidade inumerável. Essas tocas foram arrasadas pelos elefantes que perambulavam para lá e para cá. Muitas lebres ficaram com pés, cabeça ou pescoço quebrados; algumas morreram e outras escaparam com apenas um resto de vida.

Quando a manada de elefantes se afastou, as lebres estavam amedrontadas, com as moradas destruídas pelos pés dos mastodontes, algumas com o pé quebrado, outras com o corpo moído e banhado em sangue, outras, ainda, desolados pela morte dos filhotes, todas com os olhos marejados de lágrimas. Reuniram-se e deliberaram entre si:

⁴⁸ Caturdanta, “que tem quatro dentes”.

⁴⁹ O rio Ganges, de acordo com crenças indianas, corre no céu, na superfície da terra e nas regiões subterrâneas.

— Ó céus, estamos perdidas! Agora essa manada virá sempre, pois não há água em outro lugar. Seremos todas aniquiladas, pois se diz:

O elefante mata apenas com o toque e a serpente, apenas com o odor; o rei mata, apesar de sorrir, e o malvado, mesmo quando presta homenagem. (82)

— Pensemos numa estratégia.

— Abandonemos este local — uma delas sugeriu —, não há outra solução, como aconselham Manu e Vyāsa⁵⁰:

Deve-se abandonar um indivíduo em favor de um grupo; deve-se abandonar um grupo em favor de uma cidade; uma cidade, em favor de uma nação; em favor de si mesmo, deve-se abandonar o mundo inteiro.⁵¹ (83)

Em seu próprio benefício, o soberano deve abandonar sem hesitação a terra, mesmo que esta seja sempre agradável, produtora de grãos e propícia à criação de gado.⁵² (84)

Para um caso de calamidade, protege-se a riqueza; com as riquezas, protegem-se as esposas; deve-se proteger a si mesmo até com as esposas e as riquezas.⁵³ (85)

Outras lebres, porém, exclamaram:

— Não, não! A terra herdada dos ancestrais não pode ser deixada assim às pressas. Vamos pensar num modo de assustar os elefantes, para que nunca mais voltem, queiram os deuses! Assim se diz:

⁵⁰ Manu é o autor do *Código de Manu* e Vyāsa, autor do *Mahābhārata*.

⁵¹ Estrofe que se assemelha à de número 359 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 192).

⁵² Esta estrofe é citação de *Manusmṛti*, VII, 212.

⁵³ Estrofe idêntica à de número 360 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 193) e também é uma citação de *Manusmṛti*, VII, 213.

Mesmo não sendo venenosa, a serpente deve exibir seu grande capelo; haja ou não veneno, o que causa terror é a expansão do capelo.⁵⁴ (86)

Outras, ainda, acrescentaram:

— Nesse caso, há um jeito de causar-lhes tanto receio que não se aproximarão mais daqui. Isso depende de um mensageiro esperto. Visto que o nosso rei Vijayadatta⁵⁵ é a lebre que habita o disco da lua, enviemos um mensageiro ardiloso à presença do rei dos elefantes para adverti-lo: “O deus da lua proíbe Vossa Majestade de aproximar-se deste lago, pois nossa corte mora em seu entorno”. Se for dito desse modo, com palavras convincentes, talvez ele volte atrás.

— Se é assim — outro grupo respondeu —, eis a lebre Lambakarṇa⁵⁶, sagaz no emprego das palavras e perita na função de mensageira. É quem devemos enviar, pois:

O mensageiro de um rei deve ser assim: formoso, livre de avidez, eloqüente, versado em diversas ciências e capaz de captar os pensamentos alheios. (87)

— Ademais:

Quem envia à porta do rei um tolo, sôfrego e, principalmente, mentiroso não realiza seu objetivo. (88)

— Que se envie Lambakarṇa, a fim de livrar-nos para sempre desta calamidade.

— Sim, está certo! — as outras aprovaram —, não há outro modo de sobrevivermos. Faremos isso mesmo. Lambakarṇa está indicada para ir ao encontro do chefe da manada.

⁵⁴ Estrofe que se assemelha à de número 207 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 106).

⁵⁵ Vijayadatta, “dado pela vitória”, nome que os antigos indianos davam à lebre da lua, isto é, à figura formada na lua pelas manchas escuras, que eles viam como se fosse uma lebre.

⁵⁶ Lambakarṇa, “que tem longas orelhas”.

Ficando assim combinados, a lebre indicada dirigiu-se à tri-
lha dos elefantes, subiu até um local quase inacessível e gritou para
o rei Caturdanta:

— Ai, ai, elefante malvado! Por que você vem divertir-se,
descuidado, nesta região do lago da lua? Não pode vir! Retorne já!

Surpreso com o que ouvia, o elefante perguntou:

— Salve! Quem é você?

— Eu — ela respondeu —, sou a lebre Vijayadatta e moro
no disco da lua. Neste momento, fui enviada a vós, como mensa-
geira, pela Divina Lua. Vossa Majestade sabe que não se deve
fazer mal ao mensageiro que diz a verdade, pois todos os sobera-
nos falam pela boca dos mensageiros. E ainda:

Mesmo quando as espadas são erguidas e os amigos e parentes são
mortos, o rei não deve matar os mensageiros, mesmo quando dizem
coisas desagradáveis. (89)

Ouvindo isso, o elefante pediu:

— Ó lebre, diga a mensagem da Divina Lua para que seja
executada de imediato.

— “Ontem, quando viestes com a manada, lebres em grande
quantidade foram abatidas. Não sabeis que esta é a minha corte? Se
tendes o propósito de permanecer vivos, então não deveis retornar a
este lago por nenhuma razão”. Eis a mensagem — disse ela.

— Bem, onde se encontra a venerável Senhora da Lua?

A lebre respondeu:

— Neste momento, está aqui no lago. Veio para encorajar as
lebres que sobreviveram ao massacre, quando foram despedaçadas
pela vossa manada. E eu fui enviada a vossa presença.

— Se é assim — o elefante disse —, mostre-me a venerável,
para que eu a reverencie e vá para outras paragens.

— Certo — a lebre concordou —, venha comigo, só o senhor, para que eu a mostre.

Assim combinado, à noite, a lebre conduziu o elefante até a margem do lago e mostrou-lhe a imagem da lua, que brilhava no meio da água. E disse:

— Veja, a nossa soberana está absorta em meditação no meio da água. Faça uma reverência em silêncio e vá embora em seguida, para que ela não fique ainda mais enraivecida por ter interrompido a meditação.

O elefante reverenciou-a trêmulo e preparou-se para regressar. E as lebres, daquele dia em diante, viveram felizes com suas famílias em suas moradas. Por isso, eu digo:

A menção aos grandes... [çloka 81]

E o corvo continuou a exortação aos pássaros:

— Além disso, quem ama a vida não deve conceder autoridade a um malvado, preguiçoso, mísero, dissoluto, ingrato e mexeriqueiro, porquanto:

Antigamente, uma lebre e Kapiñjala⁵⁷, quando se empenharam na procura de justiça, ao encontrar um juiz malvado, ambos encontraram a ruína. (90)

As aves perguntaram:

— Como foi isso?

O corvo contou:

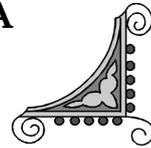


⁵⁷ Kapiñjala, *Perdix francoline*, espécie de ave. Nesta fábula, é o nome próprio de um pardal.



FÁBULA II

A LEBRE E KAPIŇJALA





há muito tempo, morava eu⁵⁸ em certa árvore e, num oco logo abaixo, vivia um pardal de nome Kapiñjala. E sempre, na hora do sol poente, quando voltávamos para casa, tínhamos encontros de muita conversa, com narrativas de antigas aventuras de famosos e inspirados poetas e relatos de inúmeras curiosidades presenciadas durante as caminhadas. E, enquanto o tempo passava, permanecíamos na maior felicidade.

Então, um dia, Kapiñjala e outros pardais saíram à procura de subsistência, indo para uma região abundante em arroz maduro. Como ele não voltara para casa, nem durante a noite, eu fiquei ansioso e aflito com sua ausência e pensei:

— Céus, por que Kapiñjala não voltou hoje? Será que foi capturado numa arapuca? Ou será que alguém o abateu? Em qualquer circunstância, se estivesse bem, não estaria longe de mim.

Enquanto eu assim conjeturava, transcorreram vários dias. E depois, em certa ocasião, na hora do sol poente, uma lebre chamada Çīghraga⁵⁹ aproximou-se do oco da árvore e entrou.

Sem esperança de que Kapiñjala voltasse, não a impedi.

Depois de algum tempo, entretanto, Kapiñjala, com o corpo bem roliço pela nutrição de arroz, recordou-se de seu abrigo e para lá retornou. Ou, como todos sabem:

Para os mortais, não existe no céu uma bem-aventurança tal como a que se pode obter, mesmo sem riqueza, na própria região, na própria cidade, na própria casa. (91)

⁵⁸ Esta fábula é narrada pelo corvo, na primeira pessoa.

⁵⁹ Çīghraga, “que se move com rapidez”, “ligeiro”.

Vendo, porém, a lebre instalada no buraco da árvore, o pardal disse com desgosto:

— Ora, dona lebre! Você não agiu certo entrando em minha casa. Por isso, vá-se embora depressa.

A lebre protestou:

— Esta casa não é sua; ao contrário, é minha mesmo. Por que você resmunga falsos impropérios? Pois se diz:

Não se pode reivindicar a propriedade de um lago, poço ou tanque, de um templo ou de uma árvore que se abandonou. (92)

— E também:

O usufruto comprovado de uma terra ou de outras coisas durante dez anos deve ser neste caso a prova de posse; não é necessário testemunho, nem documentos. (93)

Essa lei foi proclamada pelos ascetas para os humanos; para os quadrúpedes e as aves, tem valor enquanto ali residirem. (94)

— Portanto — a lebre concluiu —, esta casa é minha e não sua.

Kapiñjala propôs:

— Bem, se você considera que a tradição é autoridade, venha comigo, vamos consultar um magistrado, que decidirá com quem ficará a casa.

Eles assim combinaram. E eu me perguntei:

— O que acontecerá agora? Quero assistir a esse julgamento.

Segui-os, então, por curiosidade.

⁶⁰ Tikṣṇadāṃṣṭra, “que tem presas aguçadas”.

Entretanto, um gato selvagem chamado Tíkṣṇadamaṣṭra⁶⁰, depois de ouvir a disputa dos dois, postou-se à margem do rio próximo da estrada, colheu um punhado de grama, fechou um olho, ergueu os braços, pisou a terra com a ponta dos pés e, com a face voltada para o venerável sol, proferiu este ensinamento de justiça:

— Ai!... É insípida a roda da existência, a vida é transitória, a relação com os entes queridos é semelhante a um sonho, o convívio com os familiares é como uma miragem; excetuando-se o dever, não há outro curso de existência. Eis o que se ensina:

Os corpos são transitórios; nem mesmo a riqueza é constante; a morte está sempre próxima. É necessário acumular méritos. (95)

Aquele para quem os dias vêm e vão, destituídos de mérito, é como um fole de ferreiro: respira, mas não vive. (96)⁶¹

A erudição sem virtude é inútil como a cauda do cão: não encobre os órgãos genitais, nem espanta moscas e mosquitos. (97)

— Por outro lado:

Como insetos entre os grãos, como gatos almiscarados entre os pássaros, ou como mosquitos entre os mortais, são aqueles para quem a justiça não é o princípio de tudo. (98)

Flor e fruto são o melhor da árvore; manteiga é o melhor do leite coagulado, diz a tradição; o óleo é o melhor da torta e o melhor do homem é a justiça. (99)

Os homens desprovidos de justiça são como as bestas que nascem para o uso dos outros, apenas para comer, urinar e defecar. (100)

⁶¹ As estrofes 96 e 97 são atribuídas a Vyāsa, numeradas, na obra *Subhāṣitāvali*, como 2956 e 3008.

Os mestres de ética recomendam a firmeza em todas as ações; a rapidez é muito diferente da correta justiça. (101)

A justiça se expressa com concisão; ó homens, de que serve a prolixidade? Assistência aos outros é ato virtuoso; opressão aos outros é pecado. (102)

Ouçá-se a essência da justiça e depois medite-se sobre ela: não se deve fazer a outrem o que é desagradável para si mesmo. (103)

Ouvindo essa doutrina exposta pelo gato selvagem, a lebre disse:

— Veja, veja, Kapiñjala! Eis um asceta que propaga a justiça, lá na margem do rio. Vamos consultá-lo.

O pardal hesitou:

— Ele é nosso inimigo natural, sem dúvida. Vamos então perguntar daqui de longe, pois pode acontecer que ele quebre seus votos religiosos.

Assim, parados ao longe, chamaram:

— Ei, ei, asceta, mestre de justiça! Existe uma disputa entre nós dois. Decida para nós, por meio do código de leis. Aquele que tiver a causa perdida será devorado pelo senhor.

— Amigos — ele respondeu —, não me digam isso; eu evito a violência, que é caminho para o inferno e procuro a não-violência, que é o caminho da virtude. Assim:

Como dizem os sábios, a justiça consiste em não-violência; por isso devemos proteger os piolhos, os mosquitos, os besouros e outros insetos. (104)

Se quem fere seres violentos é impiedoso e vai para um inferno terrível, tanto mais quem fere os bondosos. (105)

Tikṣṇadamṣtra acrescentou:

— Até mesmo esses sacerdotes que imolam animais na cerimônia do sacrifício são insensatos e não conhecem o verdadeiro significado dos textos sagrados. Nestes, realmente é dito: “Deve-se sacrificar com *aja*”. *Aja* é como se chama o arroz de sete anos e não uma espécie animal.⁶² E também:

Cortando árvores, abatendo animais e criando um lamaçal de sangue: se é assim que se vai para o céu, de que modo se vai para o inferno? (106)

— Não tenho a intenção de comê-los — ele os acalmou —, mas posso determinar o vencedor e o vencido. Entretanto estou velho e não ouço bem de longe. Sabendo disso, aproximem-se de mim e contem-me a disputa, para que eu me inteire de toda a verdade e, ao proclamar a sentença, não fique excluído do outro mundo, pois se diz:

Seja por orgulho, cobiça, raiva ou medo, o homem que pronuncia um falso julgamento vai para o inferno. (107)

Quem erra no julgamento sobre um cavalo mata um; quem erra sobre uma vaca mata dez; quem erra sobre uma donzela mata cem; quem erra sobre um homem mata mil. (108)

Aquele que, no tribunal, não fala com clareza deve ser banido para bem longe se a sentença não corresponder à verdade. (109)

— Portanto fiquem tranquilos e falem com clareza bem perto dos meus ouvidos — sugeriu o gato selvagem.

Em resumo, ambos, facilmente ludibriados por aquele malvado, aproximaram-se até ficarem bem junto dele. E, no mesmo instante, um foi aprisionado com as garras da pata e o outro, com

⁶² O texto joga com os significados de *aja*, que pode também se referir ao animal “cabra”, que é uma das espécies sacrificadas nos rituais.

as presas, afiadas como serrote. E foram ambos mortos e devorados. Por isso, eu digo:

Antigamente, uma lebre e Kapiñjala... [çloka 90]

O corvo concluiu, então, com estas palavras:

— Vocês, também, que não enxergam durante a noite, seguirão pelo mesmo caminho da lebre e do pardal, se elegeram como rei essa coruja malvada, que é cega durante o dia. Considerem isso e façam o que for conveniente.

Depois de ouvir tudo o que o corvo dissera, as aves aplaudiram:

— Falou muito bem! Vamos reunir-nos outra vez e deliberar sobre a escolha de um rei.

Depois dessa conversa, foram cuidar de seus afazeres. Lá permaneceram apenas a coruja, sentada no trono e pronta para a coroação, e a *kṛkālīkā*.

— Ei, quem está aí? — a coruja indagou — será que não vai acontecer hoje minha coroação?

Ouvindo isso, a *kṛkālīkā* respondeu:

— Meu caro, um corvo obstruiu a sua coroação e todos os voadores foram para a direção que quiseram. Só o corvo ficou e está aí por alguma razão. Levante-se depressa, portanto, para eu conduzi-lo a sua morada.

A coruja ficou triste quando ouviu isso e disse ao corvo:

— Ó alma danada! Que ofensa fiz a você para que tenha impedido minha unção como rei? A partir de agora, haverá hostilidade entre nós e entre nossos descendentes. É como se diz:

O ferimento por flechas cicatriza; o corte por espada cicatriza; mal-dosa e revoltante, a injúria por palavras não cicatriza.⁶³ (110)

⁶³ Estrofe que se encontra no *Mahābhārata*, V, 34, 75 e XIII, 104, 33.

Depois de assim pronunciar-se, a coruja foi para casa com a *kṛkālīkā*.

Então, desnordeado pelo medo, o corvo ficou conjeturando:

— Ai de mim! Arrumei uma inimizade à toa. Por que disse eu tudo aquilo? A tradição ensina:

Quando alguém neste mundo profere uma palavra sem motivo, sem consideração de tempo e lugar, inadequada para o futuro, desagradável e auto-degradante, essa palavra não é palavra, torna-se verdadeiro veneno. (111)

O homem inteligente, mesmo que tenha poder, não deve atrair para si a hostilidade de outro; que homem sensato, pensando: “eu tenho um médico”, tomaria veneno sem motivo? (112)

Jamais um sábio deve censurar outros sábios numa assembléia; até mesmo a verdade não deve ser dita, se sua exposição produzir infelicidade. (113)

Aquele que só pratica ações deliberadas com amigos confiáveis, e cuja praticidade ele comprovou por si mesmo, é realmente inteligente; é um poço de fortuna e glória. (114)

E, com essas reflexões, foi-se o corvo para casa.

Concluindo sua longa narrativa, Sthirajīvin arrematou:

— Foi assim, meu filho, que começou a animosidade hereditária das corujas contra nós.

— Senhor, o que devemos fazer agora? — Meghavarṇa perguntou.

O ancião repetiu seu conselho:

⁶⁴ Referência às *śaḍguna*, mencionadas no início deste livro: acordo, discórdia, marcha, defesa de posição, refúgio e duplicidade.

— Filho, aqui, neste caso, a estratégia poderosa é a última das seis medidas tradicionais⁶⁴. Se o senhor concordar com isso, irei eu mesmo para a vitória: enganarei e matarei os inimigos, de acordo com o ensinamento:

Os que têm muita inteligência e experiência prática são capazes de enganar até os que têm imenso poder, como fizeram uns velhacos a um brâmane, a respeito de uma cabra. (115)

— Como foi isso? — perguntou o rei.

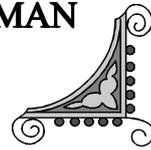
O ministro contou:





FÁBULA III

O BRÂMANE MITRAÇARMAN





em certa província, residia um brâmane chamado Mitraçarman⁶⁵, que fizera voto de manter aceso o fogo do sacrifício.

Certa vez, no mês de *māgha*⁶⁶, quando soprava um vento ameno e o céu estava encoberto pelas nuvens e a chuva caía pouco a pouco, o brâmane foi para a aldeia vizinha, à procura de um animal para o sacrifício. Pediu a um sacerdote organizador dos rituais:

— Bom dia, mestre dos ritos! Eu vou celebrar um sacrifício na próxima lua nova. Dê-me, então, um animal.

O sacerdote deu-lhe uma cabra robusta, como recomendam os códigos tradicionais.

Mitraçarman, deixando-a correr para lá e para cá, achou-a adequada, carregou-a nos ombros e partiu em seguida na direção de sua cidade. Andando pela estrada, encontrou-se frente a frente com três velhacos que estavam com a garganta torturada pela fome. E, notando tão nédua cabra montada nos ombros do brâmane, eles confabularam:

— Ulalá! Uma refeição dessa cabra tornará sem efeito o cair da neve hoje. Se enganarmos o monge e se ele nos der o animal, teremos proteção contra o frio.

Então, um deles trocou de roupa e, tomando um atalho, foi ao encontro do brâmane mantenedor do fogo, a quem disse:

⁶⁵ Mitraçarman, “protegido de Mitra (‘amigo’; nome de uma divindade védica)”.

⁶⁶ *māgha*, nome do mês que corresponde ao final de janeiro e começo de fevereiro.

— Ora, ora, ingênuo protetor do fogo! Por que pratica esse ato tão ridículo e proibido aos homens, que consiste em levar esse cão imundo montado em seus ombros? Assim se ensina:

O cão, o galo e o *cāṇḍāla*⁶⁷ são considerados iguais em relação aos efeitos do contato com eles; o asno e o camelo, mais ainda; por isso não se deve tocá-los. (116)

Tomado de fúria, o brâmane exclamou:

— Arre! Mas que cego é você, que confunde cabra com cachorro!

— Brâmane — o malandro desculpou-se —, não há necessidade de ficar encolerizado. Continue a seu gosto.

Depois, quando o brâmane andara um pouco mais pela estrada, confrontou-se com o segundo velhaco, que lhe disse:

— Ó brâmane, que horror, que horror! Mesmo que esse filhote morto seja seu predileto, não é adequado conduzi-lo sobre os ombros, porque dizem:

O insensato que tocar um morto, homem ou animal, deve purificar-se com a dieta *pañcagavya* ou com a *cāṇḍrāyaṇa*⁶⁸. (117)

O brâmane gritou com fúria:

— Arre, mas que cego é você, que chama a cabra de filhote morto!

O outro tentou acalmá-lo:

— Venerável, não fique encolerizado. Eu falei sem saber. Faça o que lhe apraz.

⁶⁷ *cāṇḍāla*, “pária”, “homem impuro”.

⁶⁸ *pañcagavya*, dieta dos cinco produtos da vaca: leite, coalhada, manteiga, urina e excremento; *cāṇḍrāyaṇa*, dieta regulada pelo crescimento e diminuição da lua. Tais dietas são mencionadas em *Manusmṛti*, XI, 212, 216, 217.

Então, quando o sacerdote percorreria mais uma pequena distância na floresta, o terceiro velhaco apareceu à sua frente, vestido com roupas alheias, dizendo:

— Céus! É impróprio que você leve um asno sobre os ombros. Jogue-o fora. Os sábios dizem:

Ao mortal que toca um asno, advertida ou inadvertidamente, é indicado que se banhe vestido com suas roupas, para expiar a culpa. (118)

— Jogue-o fora antes que alguém veja — aconselhou o espectralhão.

E o brâmane, pensando que a cabra poderia ser um asno, com medo, deixou-a cair no chão e fugiu na direção de sua casa.

Depois disso, os três malandros se reuniram, pegaram a cabra e passaram a comê-la à vontade. Por isso, eu digo:

Os que têm muita inteligência... [çloka 115]

— Ou então — Sthirajīvin prosseguiu suas considerações —, há um modo melhor de dizer isto:

Não há neste mundo pessoa alguma que não tenha sido enganada alguma vez pela docilidade de criados novatos, pela conversa de visitantes, pelo choro de mulheres mundanas ou, ainda, pela fluência verbal de mal-intencionados. (119)

— Além disso — acrescentou —, não convém hostilizar inimigos numerosos, apesar de fracos. A tradição ensina:

Homens poderosos não devem entrar em oposição contra muitos, pois é difícil vencê-los; as formiguinhas comeram uma enorme serpente, embora ela se contorcesse. (120)

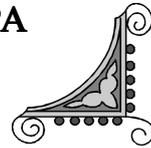
Meghavarṇa perguntou:





FÁBULA IV

A SERPENTE ATIDARPA



— Como foi isso?

Sthirajīvin contou:



Havia, em certo formigueiro, uma enorme serpente negra chamada Atidarpa⁶⁹. Um dia, em vez de tomar o caminho habitual, ela tentou sair do buraco por outra abertura, muito estreita. Enquanto saía, devido a sua corpulência e à estreiteza da saída, quiseram os deuses que seu corpo fosse arranhado. E logo ela foi rodeada e atormentada pelas formigas, atraídas pelo cheiro de sangue dos arranhões. Matou algumas, feriu outras, mas, como havia inúmeras formigas, Atidarpa recebeu muitos ferimentos, ficou com o corpo todo dilacerado e retornou aos cinco elementos. Por isso, eu digo:

Homens poderosos não devem... [çloka 120]

— E agora — Sthirajīvin advertiu —, há ainda algo que lhe devo dizer; o senhor deve deliberar de acordo com o que eu disser.

Meghavarṇa disse:

— Ordene! Sua ordem será cumprida e não o contrário.

O ancião explicou o plano:

⁶⁹ Atidarpa, “muito orgulhoso”.

⁷⁰ Na literatura indiana sobre Ética e Política, há dois conjuntos de normas de conduta bem semelhantes: *upāya* (“estratégia”, “expediente”, “meio de sucesso”; *Manusmṛti*, VII, 198) e *ṣaḍguṇa* (“seis subdivisões”, “seis medidas a tomar em política externa”; *Manusmṛti*, VII, 160). O ministro refere-se aqui aos *upāya*, que são quatro: *sāman* (“negociação”, “conciliação”), *bheda* (“desunião”, “dissensão”), *dāna* (“presente”, “suborno”) e *daṇḍa* (“violência”, “ataque”, “combate”). No início do livro, o rei pediu opiniões a respeito dos *ṣaḍguṇa*, que são estes: *saṁdhi* (“acordo”), *vigraha* (“discórdia”), *yāna* (“marcha”), *āsana* (“defensiva”), *saṁçraya* (“refúgio”) e *dvaiddhībhava* (“duplicidade”).

— Ouça, meu filho! Escolhi uma quinta estratégia⁷⁰ para vencer o inimigo, deixando de lado as tradicionais, ou seja, a conciliação e as outras. Trate-me como se eu fosse um traidor, ameace-me com as palavras mais ásperas e, para que os espiões do inimigo acreditem, lambuze-me com sangue coletado; depois me atire para baixo da figueira e vá para a montanha Rṣyamūka⁷¹. Fique lá com todo o bando, até que eu tenha inspirado confiança nos inimigos, por uma conduta bem planejada, e alcance o objetivo de conhecer o interior da fortaleza. Aí então, durante o dia, quando eles ficam cegos, conduzirei o senhor e farei com que sejam derrotados. Eu sei muito bem que nosso sucesso acontecerá desse modo, pois aquela fortaleza sem saída permitirá que a matança seja completa. E se ensina:

Os versados em política chamam de fortaleza àquela que tem saída e, à que não tem, de prisão com aparência de fortaleza. (121)

— E o senhor não deve sentir pena de mim — o ancião admoestou —, pois:

Embora os súditos sejam queridos como a vida, defendidos e lisonjeados, quando começa a guerra, devem ser vistos como se fossem lenha seca. (122)

— E ainda:

Deve-se proteger os súditos como a própria vida e deve-se nutri-los como o próprio corpo, tendo em vista o dia em que ocorrer o confronto com o inimigo. (123)

— Portanto, não me impeça de agir — concluiu ele.

Dito isso, simulou discutir sem motivo com o rei. E os outros súditos, vendo que Sthirajivin inflamava-se com um palavrório

⁷¹ Rṣyamūka, nome de uma montanha do Decão.

intempestivo, prepararam-se para atacá-lo, mas Meghavarṇa não permitiu:

—Alto! Retirem-se vocês! Eu mesmo darei o merecido castigo a esse desalmado partidário do inimigo.

Tendo assim ordenado, o rei foi para cima do ancião, feriu-o de leve com bicadas e inundou-o com o sangue que havia coletado. Depois disso, foi com seu bando para a montanha R̥ṣyamūka.

Entretanto, uma *kṛkālīkā*, que era espiã dos adversários, relatou ao soberano das corujas toda a catástrofe do ministro e a fuga de Meghavarṇa:

—Vosso inimigo, assustado, acaba de ir-se embora com seus súditos, assustados também.

Arimardana ouviu essa notícia e, logo depois do pôr-do-sol, saiu para matar os corvos, acompanhado de seus ministros e soldados.

—Êi, êi — comandou ele —, rápido, rápido! Um adversário assustado, ansioso por fugir, é obtido como recompensa de boas ações. Dizem os sábios:

Ocorre uma fragilidade do inimigo durante sua fuga e outra, quando busca asilo; dócil, agindo como um serviçal, na agitação dos servos do rei, ele é dominado facilmente. (124)

Mesmo entre os deuses, o inimigo não triunfa se não há um ponto fraco; tendo-o descoberto, Indra conseguiu dilacerar o feto de Diti.⁷² (125)

Assim dizendo, o rei das corujas deu uma volta completa em baixo da figueira. Como não viu nenhum corvo, subiu até a ponta dos

⁷² Variante das estrofes de números 116 do primeiro livro da coleção (cf. 1º volume, p. 59) e 40 do segundo livro da coleção.

galhos com ar jubiloso e, glorificado pelos bardos, exclamou aos súditos:

— Atenção! Descubram a direção que eles tomaram: por qual das trilhas sumiram aqueles corvos? Quero segui-los e matá-los, enquanto ainda procuram refúgio numa fortaleza, pois:

Se o inimigo, abrigado só por uma cerca, pode tornar-se inatingível para quem é ávido de conquista, tanto mais será o refugiado numa fortaleza equipada com os melhores aparelhos. (126)

Foi então que Sthirajīvin refletiu:

— Se esses nossos adversários se forem da mesma forma que vieram, sem conseguir informações sobre nós, então tudo o que eu fiz foi inútil. E se diz:

O primeiro sinal de inteligência é não iniciar os empreendimentos; o segundo é terminar o que foi iniciado. (127)

— É melhor não começar, mas não se deve destruir o que já foi começado. Farei com que escutem meus gemidos e me vejam.

Tendo assim ponderado, ansioso, crocitou várias vezes. Foi ouvido pelas corujas, que avançaram todas para matá-lo.

Então, ele gritou:

— Ei, ei! Eu sou Sthirajīvin, ministro de Meghavarṇa. Foi ele mesmo quem me deixou assim como vocês estão vendo. Digam ao seu soberano que tenho muitas coisas para contar.

Informado pelos súditos, o rei das corujas ficou surpreso, foi à presença de Sthirajīvin no mesmo instante e exclamou:

— Nossa! Como é que você ficou desse jeito? Conte-me isso.

Sthirajīvin contou a história forjada:

— Majestade, ouça o motivo deste meu estado. Ontem, aquele desalmado Meghavarṇa, tomado de ira e de dor, pela angústia de ver muitos corvos abatidos por vocês, estava disposto a lutar. Eu, porém,

observei: “Senhor, não é conveniente partir para o confronto. Eles são fortes e nós estamos sem forças. E também:

O homem enfraquecido, que deseja prosperidade, não deve procurar, nem em pensamento, a hostilidade do mais poderoso; neste mundo, aquele que age como os juncos não é destruído e é evidente que aquele que age como as mariposas encontra a morte. (128)

— Convém fazer a paz com ele, pela doação de presentes. E ainda:

Percebendo o adversário forte, o sábio deve dar todos os seus bens e preservar a vida, pois, com essa preservação, pode ter a riqueza de novo. (129)

— Ao escutar minhas palavras — continuou Sthirajīvin —, atirado por malvados, ele suspeitou que eu tivesse passado para o seu lado e deixou-me nesta situação. Portanto, vossos pés são agora refúgio para mim. De que serve tanta conversa? Quando eu puder andar, levarei Vossa Majestade à habitação deles e causarei a morte de todos os corvos.

Depois de ouvir a história do corvo, Arimardana reuniu-se em conselho com os cinco ministros que recebera por herança sucessória de seu pai e de seu avô. Eles se chamavam Raktākṣa, Krūrākṣa, Dīptākṣa, Vakranāsa e Prākāraṇa.

Em primeiro lugar, o rei dirigiu-se a Raktākṣa⁷³:

— Meu caro, caiu em minhas mãos esse ministro do inimigo. O que se deve fazer?

O ministro respondeu:

— Majestade, o que há para ponderar aqui? Ele deve ser morto sem hesitação, pois:

⁷³ Raktākṣa, “que tem olhos vermelhos”.

Um inimigo fraco deve ser abatido enquanto não se torna forte; depois de perceber a dimensão de seu próprio valor, torna-se invencível. (129)

— E há o ditado popular: “A sorte que vem por si mesma, se for negligenciada, amaldiçoa.” Além disso:

Visto que a oportunidade chega só uma vez para o homem que a anseia, será difícil obtê-la novamente, se ele resolver não realizar a obra no momento oportuno. (130)

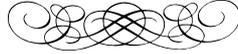
— E também — o ministro insistiu —, ouve-se isto com frequência:

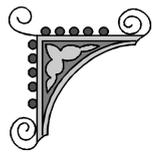
Vê a pira funerária acesa e o meu capelo destroçado; a amizade que foi rompida e depois reatada não aumenta em afeição. (131)

Arimardana perguntou:

— O que significa isso?

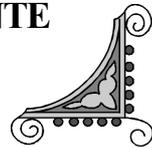
Raktākṣa contou:





FÁBULA V

O BRÂMANE E A SERPENTE





avia, em certo povoado, um brâmane chamado Haridatta⁷⁴. Sempre dedicado ao cultivo do solo, para ele o tempo transcorria sem proveito.

Um dia, ao final da estação quente, sofrendo com o calor, esse brâmane ia adormecendo à sombra de uma árvore no meio de seu campo, quando percebeu, a pouca distância, uma serpente assustadora, com o grande capelo dilatado, estendida sobre um formigueiro. E assim ele refletiu:

— Eis a divindade do campo... e eu não a homenageei nenhuma vez! É por isso que o trabalho de cultivo não me dá frutos. Farei agora uma homenagem para ela.

Tomando essa resolução, pediu leite para alguém, verteu-o numa tigela rasa, foi até o formigueiro e exclamou:

— Ó protetora dos campos! Por todo esse tempo, eu não sabia que tu moravas aqui. Por isso não te prestei homenagens. Perdoa-me agora!

Depois de falar desse modo e de oferecer o leite, dirigiu-se para casa.

Na manhã seguinte, quando se aproximou, percebeu um dinar⁷⁵ na tigela. E desde então, ele vinha sozinho todos os dias, oferecia o leite à serpente e levava um dinar de cada vez.

⁷⁴ Haridatta, “dado por Hari (epíteto de Viṣṇu e de Kṛṣṇa)”

⁷⁵ Em sânscrito, *dināra*, moeda de ouro, cunhada conforme o *denarius* romano.

Um dia, o brâmane partiu para outra cidade, depois de incumbir o filho de levar o leite ao formigueiro. O menino levou a tigela com o leite, deixou-a lá e foi para casa. Voltou no dia seguinte, viu um dinar, pegou-o e pensou:

— Ora, este formigueiro está repleto de moedas de ouro. Se eu matar a cobra, pegarei tudo de uma vez só.

Assim determinado, no dia seguinte, ao oferecer o leite, o filho do brâmane golpeou com um bastão a cabeça da serpente.

Entretanto, de algum modo, por vontade divina, ela não perdeu a vida e o mordeu raivosa, com as presas cheias de veneno mortal, de tal modo que imediatamente ele retornou aos cinco elementos. E seus parentes o purificaram numa pira funerária não muito longe do campo.

Então, no segundo dia, o pai voltou. Quando sua família explicou a causa da morte do menino, ele concluiu que o fato teria acontecido de qualquer modo e suspirou:

De fato, se alguém não acolhe de bom grado as criaturas que procuram sua proteção, suas riquezas desaparecem como os cisnes na floresta de lótus. (132)

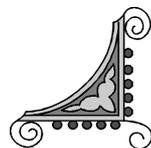
Os parentes perguntaram:

— Como foi isso?





FÁBULA VI
OS CISNES DE OURO



O brâmane contou:



Em certo território, havia um rei chamado Citraratha⁷⁶. Naquela região, bem protegido por soldados do rei, localizava-se um lago de nome Padmasaras⁷⁷, onde habitavam incontáveis cisnes de ouro, que doavam, todos, uma pena da cauda de seis em seis meses.

Um dia, apareceu no lago um grande pássaro de ouro, que foi advertido pelos cisnes:

— Você não pode morar aqui, porque recebemos este lago pela doação de uma pena da cauda que cada um de nós oferece de seis em seis meses.

Então, em resumo, passaram a lutar contra o intruso. O pássaro foi pedir proteção ao rei e denunciou:

— Majestade, aquelas aves disseram-me isto: “O que nos poderá fazer o rei? Não concedemos asilo a ninguém.” E eu lhes respondi: “O que vocês dizem não é correto. Vou comunicar ao rei.” Assim posto, a autoridade de julgamento é de Vossa Majestade.

O soberano ordenou aos servidores:

— Andem! Andem! Matem todas as aves e tragam-nas com presteza.

Tão logo se ouviu a imposição do rei, os servidores puseram-se a caminho.

⁷⁶ Citraratha, “que tem carro dourado”.

⁷⁷ Padmasaras, “lago de lótus”.

Percebendo a chegada dos homens do rei com bastões nas mãos, um cisne idoso preveniu:

— Ei, pessoal! Acontece algo nada auspicioso! Por isso todos nós, em comum acordo, devemos alçar vôo imediatamente.

E assim fizeram eles. Por isso, eu digo:

De fato, se alguém não acolhe... [çloka 132]

Depois de contar essa fábula, ao nascer o dia, o brâmane pegou o leite e o levou mais uma vez ao formigueiro, saudando a serpente em voz alta.

A serpente, contudo, permaneceu longo tempo escondida na entrada do formigueiro e depois declarou ao sacerdote:

— É por cupidez que você vem aqui, deixando para trás até a dor pelo filho. A partir de agora, porém, a amizade entre nós já não dá prazer. Seu filho, tomado pelo desvario da juventude, feriu-me e eu o mordi. Como esquecerei o golpe de cajado? E como você esquecerá a dor e a tristeza pelo filho?

Tendo assim falado, ela deu-lhe uma pedra preciosa de muito valor.

— A partir de hoje, porém, você não deve mais voltar — e assim dizendo, a serpente entrou em sua toca.

O brâmane pegou a pedra, amaldiçoou as intenções do filho e foi para casa. Por isso, eu digo:

Vê a pira funerária acesa... [çloka 131]

— Assim, quando esse corvo for destruído, vosso reinado ficará livre de percalços — conclui Raktākṣa.

⁷⁸ Krūrākṣa, “que tem os olhos penetrantes”.

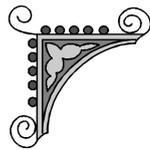
Depois de ouvir essas histórias com atenção, o rei das corujas, Arimardana, perguntou a Krūrākṣa⁷⁸, o outro ministro:

— Mas o que você acha, meu amigo?

— Majestade — respondeu ele —, o que ele propõe é uma violência, porque não se pode matar um refugiado. Muito famosa, com razão, é esta narrativa:

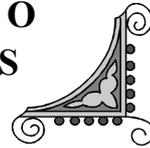
Conta-se que um pombo reverenciou, de acordo com as regras, um inimigo que veio em busca de refúgio e ofereceu-lhe suas próprias carnes. (133)





FÁBULA VII

O CASAL DE POMBOS E O
CAÇADOR DE PÁSSAROS





— Como foi isso? — o rei perguntou.

Krūrākṣa contou:

Um terrível caçador de pássaros, de conduta cruel e que parecia o deus da morte para as criaturas, perambulava por uma grande floresta.⁷⁹ (134)

Não tinha amigos, nem aliados, nem parentes; todos eles o abandonaram por causa de sua cruel ocupação. (135)

Pois é certo:

Os que são nocivos, malvados e ameaçadores para a vida das criaturas são como serpentes que causam temor nos seres vivos. (136)

Levando consigo uma gaiola, um laço e também um cajado, sempre vai ao bosque esse exterminador de todas as criaturas. (137)

Certo dia, quando andava pela floresta, apareceu uma pombinha que caiu em suas mãos e foi jogada dentro da gaiola. (138)

Eis que, estando ele no bosque, o céu escureceu em todas as direções por causa das nuvens e começou a ventar e a chover tanto, que parecia o final dos tempos. (139)

Tremendo, com o coração cada vez mais em disparada, procurou um refúgio e aproximou-se de uma árvore majestosa. (140)

⁷⁹ Essa fábula é uma paráfrase de um dos ensinamentos que Bhīṣma ministrou aos sobrinhos, antes de morrer. Esses ensinamentos se encontram no Livro XII, do *Mahābhārata*. É a única fábula do *Pañcatantra* narrada por inteiro, em forma de versos (*çloka*).

Observou, depois de algum tempo, que as estrelas voltavam a brilhar no céu e, então, aproximou-se da árvore e assim chamou: “Quem quer que more aqui! (141)

Eu venho à procura de abrigo. Proteja-me!” E o homem estava alquebrado pelo frio e perdendo a consciência por causa da fome. (142)

Enquanto isso, no tronco daquela árvore onde habitava, já há muito tempo, um pombo lamentava-se, imerso em tristeza, com saudade da companheira. (143)

“Hoje caiu uma tempestade devastadora e minha amada ainda não retornou. A sua ausência deixa-me a casa deserta. (144)

Fiel, devotada e feliz com a saúde e felicidade do marido: quem tem tal esposa é um homem afortunado neste mundo. (145)

Uma casa não é a casa, dizem; a dona da casa é chamada a casa, pois uma casa sem a dona é considerada um deserto.” (146)

De dentro da gaiola, ouvindo seu esposo falar com tanta tristeza, a pomba sentiu um profundo contentamento e disse, por sua vez, estas palavras: (147)

“Não se deve chamar de ‘esposa’ aquela cujo marido não está satisfeito; quando ele está feliz, todas as divindades devem se sentir satisfeitas com as mulheres. (148)

Transforme-se em cinzas, como a trepadeira de ramos floridos que é queimada pelo fogo na floresta, a mulher cujo marido não está satisfeito. (149)

O pai dá com parcimônia; o irmão e o filho também. Como pode a esposa não reverenciar o esposo, doador sem medida?” (150)

E a pomba disse ainda:

“Escuta-me com atenção, meu amor! O que te vou dizer é importante: sempre, mesmo ao custo da própria vida, deves proteger o refugiado. (151)

Este caçador de aves pediu asilo e se postou à tua porta, sofrendo de frio e de fome. Sê respeitoso com ele. (152)

— E ouviu-se sempre:

Quando alguém não reverencia como pode o hóspede que chegou ao anoitecer, este lhe dá seus deméritos e retira-lhe os atos meritórios. (153)

Não o odeies por prender tua esposa. Eu fui capturada em decorrência de meus próprios atos, pelos vínculos das ações prévias. (154)

Miséria, doença, aflição, jugo e infortúnio: eis os frutos, para os homens, da árvore de seus próprios erros. (155)

Livra-te do ódio causado pela minha captura, focaliza a mente na justiça e reverencia este homem como está prescrito.” (156)

Depois de ouvir essas palavras da esposa, impregnadas de justiça e de retidão, o pombo aproximou-se do caçador com brandura e disse-lhe: (157)

“Meu caro, sê bem-vindo! Dize o que posso fazer por ti. Não te desespere, tu estás em tua casa.” (158)

Escutando o que ele dissera, o homem exclamou para o pássaro: “Pombo, estou com frio. Dê-me abrigo contra a friagem.” (159)

O pássaro foi e voltou trazendo uma brasa que deixou cair sobre folhas secas que logo se incendiaram. (160)

Quando o fogo já estava bem aceso, o pombo chamou o homem que lhe pedira asilo: “Aquece aqui, confiante e sem medo, os teus membros. (161)

Nós, todos os habitantes da floresta, vivemos daquilo que vem a nós; não há, pois, nada com que eu faça desaparecer a tua fome. (162)

Alguém sustenta mil; outro, cem, e outro, dez; eu, porém, insignificante e sem ações meritórias, mal sustento a mim mesmo. (163)

Se alguém não é capaz de oferecer comida nem mesmo a um único hóspede, que fruto obtém morando numa casa cheia de aflições? (164)

Ofereço este corpo de vida miserável e, assim, não mais direi: ‘Nada tenho!’ ao pedinte que chega.” (165)

Ele realmente desmereceu a si mesmo e, de modo algum, ao caçador. Disse: “Farei tua satisfação. Espera um instante.” (166)

Depois de assim falar, a ave de índole virtuosa, exultante no fundo da alma, andou ao redor do fogo e nele entrou como se fosse em seu lar. (167)

Então o caçador, fortemente angustiado pela compaixão, ao ver o pombo caído sobre o fogo, pronunciou estas palavras: (168)

“O homem que pratica o mal, com certeza, não ama a si mesmo, pois o mal que se comete é o mesmo que se recebe. (169)

E eu, que sou mau, e que sempre encontro prazer na prática do mal, cairei no inferno mais aterrador, sem dúvida. (170)

Agora, uma nova perspectiva mostrou-se a um homem cruel como eu, quando esse pombo magnânimo ofereceu-me sua carne. (171)

De hoje em diante, meu corpo será privado de todos os prazeres; tal como o calor do verão resseca as águas pequenas e escassas, eu ressecarei mais e mais. (172)

Resistindo ao frio, ao vento e ao calor do sol, com o corpo definhando e coberto de sujeira, praticarei a suprema virtude sob diversas formas de abstinência.” (173)

Então, o caçador destroçou o cajado, a rede, a tranca e a gaiola também e libertou a pombinha sofredora. (174)

Solta pelo caçador, a pomba viu o esposo caído no fogo, ficou desolada e, com o coração atormentado pela dor, lamentou-se: (175)

“Não há mais propósito para mim, ó esposo, em viver sem ti. Que fruto tem a vida da esposa triste e sem marido? (176)

Orgulho, altivez, auto-estima, honra da família, respeito dos parentes e autoridade sobre os escravos e os dependentes, tudo isso desaparece com a viuvez.” (177)

Depois de se lamentar de modo tão comovente, a ave aflitíssima e devotada ao marido entrou no fogo de ardentes chamas. (178)

Assim, envolta em vestes celestiais e adornada com jóias celestiais, a pombinha viu seu esposo postado sobre um carro divino. (179)

E ele, que obtivera forma celeste, disse estas palavras verdadeiras: “Ah! Seguir-me foi uma decisão certa, ó radiosa! (180)

É trinta e cinco milhões o número de pelos que tem o corpo humano. Durante o mesmo número de anos viverá no céu aquela que segue seu esposo.” (181)

Desde então, ao pôr do sol, o pombo divino desfruta de bem-aventurança com a esposa, que se tornou pomba divina; e isso tudo aconteceu por causa de seus méritos anteriores. (182)

Arrebatado de júbilo, o caçador entrou na densa floresta. Deixara de agredir as criaturas e sentia extrema indiferença pelo mundo. (183)

Vendo que irrompia um incêndio, nele entrou livre de desejos. Queimaram-se seus erros e ele conseguiu a bem-aventurança celeste. (184)

Por isso, eu digo:

⁸⁰ Dīptākṣa, “que tem olhos brilhantes”.

Conta-se que um pombo reverenciou... [çloka 133]

Após ouvir a narrativa de Krūrākṣa, Arimardana perguntou a Dīptākṣa⁸⁰, outro ministro:

— O que pensa o senhor desta situação?

— Majestade — respondeu o ministro —, não se deve matá-lo; já que se dá valor até ao ladrão que presta ajuda⁸¹, quanto mais a alguém que veio em busca de proteção. E mesmo este corvo, ferido por seus companheiros, poderá trazer proveito para nós e indicar o esconderijo dos inimigos. Por essa razão, não se deve matá-lo.

O rei das corujas, depois de escutar essa opinião, perguntou a Vakranāsa⁸², outro ministro:

— Meu caro, o que se deve fazer agora, neste momento?

— Majestade — disse o ministro —, não se deve matá-lo, pois:



⁸¹ Alusão a uma fábula, “A história de Kāmātura”, que, em algumas versões do *Pañcatantra*, é narrada neste ponto. Na fonte que utilizamos, a fábula se encontra no quarto livro da coleção (Fábula X).

⁸² Vakranāsa, “que tem o nariz recurvado”.

⁸³ *rākṣasa*, nome dado aos gênios malignos, presentes na literatura indiana sob diversas formas: gigante, inimigo dos deuses; guardião dos tesouros de Kubera (Deus da Riqueza); espécie de fantasma que frequenta os cemitérios, utilizando os cadáveres para se movimentar e devorando as pessoas.



FÁBULA VIII

O BRÂMANE CHAMADO DROᅇA





Inimigos que disputam entre si trazem benefícios, pois um ladrão salvou uma vida e um *rākṣasa*⁸³, uma parelha de vacas. (185)

— Como foi isso? — perguntou o rei.

Vakranāsa contou:

avia, em certa cidade, um brâmane muito pobre chamado Droṇa⁸⁴, cujos bens consistiam apenas das esmolas recebidas. Não possuía vestes elegantes, unguentos, perfumes, guirlandas, adornos, betel e outras frivolidades. Longos cabelos, barba, unhas e pelos recobriam-lhe o corpo ressecado pelo frio, calor, vento, chuva e outras intempéries.

Um homem que encomendara um sacrifício doara àquele brâmane, por compaixão, uma parelha de novilhos. E Droṇa afeiçoou-se aos animais ainda pequenos, e alimentando-os bem e fazendo-os engordar com manteiga clarificada, óleo de gergelim, forragem e outras coisas que conseguia, pedindo esmolas.

Tão logo viu os novilhos, um ladrão pensou:

— Vou furtar essa parelha desse brâmane.

Assim determinado, à noite, pegou uma corda para amarrar os animais. Quando ia pela metade do caminho, o malandro avistou uma criatura de dentes pontudos e separados, nariz em corcova, olhos de contorno vermelho brilhante, veias salientes, membros recurvados, faces encovadas e corpo, cabelos e barba dourados

⁸⁴ Droṇa, “balde de madeira”.

⁸⁵ Satyavacana, “que diz a verdade”.

⁸⁶ *brahmarākṣasa*, “demônio da classe bramânica”, “fantasma de brâmane que teve vida dissoluta”.

como o fogo ritualístico. Ao ver tal criatura, o ladrão, transtornado pelo medo intenso, perguntou:

— Quem é o senhor?

O outro respondeu:

— Sou Satyavacana⁸⁵, um *brahmarākṣasa*⁸⁶. Apresente-se o senhor também.

— Sou Krūrakarman⁸⁷, um ladrão — foi a resposta. Estou prestes a apropriar-me da parca de vacas de um brâmane muito pobre.

Tomado de confiança, o *rākṣasa* comentou:

— Meu caro, eu só como a cada três dias; por isso, hoje comerei esse brâmane. Isso é ótimo! Nós dois temos o mesmo objetivo.

Depois, os dois foram à casa do brâmane e postaram-se em local escondido, esperando o momento adequado.

Quando o religioso adormeceu, o *rākṣasa* preparou-se para comê-lo. Percebendo isso, o ladrão protestou:

— Amigo, esse não é o modo correto! Antes devo apanhar as vacas e só então você comerá o brâmane.

Mas o outro discordou:

— A qualquer momento, o brâmane poderá acordar com o mugido e aí a minha empreitada terá sido inútil.

O gatuno, por sua vez, objetou:

— Mas, se no instante em que você se aproximar para comê-lo, acontecer um imprevisto, então não poderei furtar as vacas. Portanto primeiro eu furto as vacas e depois você pode comer o sacerdote.

⁸⁷ Krūrakarman, “que pratica crueldades”.

E assim, enquanto eles discutiam, cada um reivindicando sua primazia, a disputa acirrou-se e o brâmane acordou com a gritaria.

— Brâmane, esse *rākṣasa* quer te comer! — avisou o ladrão.

E o *rākṣasa* também alertou:

— Brâmane, ele é ladrão! Pretende roubar tuas vacas.

Ouvindo isso, o sacerdote levantou-se e, com muito cuidado, protegeu-se do *rākṣasa* pela meditação e recitação de mantras à sua divindade favorita. E protegeu as vacas do ladrão, ameaçando-o com um cajado.

Por isso, eu digo:

Inimigos que disputam entre si... [çloka 185]

Depois de meditar sobre essa história, Arimardana perguntou também a Prākāraṇa⁸⁸:

— Diga-me, o que o senhor pensa sobre isso?



⁸⁸ Prākāraṇa, “que tem orelhas semelhantes a muralhas”.



FÁBULA IX
A HISTÓRIA DE DEVAÇAKTI





— Majestade — disse o ministro —, esse corvo não deve ser morto, pois, se o salvarmos, talvez seja possível passarmos o tempo agradavelmente em mútua amizade. Todos dizem:

As criaturas que não conservam em segredo as fraquezas mútuas destroem-se como a serpente do formigueiro e a do abdômen. (186)

— Como foi isso? — quis saber o rei das corujas.

Em certa cidade, havia um rei chamado Devaçakti⁸⁹. Seu filho definhava a cada dia, membro a membro do corpo, por causa de uma cobra alojada em seu ventre, como se fosse num formigueiro. Apesar de ser atendido por médicos famosos, com diferentes terapias e com o uso de ervas prescritas nos manuais de renome, ele não conseguia curar-se.

Então, em desespero, o príncipe foi para outra região. Em certa cidade passou a pedir esmolas e foi viver num grande templo.

Ora, naquela cidade morava um rei chamado Bali⁹⁰, que tinha duas filhas em idade de casar. E elas, todos os dias, ao nascer do sol, iam para junto do pai, rendendo-lhe homenagens.

Certa vez, uma o saudou:

— Sê vitorioso, grande rei, por meio da bondade de quem alcança toda a felicidade!

⁸⁹ Devaçakti, “que tem o poder de um deus”.

⁹⁰ Bali, “oferenda”.

A segunda, porém, disse:

— Grande rei, aproveita o que te é destinado!

Irritado por ouvir isso, o rei bradou:

— Ó conselheiros! Ofereci essa jovem insolente a qualquer estrangeiro, para que ela aproveite de fato o que lhe está destinado.

— Seja assim, então! — os conselheiros concordaram e ofereceram a jovem, com um pequeno número de serviçais, ao príncipe que se abrigara no templo.

Ela, mesmo assim, com espírito jubiloso, recebeu-o por esposo, como se fosse um deus, e foi com ele para outra região.

Estabeleceram-se em um lugar de uma cidade bem distante, à beira de um poço. Um dia, a princesa encarregou o marido de proteger a casa e saiu com seus servidores para comprar manteiga clarificada, óleo de gergelim, sal, arroz e outros alimentos.

Quando voltou das compras, percebeu que o príncipe havia adormecido com a cabeça apoiada sobre um formigueiro, e que de sua boca saía uma cobra de capelo que se alimentava de vento. E ali também havia outra serpente que saía do formigueiro. Percebendo a presença uma da outra, as duas serpentes ficaram com os olhos rubros de cólera e a que vivia no meio do formigueiro disse:

— Ai, ai, ai! Desalmada! Por que você atormenta assim um príncipe tão formoso?

A cobra que estava na boca do rapaz retrucou:

— Ai, ai, ai! Por que um poço de malefício como você fica sujando um par de vasos cheios de ouro no interior desse formigueiro?

Desse modo, elas revelaram seus mútuos segredos. E a serpente do formigueiro anunciou:

— Ai, desalmada! Será que ninguém sabe que existe um remédio contra você? Você pode ser destruída com uma poção envelhecida, feita com mostarda e caldo de arroz fermentado!

E a cobra que estava dentro do jovem rebateu:

— E ninguém sabe que existe também uma poção para matar você? Com óleo de gergelim quente ou água fervente você morrerá!

Assim, a filha do rei, escondida atrás de arbustos, ouviu a conversa dos dois répteis sobre seus pontos vitais e agiu de acordo com o que cada um dissera. Deixou o marido perfeito e saudável, encontrou um tesouro incalculável e todos voltaram para sua terra natal. Reverenciada por seu pai, sua mãe e seus parentes, a princesa aproveitou o que lhe estava destinado e viveu em perene felicidade.

Por isso, eu digo:

As criaturas que não conservam em segredo... [çloka 186]

⁹¹ A discussão dos ministros de Arimardana, rei das corujas, que determinou o destino do corvo Sthirajivin, pode ser encontrada em duas versões radicalmente diferentes: a versão da edição de Kāle (fonte da nossa tradução), de Kosegarten e de Çriçyāmācaraṇapāṇḍeya e a versão da edição de Bühler. Nas primeiras, como acaba de ser narrado no nosso texto, Raktākṣa pensa que se deve matar o corvo, mas os outros ministros preferem a preservação da vida do inimigo, por diversos motivos: Krūrākṣa visa a liberação da roda cármica, Diptākṣa acredita que o corvo possa dar informações sobre o bando inimigo, Vakranāsa acha que a disputa dos corvos entre si pode ser proveitosa para as corujas e Prākāraṇa prevê uma agradável convivência. A versão de Bühler, entretanto, tem uma linha de argumentação mais interessante, pois as opiniões dos ministros se apresentam de acordo com os *upāya* (“meios ou estratégias de vencer um adversário”): Raktākṣa preconiza a conciliação, Krūrākṣa prefere semear a dissensão, Diptākṣa aconselha o suborno e Vakranāsa prefere a violência e a punição. O quinto ministro, Prākāraṇa, sugere que se dê ao corvo a hospitalidade devida a um refugiado, no que é apoiado pelo rei, que decide acolher Sthirajivin. A partir deste ponto, as duas versões da narrativa-quadro seguem de forma equivalente, com uma troca de papéis entre Raktākṣa e Vakranāsa, mas a versão de Bühler contém só mais uma fábula intercalada.

Depois de ouvir tantas histórias, até o próprio Arimardana concordou em acolher o pássaro inimigo.⁹¹

Ao notar que estavam se decidindo por isso, Raktākṣa fechou o sorriso e retornou ao assunto:

— Miséria! O soberano será destruído pela falta de discernimento de vocês! Assim se diz:

Onde se reverencia os que não são veneráveis, mas entre os veneráveis há o desrespeito, ali ocorrem três coisas: fome, morte e terror. (187)

— Assim — continuou o ministro —, arrancados pela raiz, nós seremos aniquilados. E é bem certo o que se diz:

Os que desprezam a palavra tradicional e se dedicam ao que é contra a lei são considerados inimigos com aparência de amigos pelos que têm bom discernimento. (188)

— E também:

Quando se contratam ministros ignorantes, que não consideram o tempo e o lugar, até as propriedades mais sólidas desaparecem, como a escuridão desaparece ao nascer do sol. (189)

Sem considerar esse conselho, porém, todas as corujas ergueram Sthirajīvin e puseram-se a caminho da caverna.

Enquanto era conduzido, o corvo observou:

— Majestade, agora que me encontro nesta condição, incapaz de servir a qualquer propósito, de que me adianta essa boa acolhida? Por isso quero entrar no fogo abrasador. Tenha a bondade de libertar-me, oferecendo-me ao fogo.

Percebendo sua intenção secreta, Raktākṣa perguntou-lhe:

— Por que motivo deseja você lançar-se ao fogo?

O corvo respondeu:

— Foi por causa de vocês que Meghavarṇa deixou-me neste estado deplorável. Quero tornar-me coruja, para me vingar daqueles corvos.

Experiente na política de governo, Raktākṣa, ao ouvir a resposta, disse:

— Amigo, você sabe torcer as palavras e dissimular na conversa. Embora tenha vindo para a família das corujas, você só está pensando no seu próprio povo, a família dos corvos.

As corujas não acataram essa advertência do ministro e conduziram o corvo para a caverna, para a ruína da própria linhagem.

Enquanto era levado, Sthirajīvin ria-se em seu íntimo e pensava:

“Matem-no!” diz esse súdito que dá bons conselhos. Ele é o único entre todos aqui que sabe os verdadeiros objetivos da ciência política. (190)

— Se todos atendessem ao conselho dessa coruja, não sofreriam o menor contratempo.

Ao chegarem à entrada da gruta, Arimardana disse:

— Muito bem! Ofereçam ao bondoso Sthirajīvin um lugar adequado a seus desejos.

Ouvindo isso, o corvo presumiu:

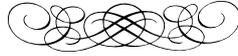
— Eu preciso imaginar um modo de exterminá-los. Não terei sucesso se permanecer no meio deles, pois ficarão atentos, examinando meus movimentos e outros indícios das minhas intenções. Se me estabelecer na entrada da caverna, poderei executar o que pretendo.

Assim decidindo, disse ao Senhor das Corujas:

— Majestade, é correto o que diz, porém eu conheço as regras de política e sou um inimigo. Embora devotado e virtuoso, não mereço o abrigo no meio da gruta. Assim, prestarei serviços

aqui mesmo, postado à entrada, tendo o corpo purificado pela poeira do lótus de vossos pés.

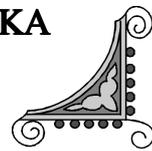
Aceita a proposta, todos os dias os servos do Senhor das Corujas, à sua ordem, preparavam a comida com prazer e ofereciam a Sthirajīvin uma lauta refeição de carne. Em poucos dias, ele se tornou forte como um pavão.

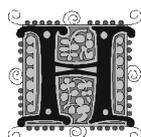




FÁBULA X

A HISTÓRIA DE SIMBUKA





Raktākṣa, vendo o corvo ser assim alimentado, ficou surpreso e disse ao rei e aos ministros:

— Ai! O conselho de ministros enlouqueceu e Vossa Majestade também! Disso estou convencido! E dizem:

Primeiro o louco era eu; o apanhador de pássaros foi o segundo; depois, o rei e o conselheiro: eis uma bem completa assembléia de loucos. (191)

As corujas perguntaram:

— O que significa isso?

Raktākṣa contou:

avia, numa certa região montanhosa, uma árvore frondosa onde morava um pássaro chamado Simbhuka⁹², cujas fezes transformavam-se em ouro. Um dia, um caçador aproximou-se, indo na direção do pássaro, que defecou bem à sua frente. Vendo que as fezes se transformavam em ouro no momento da queda, o caçador ficou atônito:

— Céus! Comecei na infância, há oitenta anos trabalho na captura de aves e jamais vi ouro em seus excrementos.

Assim pensando, prendeu a rede na árvore.

Então, aquele pássaro tolo, sem desconfiar de nada, pousou lá de novo e, no mesmo instante, ficou preso na rede. O caçador livrou-o da armadilha, colocou-o numa gaiola e levou-o para casa. Ficou ponderando:

⁹² Simbhuka, espécie de pássaro mítico.

— O que farei com essa ave perigosa? Se algum dia alguém souber que ela tem tal qualidade, contará ao rei e então minha vida ficará em perigo. Por isso irei eu mesmo mostrar o pássaro ao rei.

Resolveu e logo cumpriu. Quando o soberano viu o pássaro, ficou tomado de extrema satisfação, com os olhos e a boca bem abertos como lótus e assim ordenou:

— Ei, ei! Pessoal da segurança! Guardem com cuidado essa criatura alada! Ofereçam-lhe comida, bebida e outros manjares à vontade.

Um ministro, porém, objetou:

— Por que o senhor aceita esse pássaro, tendo por garantia apenas a palavra de um caçador de pouca confiança? Alguma vez já foi encontrado ouro nos excrementos das aves? Solte o pássaro dessa gaiola.

Seguindo o conselho do ministro, o rei libertou o pássaro, que se sentou no arco proeminente da porta, liberou um excremento de ouro e disse:

Primeiro o louco era eu... [çloka 191]

E, recitando essa estrofe, foi-se embora satisfeito pelos caminhos dos ares. Por isso, eu digo:

Primeiro o louco era eu... [çloka 191]

Contudo, por capricho divino, as corujas, novamente, não prestaram atenção ao sensato conselho de Raktākṣa e alimentaram o corvo ainda mais, com comida variada de carne abundante e de outras iguarias.

Raktākṣa convocou então sua família e disse-lhes em segredo:





— Céus! Até agora usufruímos prosperidade e segurança junto ao nosso soberano. Eu, conselheiro por sucessão hereditária na família, proponho o seguinte: vamos nós procurar refúgio em outra caverna da montanha, pois se diz:

Quem prepara o futuro resplandece; arde quem não o faz. Envelheci morando na floresta e nunca ouvi uma gruta falante. (192)

Os parentes perguntaram:

— O que significa isso?

Raktākṣa contou:

Em certa região da floresta, vivia um leão chamado Kharanakhara⁹³. Um dia, perambulando de lá para cá, com a garganta ressecada pela fome, não encontrou animal nenhum. Mas, na hora do sol poente, encontrou na montanha uma enorme caverna, onde entrou e ficou pensando:

— Agora à noite, algum bicho virá para esta gruta. Por isso, vou ficar escondido.

Nesse meio tempo, retornava o dono do lugar, um chacal de nome Dadhipuccha⁹⁴. Ele logo notou a série de pegadas de leão que se dirigiam para dentro da caverna, mas não de dentro para fora. E então pensou:

⁹³ Kharanakhara, “que tem garras afiadas”. A forma correta é Kharanakhara.

⁹⁴ Dadhipuccha, “que tem a cauda branca como leite coalhado”.

— Ó deuses! Estou perdido! Com certeza um leão entrou aqui. O que é que eu faço? Como saberei?

Depois de assim ponderar, postou-se à entrada e começou a falar com voz esganiçada:

— Oi, caverna! Oi, caverna!

Dizendo isso, permaneceu silencioso um momento e depois voltou a falar:

— Como! Você não se lembra do acordo que fizemos? Quando eu venho de fora, você deve responder e dar-me boas vindas, pois se você não me convidar para entrar, irei para outra caverna.

Ao ouvir isso, o leão ponderou:

— Decerto, quando ele se aproxima, esta gruta sempre faz uma saudação. Hoje, porém, com medo de mim, não responde. Há um modo melhor de dizer isto:

Os que têm a mente aterrorizada pelo perigo não conseguem falar ou mover as mãos, os pés e outros membros, e o seu tremor pode ser intenso. (193)

— Vou saudá-lo, para que, depois disso, ele entre e se torne meu repasto.

Tendo assim decidido, o leão fez uma saudação ao chacal. A caverna ressoou com um urro que assustou até os outros habitantes da floresta em lugares distantes. E, enquanto fugia, o chacal recitava esta estrofe:

Quem prepara o futuro resplandece; arde quem não o faz. Envelheci morando na floresta e nunca ouvi uma gruta falante. (194 = 192)

E Raktākṣa advertiu seus familiares:

— Pensem bem sobre isso e venham comigo.

Assim decidindo, ele partiu para outras terras distantes, acompanhado pela comitiva formada por seus seguidores.

Exultante com essa partida, Sthirajīvin refletiu:

— Uau! A boa fortuna chega até mim, pois Raktākṣa foi-se embora. Ele, sim, é um observador sagaz, mas esses outros têm a mente lerda; tornaram-se para mim presas fáceis de matar. Assim se diz:

Não tarda, com certeza, a ruína do senhor da terra cujos ministros recebidos por herança não são bons observadores. (195)

— Entretanto, também isto é propagado com razão:

Os sábios devem considerar como inimigos fantasiados de ministros aqueles que evitam a política correta e agem ao contrário do curso natural. (196)

Assim pensando, colocava, a cada dia, um graveto da floresta em seu ninho, com a finalidade de atear fogo à caverna, e as tolas corujas não perceberam que ele aumentava seu ninho com a intenção de queimá-las. Ou melhor dizendo:

O homem amaldiçoado pelos deuses faz amizade com o inimigo, odeia e fere o amigo, considera a virtude como pecado e o vício como benefício. (197)

Quando o ninho falso, construído com esforço na entrada da gruta, estava pronto, Sthirajīvin saiu ao nascer do sol, cuja luz cega as corujas. Dirigiu-se à montanha Ṛṣyamūka e lá disse a Meghavarna:

— Senhor, o abrigo das corujas está pronto para ser queimado com facilidade. Venha com seus súditos, peguem os gravetos incandescentes um por um e joguem-nos no meu ninho à entrada da caverna, para que todos os inimigos morram em dolorosa jornada ao inferno de Kumbhīpāka⁹⁵.

Ouvindo isso, exultante, o rei dos corvos pediu:

⁹⁵ Kumbhīpāka, “cozimento de vasilhas”; nome de um inferno onde os pecadores são assados num calor equivalente aos fornos de cozer peças de cerâmica.

— Meu amigo, conte-me suas aventuras. Há muito tempo não o vejo.

— Filho — respondeu o ancião —, não é hora para narrativas, pois a qualquer momento algum espião poderá delatar minha vinda até aqui. Sabendo disso, a coruja baterá em retirada para outro lugar. Vamos logo, pois:

Se um homem procrastina quando aparece uma tarefa urgente, as divindades coléricas, sem dúvida, atrapalham seu empreendimento. (198)

— E também:

Quando qualquer empreendimento, principalmente um que dá frutos, não é realizado de imediato, o tempo suga seu sabor. (199)

— Então — ele prometeu —, quando você voltar para casa depois de matar os inimigos, contarei tudo com calma, nos mínimos detalhes.

Seguindo esse conselho, Meghavarṇa e seu séquito pegaram, com a ponta do bico, os gravetos incandescentes, aproximaram-se da entrada da gruta e os jogaram, um a um, no ninho de Sthirajīvin.

Todos os pássaros que são cegos durante o dia lembraram-se das advertências de Raktākṣa quando não conseguiram sair da caverna porque a entrada estava obstruída; foram sentenciados ao inferno Kumbhīpāka e morreram.

Assim, tendo aniquilado os adversários, o rei dos corvos retornou à sua fortaleza na figueira. Depois, sentado no trono e rodeado pela corte, com o coração jubiloso, perguntou a seu querido ministro:

⁹⁶ As estrofes de números 202 a 206 referem-se à estadia dos cinco príncipes Pāṇḍava no palácio de Virāṭa, rei dos Matsya. O episódio é narrado no Livro IV do

— Querido amigo, como foi todo esse tempo que você passou entre os inimigos? Agora estamos ardendo de curiosidade. Conte-nos, pois:

Para os que agem com virtude, é melhor lançar-se no fogo abrasador do que freqüentar a sociedade dos inimigos um só instante. (200)

Ouvindo-o, Sthirajīvin discordou:

— Meu caro, um servidor não conhece o sofrimento quando visa a futuros resultados. É por isso que se diz:

Com a expectativa de cumprir o dever, mesmo o veneno ingerido torna-se ambrosia; entre todas as criaturas, não se pode ter dúvida neste caso. (201)

Mesmo forte, o homem honesto e sábio, que espera pela ocasião adequada, deve morar até com uma pessoa má, vil e de fala fulminante como um raio: tendo as mãos ocupadas com colheres, sujo de fuligem e preso ao trabalho, o poderosíssimo Bhīma não permaneceu no palácio dos Matsya como cozinheiro?⁹⁶ (202)

O homem criterioso, que espera pela ocasião oportuna, deve realizar a empreitada que guarda no coração, não importa se acontecer algo mau, ou bom, ou degradante: não era Savyasācin⁹⁷, que tem as mãos calejadas pela fricção da corda forte e tensa do arco *gaṇḍīva*⁹⁸, quem usava cinto brilhante em danças de entretenimento? (203)

Mahābhārata. Os cinco irmãos (Yudhiṣṭhira, Bhīma, Arjuṇa, Nakula, Sahadeva) e sua esposa comum Draupadī empregaram-se como serviçais para manter em segredo suas identidades.

⁹⁷ Savyasācin, “que usa a mão esquerda”; epíteto de Arjuṇa, por ser capaz de puxar a corda de seu arco com qualquer uma das mãos.

⁹⁸ *gaṇḍīva*, nome do arco de Arjuṇa, presente do deus do fogo, Agni.

⁹⁹ Indra, deus da atmosfera e do céu; Kubera, deus das riquezas; Yama, deus dos mortos; Dharma, deus da justiça, cujo filho é Yudhiṣṭhira.

¹⁰⁰ *sairandhrī*, “aia de quarto”, “serviçal”.

¹⁰¹ Çrī, “beleza”, “esplendor”; epíteto de várias divindades, principalmente de Lakṣmī, deusa da beleza e da riqueza.

O homem sábio, que deseja sucesso, deve esconder sua majestade, apesar de dotado de coragem e energia, e deve manifestar firmeza diante dos desígnios divinos: acompanhado por seus irmãos, semelhantes a Indra, Kubera e Yama, o ilustre filho de Dharma⁹⁹ não sofreu por longo tempo no palácio de Virāṭa? (204)

Formosos e bem nascidos, os dois valorosos filhos de Madrī entraram para o serviço de Virāṭa, na tarefa de cuidar e proteger o gado. (205)

Não era Draupadī quem triturava o sândalo no palácio do rei dos Matsya e que era chamada com desdém de *sairandhrī*¹⁰⁰ pelas jovens orgulhosas? Ela, que era semelhante a Çrī¹⁰¹, por sua formosura sem par, por suas qualidades de juventude, pelo esplendor e pelo nascimento em nobre família, mas que caíra em condições adversas no transcurso do tempo? (206)

Meghavarṇa interpôs:

— Meu amigo, eu considero o convívio com o inimigo um voto de permanência sobre o fio de uma espada.

— Majestade, assim é — Sthirajīvin assentiu —, porém jamais conheci uma tal assembléia de tolos e não havia um que fosse sensato, com exceção de Raktākṣa, que é muito sábio e de inteligência inigualável. Ele percebeu minha verdadeira intenção, ao passo que não a perceberam os outros ministros muito tolos, sustentados pelo mero título e inábeis para ver a realidade. Portanto:

O servidor que vem da parte do adversário é falso e pronto a voltar para lá; ele é um espião em vista de seus deveres e um corrupto sempre amedrontado. (207)

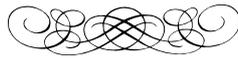
Os inimigos atacam quando observam que seus oponentes estão desatentos ao sentar, dormir, andar e no ato de comer e beber. (208)

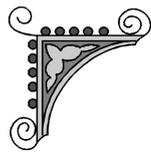
Por isso, com toda a diligência, o homem sábio e atento deve guardar-se como domicílio dos três objetivos existenciais, pois, pela negligência, fica perdido. (209)

— E isto pode ser dito com mais clareza:

A quem as doenças não atormentam, quando se come o que é insalubre? A quem os erros de política não acontecem, quando se mantém um mau ministro? A quem a fortuna não torna orgulhoso? A quem a morte não abate? A quem os prazeres sensuais dominados não oprimem? (210)

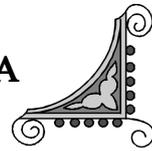
O valor do ganancioso, a amizade do traiçoeiro, a família do ingrato, a virtude do avarento, a ciência do pervertido, a felicidade do miserável, o reino do soberano com ministros negligentes — tudo isso desaparece. (211)





FÁBULA XII

A SERPENTE
CHAMADA MANDAVIÇA





O ancião prosseguiu:

— Então, ó rei, isto que Vossa Majestade disse: “minha aventura em companhia do inimigo é como um voto de permanência sobre o fio de uma espada”, isto eu já tinha percebido com meus próprios olhos. E se diz:

Pondo o desprezo à frente e o orgulho atrás, o homem pragmático deve desenvolver seu próprio objetivo, pois o fracasso dos próprios interesses é que se torna sandice. (212)

O inteligente deve até transportar o inimigo sobre os ombros enquanto aguarda o momento certo. Foi assim que uma grande serpente negra matou muitas rãs. (213)

— Como foi isso? — perguntou o rei dos corvos.

Sthirajīvin contou:

avia, em certa região próxima da montanha ocidental, uma naja encurvada pelos anos, chamada Mandaviṣa¹⁰², que assim ponderava em seu íntimo:

— Como farei para sobreviver de modo fácil?

Depois, aproximou-se de um lago cheio de rãs, aparentando estar imersa em tranqüilidade. Enquanto ela assim permanecia, uma rã veio para a superfície da água e perguntou-lhe:

— Senhora, por que hoje você não está vagueando em busca de comida, como fazia antes?

¹⁰² Mandaviṣa, “que tem veneno de ação lenta”; “que tem pouco veneno”.

¹⁰³ Jalapāda, “que tem os pés na água”.

Ela explicou:

— Amiga, como posso ter vontade de comer, se estou infeliz? Pois eu perambulava à procura de comida, aqui mesmo, nesta noite, quando avistei uma rã e armei uma posição de ataque para apanhá-la. Quando ela me viu, com medo da morte, fugiu para o meio de uns brâmanes devotados à recitação do Veda e eu não percebi para onde ela fora. Com a mente confusa pela semelhança, mordi o polegar do filho de um brâmane que estava dentro da água, à margem do lago. No mesmo instante ele retornou aos cinco elementos e seu pai, desconsolado, lançou-me uma imprecação: “Desalmada, você matou meu filho inofensivo! Por esse crime, você será montaria das rãs e obterá a subsistência apenas pela bondade delas.” Desse modo, vim para ser vossa montaria.

A rã contou isso para as outras e, depois, foram todas jubilosas contar ao rei, que se chamava Jalapāda¹⁰³, o que havia acontecido. Ele saiu com presteza do lago, rodeado de ministros, pensando: “Isto é maravilhoso!” e montou sobre Mandaviṣa, na altura de seu capelo. As restantes, de acordo com a hierarquia, subiram nas costas da serpente. Em resumo, as que não conseguiram lugar sobre ela seguiam-na bem de perto e ela, para contentá-las, demonstrava diversos modos de se locomover. Cheio de felicidade, o rei disse-lhe:

Andar de elefante, a cavalo, de carreta ou de carro puxado por homens não me dá tanto prazer quanto andar sobre Mandaviṣa. (214)

Certo dia, por fingimento, a serpente passou a andar bem devagar. Percebendo isso, Jalapāda perguntou:

— Cara Mandaviṣa, por que hoje você não nos transporta tão bem quanto antes?

— Majestade — ela respondeu —, hoje não tenho forças para transportá-los, por falta de comida.

Então o rei sugeriu:

— Minha cara, coma umas rãs bem pequeninhas.

Ouvindo isso, sentindo prazer em cada uma das escamas, a serpente disse com presteza:

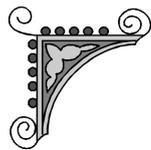
— É a imprecação que está se cumprindo. Estou satisfeita com seu beneplácito.

Depois, em poucos dias, comendo rãs com frequência, ela se tornou forte e, sentindo imenso prazer, rindo-se em foro íntimo, recitou:

Estas rãs de variadas espécies já estão conquistadas por meio de fraude; por quanto tempo ainda poderei comê-las antes de ficarem escassas? (215)

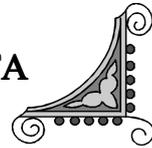
Jalapāda, porém, estava com o pensamento obscurecido pelas palavras enganadoras de Mandaviṣa e nada percebia.





FÁBULA XIII

A HISTÓRIA DO
BRÂMANE YAJÑADATTA





Entretanto, outra naja de grande porte chegou àquela região, admirou-se de ver uma cobra transportando as rãs e disse:

— Colega, como você carrega essas que são nosso alimento? Isso é inaceitável!

A colega respondeu:

Tudo isto eu percebo: enquanto sou veículo das rãs, espero pela ocasião favorável, assim como o brâmane cego por causa da manteiga. (216)

A naja quis saber:

— Como foi isso?

Mandavişa contou:

Em certo povoado, havia um brâmane chamado Yajñadatta¹⁰⁴, cuja esposa era assanhada e tinha o pensamento devotado a outro homem. Ela sempre preparava doces com melado e manteiga clarificada, que oferecia ao amante, às escondidas do marido. Desconfiado, o esposo perguntou:

— Querida, o que você cozinhou? E para onde sempre leva? Diga a verdade.

E ela, com presença de espírito, respondeu ao marido de modo dissimulado:

¹⁰⁴ Yajñadatta, “dado em sacrifício”.

— Não muito longe daqui, fica o santuário de uma deusa gloriosa, para quem eu, que sou uma esposa devotada ao extremo, levo uma oferenda de alimentos especiais e incomparáveis.

Sob o olhar dele, pegou tudo aquilo e saiu rumo ao santuário.

— Porque — pensou ela —, se eu oferecer isto à deusa, meu marido vai pensar: “Minha esposa leva sempre para a venerável deusa os alimentos especiais que preparou”.

Então, ela foi para o santuário e desceu até o rio, onde cumpriu as cerimônias de ablução, enquanto o marido veio por outro caminho e desceu por trás da deusa sem ser visto.

Depois de banhar-se, a brâmani foi ao santuário e procedeu aos ritos de ablução, unção com sândalo, oferta de guirlandas, incenso e outras dádivas. Curvou-se diante da deusa e perguntou:

— Ó Gloriosa, que estratégia pode tornar meu marido cego?

Ouvindo isso, o brâmane, que estava atrás da deusa, pronunciou, com voz disfarçada:

— Se obsequiares sempre teu marido com doces amanteados e outras guloseimas, então ele ficará cego sem demora.

E a namorada, com a mente iludida pelas palavras enganosas, passou a oferecer sempre os doces ao esposo.

E um dia, o brâmane disse:

— Querida, não estou enxergando nada.

Ao ouvi-lo, ela pensou:

— Alcancei esse favor da deusa!

Depois disso, o amante querido de seu coração vinha todos os dias, bem à vista, sem receio, pois: “o que pode me fazer esse brâmane que ficou cego?”

Certo dia, porém, tendo visto o amante passar bem próximo, o brâmane segurou-o pelos cabelos e, com cacetadas a partir do

calcanhar, bateu tanto que o rapaz retornou aos cinco elementos. Quanto à esposa perversa, cortou-lhe o nariz e repudiou-a.

É por isso que eu digo:

Tudo isto eu percebo... [çloka 216]

E, rindo interiormente, Mandaviṣa também disse:

— As rãs têm diferentes sabores.

Ouvindo-a, Jalapāda, com o coração agitado ao extremo, pensando: “o que ela está querendo dizer?”, perguntou-lhe:

— Amiga, por que você diz essas palavras estranhas?

— Por nada! — ela disse, para encobrir suas intenções.

Desse modo, enganado pelas palavras dissimuladas, o rei das rãs, Jalapāda, não percebeu o intento malévolo da serpente. Em resumo, foram todas as rãs devoradas por ela, de modo que nenhuma restou nem para semente.

É por isso que eu digo:

O inteligente deve até transportar o inimigo... [çloka 213]

— Portanto, Majestade — Sthirajīvin prosseguiu —, assim como as rãs foram aniquiladas pelo poder da inteligência de Mandaviṣa, também todos os inimigos foram destruídos por mim. E isso pode ser dito melhor:

Na floresta, quando arde, o fogo abrasador preserva as raízes das árvores; o vento, que é suave e frio, provoca o desenraizamento. (217)

Meghavarṇa concordou:

— Caro amigo, isso é verdade. Os homens de nobre caráter, magnânimos, não abandonam a empreitada, mesmo tendo caído em desgraça. É por isso que se diz:

A grandeza dos que portam o ornamento da boa política é esta: eles não renunciam ao que foi começado, mesmo no doloroso aparecimento do infortúnio. (218)

— E também:

Os homens inferiores não empreendem nada por medo dos obstáculos; os medianos, tendo iniciado, desistem quando são impedidos pelos obstáculos; os que possuem qualidades excelentes, embora atingidos por obstáculos mil vezes multiplicados, não abandonam um empreendimento. (219)

— Assim — ele prosseguiu —, meu reino está livre de problemas, pois você levou os inimigos à destruição completa. Isso é ótimo! Digno dos mestres em política, pois se diz:

Atuando sem deixar restos — resto de dívida, resto de fogo, resto de inimigos, bem como resto de doença —, o sábio não sente inquietação. (220)

Sthirajīvin observou:

— Vossa Majestade é de fato bem afortunado, pois tudo o que empreendeu teve sucesso. Nesse caso, não só o ato valoroso leva ao sucesso, mas também o que é feito com inteligência traz a vitória, como se ensina:

Os adversários atacados com armas não ficam realmente mortos, mas os adversários feridos com a inteligência ficam mortos de verdade. A arma fere apenas o corpo do homem; a inteligência destrói a família, o poder e a glória. (221)

— Desse modo, os sucessos de empreendimentos juntam-se, sem esforço, à conveniência dos homens que têm talento e disposição.

Quando um homem é predestinado, seu intelecto avança no início dos empreendimentos; sua memória se fortalece; a deliberação, le-

vando aos próprios objetivos, não se dispersa; seu raciocínio brota com frutos; seu pensamento chega às alturas e ele encontra prazer nos atos meritórios. (222)

— E também — o ancião acrescentou —, a soberania é um atributo do homem dotado de liderança, generosidade e denodo, como se diz:

A pessoa que tem prazer na companhia de quem é generoso, heróico e sábio torna-se dotada de méritos; do mérito vem a riqueza; da riqueza, a majestade; da majestade, a autoridade e, em consequência, a soberania. (223)

Meghavarṇa disse:

— É certo que os manuais de política dão frutos imediatos, pois você seguiu seus preceitos, penetrou no círculo de Arimardana e aniquilou-o junto com sua corte.

Sthirajīvin sentenciou:

Quando um objetivo só pode ser alcançado com meios violentos, é bom e conveniente recorrer a eles desde o início. A rainha das árvores, de porte soberbo, essência das florestas, digna de veneração e louvor, também pode ser decepada. (224)

— Ou então, ó rei, de que adianta dizer algo que não seja seguido pela ação imediata ou que seja difícil de cumprir? Ou melhor dizendo:

As sentenças ditas pelos indecisos, pelos que receiam fazer esforços e pelos que mostram cem erros a cada passo são sentenças que entram em contradição pelos resultados e que se tornam motivo de troça neste mundo. (225)

— E, mesmo nas tarefas fáceis, os homens ponderados não devem ser negligentes. Assim:

Certos homens de mente descuidada negligenciam sua tarefa dizendo: “Sou capaz de fazer; isto é coisa miúda; consegue-se sem esforço; qual a preocupação aqui?” E entretanto encontram o desprazer do arrependimento, tão fácil de alcançar em momentos de adversidade. (226)

— Agora, então — congratulou-se o ancião —, tendo vencido o inimigo, o meu soberano conseguirá dormir como antes. Proclama-se por aí:

Em habitação sem serpentes ou com serpentes aprisionadas, dorme-se bem; mas, na que tem cobras sempre à vista, pega-se no sono com dificuldade. (227)

Há empreendimentos cuja magnitude só se alcança com longa persistência; há os que recebem bênçãos dos amigos, que exigem sabedoria política, audácia e prestígio e se elevam aos degraus do ideal. Quando os que se empenham com orgulho, altivez e coragem não conseguem chegar ao final desses empreendimentos, como pode a beatitude encontrar guarida em seus corações inquietos? (228)

— Já que a tarefa empreendida logrou êxito, meu coração está em paz. E agora que o inimigo do reino foi destruído, Vossa Majestade deve dedicar-se inteiramente à proteção dos súditos e gozar a soberania, com a eminência do trono e do pára-sol, por longo tempo, na sucessão dos filhos, netos e outros descendentes. E também:

O monarca que não gratifica os súditos e não lhes confere proteção e outras qualidades é como as mamas falsas no pescoço das cabras¹⁰⁵: seu reino é inútil. (229)

Quando o soberano ama a virtude, odeia os vícios e preza os bons servidores, desfruta por muito tempo a realeza, caracterizada pelo

¹⁰⁵ Refere-se à protuberância, semelhante a seios, no pescoço de uma espécie de cabra existente na região de Bengala.

agitar de leques e bandeiras e pela condução do pára-sol branco.
(230)

Sthirajīvin estava bem inspirado:

— E não se deixe ludibriar pela embriaguez do sucesso, pensando: “eu conquistei este reino”, porque os poderes do rei são instáveis; a felicidade na realeza é difícil de alcançar, como a subida nos bambus, e predisposta a cair num instante. A realeza é difícil de manter, mesmo que se tente usar com esforços contínuos; embora louvada e venerada, ela se torna enganosa no fim; ela se dispersa na mente de muitos, como a espécie dos macacos; seu contato se esvai como a água sobre as folhas de lótus; é extremamente inconstante como o sopro da brisa; instável como a associação com desonestos; é vermelha só por um instante, como a linha das nuvens ao crepúsculo; é frágil por natureza como uma série de bolhas na água; é ingrata como o caráter da jibóia; aparece e desaparece num piscar de olhos, como uma infinidade de objetos obtidos em sonhos. E também:

Desde o instante da consagração na realeza, a inteligência deve ser dirigida para as calamidades, pois as ânforas derramam catástrofes junto com a água no momento da consagração dos reis. (231)

¹⁰⁶ Menção a vários heróis que passaram por enormes dificuldades: Rāma, protagonista da epopéia *Rāmāyana*; Bali, nome de um *daitya* (nome genérico dos filhos da deusa Diti) que se apoderou de quase todo o universo, mas foi contido por Viṣṇu e relegado aos mundos subterrâneos; filhos de Paṇḍu são os cinco protagonistas da epopéia *Mahābhārata*; Vṛṣṇi, família de Kṛṣṇa, destruída por dissensões internas; Nala, rei que perde o reino e a esposa em jogo de dados, uma história narrada em muitos poemas; Arjuna, um dos cinco protagonistas da epopéia *Mahābhārata*; o soberano de Lañkā é Rāvana, personagem da epopéia *Rāmāyana*.

¹⁰⁷ Daçaratha, pai de Rāma; Indra, deus da atmosfera e do céu; Sagara, ancestral de Rāma; o filho de Vena é Pṛthu; Manu, ancestral da humanidade, conhecido também como suposto autor do *Código de Leis de Manu*.

¹⁰⁸ Māṁdhātṛ, nome de um rei, personagem da epopéia *Mahābhārata*; Satyavrata, personagem da epopéia *Rāmāyana*; Nahuṣa, personagem do *Mahābhārata*; Keçava, epíteto de Kṛṣṇa; Kāla, personificação do destino e muitas vezes identificado com Yama, deus dos mortos; Çakra, epíteto de Indra.

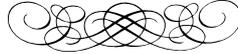
— E nem existe alguém absolutamente imune às calamidades, como se diz:

Tendo em mente a jornada de Rāma, a exclusão de Bali, a floresta dos filhos de Paṇḍu, a destruição dos Vṛṣṇi, a perda do reino do rei Nala, o serviço de Arjuna como professor de dança, a queda do soberano de Lañkā, o homem deve suportar tudo o que é da vontade do destino aqui na terra¹⁰⁶. Quem salva quem? (232)

Onde está Daçaratha, que no céu se tornou amigo do grande Indra? Onde está também o rei Sagara, que fixou os limites do oceano? Onde está o filho de Vena, nascido da palma da mão? Onde está Manu, filho do sol?¹⁰⁷ É certo que, depois de serem despertados para a existência, seus olhos foram fechados pelo poderoso deus da morte. (233)

Para onde foi Māindhātṛ, vencedor dos três mundos? Para onde foi o rei Satyavrata? Para onde foi Nahuṣa, soberano dos deuses? E Keçava, o que possui a doutrina verdadeira? Acredita-se que o magnânimo Kāla os sentou no trono de Çakra, com seus carros e seus magníficos elefantes; é certo que Kāla os retirou do mundo.¹⁰⁸ (234)

— E também:



E esse rei, esses ministros, essas mulheres e esses bosques, todos foram percebidos por Kṛtānta e destruídos. (235)

Finalmente, Sthirajīvin encerrou sua preleção:

— Tendo assim alcançado a felicidade na realeza, instável como as orelhas de um elefante no cio, Vossa Majestade pode dedicar-se somente à justiça e ser feliz.

Conclui-se assim o terceiro livro do *Pañcatantra*, composto pelo venerável Viṣṇuçarman, intitulado **A História dos Corvos e das Corujas**, que apresenta os seis tipos de ação: acordo, discórdia, marcha, defesa de posição, refúgio e duplicidade.

BIBLIOGRAFIA

Texto básico:

KĀLE, M. R. *Pañcatantra of Viṣṇuṣarman*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1991 (1. ed. 1912).

Textos sâncritos de apoio:

BÜHLER, G. *Panchatantra II & III*. Bombay: The Education Society's Press, Byculla, 1891.

_____. *Panchatantra IV & V*. Bombay: The Education Society's Press, Byculla, 1891.

ÇRĪÇYĀMĀCARAṆAPĀṄḌEYA. *Çrīviṣṇuṣarmapraṇītāni Pañcatantram*. Vārāṇasī: Motilal Banarsidass, 1975.

Traduções do *Pañcatantra*:

BOLUFER, J. A. *Pañchatantra, o Cinco Series de Cuentos*. Madrid: Libreria de Perlado, Pérez y C^a, 1908.

CHANDIRAMANI, G. L. *Panchatantra*. New Delhi: Rupa & Co., 1991.

_____. *Das Panchatantra*. Düsseldorf: Eugen Diederichs, 1971.

LANCEREAU, E. *Pañcatantra* (Introd. Louis Renou). Paris: Gallimard, 1965.

ROBLES, F. S. e GIL, L. F. Pereira. *Panchatantra ou Cinco Séries de Contos*. Lisboa: Edição Amigos do Livro, 1975.

RYDER, A. W. *The Panchatantra*. Bombay: Jaico Publishing House, 1992 (1. ed. 1949).

Dicionários:

APTE, V. S. *The Practical Sanskrit-English Dictionary*. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers Private Limited, 1992.

MONIER-WILLIAMS, M. *A Sanskrit-English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1974.

STCHOUPAK, N.; NITTI, L. e RENOU, L. *Dictionnaire sanskrit-français*. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1972.

Gramáticas:

FONSECA, C. A.; FERREIRA, M. *Introdução ao sânscrito clássico*. São Paulo: FFLCH-USP, 1978.

MACDONELL, A. A. *A Sanskrit Grammar for Students*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

WHITNEY, W. D. *Sanskrit Grammar*. Cambridge: Oxford University Press, 1950.

Obras de referência:

BASHAM, A. L. *The Wonder that was INDIA*. New Delhi: Rupa & Co., 1994.

FRANCO, A. (Trad.) *Calila y Dimna*. Buenos Ayres: Emecê Editores, s/d.

KEITH, A. B. *A History of Sanskrit Literature*. London: Oxford University Press, 1961.

LANMAN, C. R. *A Sanskrit Reader*. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1947.

MACDONELL, A. A. *A History of Sanskrit Literature*. New York: Haskell House, 1968.

MÜLLER, M. “Sur la migration des fables”, in *Essais sur la mythologie comparée. La traditions et les coutumes*. Trad. George Perrot. Paris: Librairie Académique, 1873.

- PAWATE, C.I. *The Panchatantra and Aesop's Fables*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1986.
- RENOU, L. e FILLIOZAT, J. *L'Inde classique*. Tomo I. Paris: Payot, 1947.
- _____. *L'Inde classique*. Tomo II. Paris: Imprimerie Nationale et Hanoi: Ecole Française d'Extrême Orient, 1953.
- SASTRI, G. *A Concise History of Classical Sanskrit Literature*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1987.
- TAWNEY, C. H. (Trad.) *Somadeva's Kathāsaritsāgara* ("The Ocean of Story"). Vol. V. Delhi: Motilal Banarsidass, 1923.
- TESHEINER, M. G. e FLEMING, M. E. *Pañcatantra* — Prólogo; Livro I, Conto I. Tradução, notas e comentários. *Revista Magma*. São Paulo: DTLLC/FFLCH-USP, 1995. n. 2, p. 89-97.
- VARGAS, M. V. A. M. *Do Pañcatantra a La Fontaine: tradição e permanência da fábula*. Tese (Doutorado). São Paulo: FFLCH-USP, 1991.
- _____. Elementos para a análise da estruturação das fábulas sânscritas. *Estudos Lingüísticos. XIX Anais de Seminários do GEL*. Bauru: UNESP, 1990. p. 59-64.
- _____. A ética das máximas no formulário sânscrito. *BHARATA, Cadernos de Cultura Indiana*. São Paulo: FFLCH-USP, 1990. n. 1, p. 29-39.
- _____. A fábula indiana e sua expansão para o ocidente. *Revista de Estudos Árabes*. São Paulo: FFLCH-USP, jul./dez. 1994. Ano II, n. 4, p. 35-50.
- _____. Marcas da oralidade na composição dos textos narrativos sânscritos. *Revista de Estudos Orientais*. São Paulo: Humanitas, dez. 1999. n. 3, p. 129-38.
- _____. Reflexos da fábula indiana nos textos de Monteiro Lobato. *Revista Magma*. São Paulo: DTLLC/FFLCH-USP, 1995. n. 2, p. 74-85.
- _____. Representações e transformações da fábula clássica nas atividades didáticas. *Ciência para o Progresso da Sociedade Brasileira. 48ª. Reunião Anual da SBPC. Anais*. Vol. I. São Paulo: PUC-SP, 1996. p. 284-90.
- WINTERNITZ, M. *Classical Sanskrit Literature. History of Indian Literature*. Vol. III. Delhi: Motilal Banarsidass, 1985.

SOBRE AS AUTORAS

MARIA VALÍRIA ADERSON DE MELLO VARGAS, Mestre em Filologia e Língua Portuguesa e Doutora em Filologia e Linguística Românica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), é docente aposentada da FFLCH/USP onde atuou na Área de Língua e Literatura Sânscritas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e da Área de Semiótica e Linguística Geral da pós-graduação do Departamento de Linguística da FFLCH-USP. Foi orientadora do projeto de pesquisa intitulado “Tradução das fábulas do *Pañcatantra* e considerações sobre a atualidade e a universalidade do gênero fábula”, desenvolvido por **MARIA DA GRAÇA TESHEINER** e **MARIANNE ERPS FLEMING**, originalmente, no âmbito do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/USP-CNPQ), no período de 1994 a 1997, enquanto ambas eram alunas do Curso de Sânscrito da FFLCH e já bacharéis em Filosofia. O projeto ampliou-se, com a proposta de tradução da coleção completa do *Pañcatantra*, levada a efeito durante o período de 10 (dez) anos, e publicada, em três etapas, pela Editora Humanitas, da FFLCH-USP, nos anos de 2003 (1º volume, com reedição em 2004), 2008 (2º volume) e 2013 (3º volume).